



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA



SOLANGE RODOVALHO LIMA

MEMORIAL PARA PROMOÇÃO À CARREIRA DE TITULAR

**Trilhas e partilhas na jornada de uma professora em
movimento**

UBERLÂNDIA

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA

SOLANGE RODOVALHO LIMA

MEMORIAL PARA PROMOÇÃO À CARREIRA DE TITULAR

**Trilhas e partilhas na jornada de uma professora em
movimento**

Memorial descritivo, apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para Promoção da Classe de Professora Associada IV para a Classe de Professora Titular, da Carreira de Magistério Superior, conforme a portaria do Ministério da Educação 982/2013, as Resoluções nº 3/2017 e nº 5/2018, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

UBERLÂNDIA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

L732m Lima, Solange Rodovalho.
2025 Memorial para Promoção à Carreira de Titular [recurso eletrônico] : trilhas e partilhas na jornada de uma professora em movimento / Solange Rodovalho Lima. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe D - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5193>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

Comissão Especial de Avaliação

Prof. Dr. Helder Eterno da Silveira
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Profª. Dra. Enicéia Gonçalves Mendes
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Profª. Dra. Eliana Lúcia Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Profª. Dra. Aline da Silva Nicolino
Universidade Federal de Goiás (UFG)

DEDICATÓRIA

Para as mulheres professoras, que acreditam no poder do ato de ensinar para transformar vidas e transformar o mundo.

Para as mulheres mães, tias e avós de pessoas com deficiência e transtorno do espectro autista, que com muito afeto e cuidado, nos ensinam o amor altruísta.

Para Jarbas, pai dedicado, amoroso, parceiro, confidente e amante companheiro.

Para Vinícius e Nicolas, filhos amorosos, homens íntegros. Razão, orgulho e cor de minha existência.

Para minha Mãe (em memória) que não teve oportunidades de se escolarizar para expressar sua sabedoria nos registros escritos.

Para Meu Pai (em memória) homem inteligente, íntegro, autodidata e sábio, me ensinou a importância do estudo e muito além do que ele poderia presumir.



AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Jarbas Dutra Lima e aos meus filhos Vinícius e Nicolas, pelo apoio a minha jornada e que em muitos momentos, em razão de minhas atividades acadêmicas e profissionais, privaram-se de minha companhia.

Ao professor Dr. Helder Eterno da Silveira e às professoras Dra. Enicéia Gonçalves Mendes, Dra. Eliana Lúcia Ferreira, Dra. Aline da Silva Nicolino, que gentilmente aceitaram o convite para participarem da comissão especial de avaliação deste memorial.

Às docentes e aos docentes da FAEFI/UFU, pela convivência, aprendizado e partilhas! Em especial à Professora Dra. Marina Ferreira de Sousa Antunes, exemplo de compromisso e dedicação ao serviço público e pela parceria no PIBID e à Professora Dra. Rita de Cássia Fernandes, pelo apoio e colaboração no PAPD.

Às servidoras e servidores da FAEFI/UFU e às trabalhadoras/prestadoras de serviço, pela colaboração fornecendo as condições para realização das ações de ensino e extensão que conduzi. Em especial à colega Izaura de Menezes Medeiros, pela parceria no PAPD e ao Marcelo Stopa Gomide, pela ajuda com os equipamentos e recursos de TI.

Ao professor Dr. Alberto Martins da Costa, pelos ricos momentos de aprendizagem e pelo incentivo aos estudos e ao trabalho com as pessoas com deficiência.

Aos/às estudantes e egressos/as do curso de Educação Física, para os quais fui professora e que, com vontade de aprender, me estimularam a seguir aprendendo e me dedicando a ser melhor em minha prática pedagógica.

Às professoras e aos professores (supervisoras e supervisores) do Pibid Educação Física, pelo trabalho e luta pela qualidade da educação pública.

Às pessoas com deficiência e com espectro do autismo, do Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência, com quem aprendo a ser melhor em minha vida profissional e pessoal.

Às professoras e aos professores, que colaboraram em minha formação, na educação básica, na graduação e pós-graduação.

À Prisciele Bottaro de Melo, mulher/professora, nora afetuosa, pelo apoio e carinho/amor ao meu filho e à minha família!

Às pessoas não citadas, mas que me acompanharam nesta jornada, agradeço o apoio, em momentos do caminho trilhado.

Gratidão!!!

RESUMO

Este memorial acadêmico cumpre requisitos para promoção da classe de professora associada IV para a classe de professora titular, na Universidade Federal de Uberlândia. Seu objetivo é discorrer sobre minha trajetória acadêmico-profissional em que trilhas foram percorridas e partilhadas com muitas companheiras e companheiros, reafirmando meu desejo em me constituir professora, experimentando o sabor de ensinar e aprender. Nele estão registrados aspectos essenciais que revelam muito de minha constituição, que ao longo do tempo, foram conectando minha caminhada pessoal, acadêmica e profissional e minha contribuição ao serviço público. Escrever este Memorial foi um desafio necessário e evidenciou que as diferentes dimensões vivenciadas como servidora pública foram me determinando, reafirmando meu lugar no mundo do trabalho. Neste memorial resgato minha jornada, iniciando por minha infância, passando pela educação básica, graduação e pós-graduação e a conexão desta formação com minha carreira docente. Na universidade pública, atuando no ensino, na pesquisa, na extensão e gestão, ao longo de quase dezessete anos, meu propósito foi agir em conformidade aos princípios éticos do serviço público. Procurei atuar lutando em defesa da educação pública e gratuita e para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa, onde a pluralidade de ideias, o respeito às diferenças humanas, sejam a base ao Estado Democrático de Direito.

Palavras-chave: Docência; Prática Pedagógica, Universidade Pública.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Iniciando a jornada	11
3 O Curso de Educação Física e as Primeiras Experiências na Docência	19
3.1 Uma professora em formação.....	25
3.2 Docência na Educação Básica.....	47
4 Trilhas e partilhas profissionais e a formação continuada.....	59
5 Jornada na universidade pública	71
5.1 Docência na Graduação	72
5.2 Ensino, pesquisa, extensão e gestão	91
5.2.1 Atividades de ensino	91
5.2.1.1 Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI.....	92
5.2.1.2 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID... ..	94
5.2.1.3 Projetos de Bolsas de Graduação/Programa Bolsas de Ensino	104
5.2.2 Atividade de Pesquisa	108
5.2.3 Atividades de Extensão	113
5.2.3.1 Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD)	116
5.2.3.2 Peic Atletismo Escolar	148
5.2.3.3 Festival de atletismo	150
5.2.3.4 Programa de Atividades Formativas Complementares do Curso de Licenciatura em Educação Física – Prolicef/UFU.....	158
5.2.4 Atividades de Gestão.....	171
6 Produções escritas	173
6.1 Livros organizados	173
7 Considerações finais	176
Referências	178
Anexos.....	181
1 Artigos publicados	181
2 Trabalhos técnicos	182
3 Palestras/cursos ministradas/os	185
4 Participação em bancas	186

1 Introdução

*Gastei uma hora pensando no verso
Que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
Inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
E não quer sair.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira*

Carlos Drumond de Andrade

A escrita deste memorial foi uma etapa preciosa e muito importante em minha vida, embora tenha sido um processo desafiador e inicialmente permeado por dúvidas. Como materializar na escrita uma história de vida que se constituiu em tantas trilhas e partilhas com tantas pessoas? Sem convicção do caminho a ser seguido fui buscando em minha memória, minhas histórias e, fui ratificando minha compreensão sobre o entrelaçamento do pessoal com o profissional que houve em muitos momentos nesta jornada. Foram muitas experiências, conquistas e realizações. Nem todas em caminhos floridos e perfumados, mas rememorá-las me trouxeram boas reflexões e emoções, ora alegres, ora nem tanto.

Este memorial acadêmico, cumpre requisitos para promoção da classe de professora associada IV para a classe de professora titular, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ele atende às Resoluções nº 03/2017 e nº 5/2018, do Conselho Diretor e será apresentado após a avaliação do relatório de pontuação da referida resolução, apreciado e aprovado pelo Conselho da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia.

O objetivo é discorrer sobre minha trajetória acadêmico-profissional em que trilhas foram percorridas e partilhadas com muitas companheiras e companheiros, reafirmando meu desejo de me constituir professora, experimentando o sabor de ensinar e aprender. Nele estão registrados aspectos essenciais que revelam muito de minha constituição, que ao longo do tempo, foram conectando minha caminhada pessoal, acadêmica e profissional e minha

contribuição ao serviço público. Ele representa o coroamento de uma trajetória de escolhas e feitos possíveis, que culminaram na construção de minha carreira dedicada à docência e à formação de professoras e professores.

Não segui uma cronologia exata nem a linearidade dos acontecimentos, pois muitas realizações e fatos foram concomitantes e interligados e necessitaram um ir e vir no texto.

O memorial está estruturando em quatro partes. A primeira, intitulada iniciando uma jornada, relata um pouco de minha vida pessoal e minha escolarização na Educação Básica.

A segunda parte, intitulada o curso de Educação Física e as primeiras experiências profissionais, mostra meu percurso acadêmico no ensino superior na Universidade Federal de Uberlândia

A terceira parte, jornada na universidade pública, revela minha trajetória profissional na Universidade Federal de Uberlândia e minha contribuição ao serviço público. Nesta parte relato minha atuação na graduação, e as ações no ensino, pesquisa, extensão e gestão.

Na quarta parte, estão relacionados os livros organizados e capítulos de livros escritos ao longo de minha trajetória profissional.

Nas considerações finais, reflexões sobre minha contribuição ao serviço público.

Nos anexos estão listados os artigos publicados, os trabalhos técnicos, palestras e cursos ministrados e a participação em bancas de avaliação de dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*.

2 Iniciando a jornada

Sou a oitava e penúltima filha de Nair Ferreira Rodovalho (1931-2014) e Sudário José Rodovalho (1931-2012), que se casaram muito jovens e tiveram cinco filhas e quatro filhos, o mais velho só conheci pelas histórias de minha mãe, pois faleceu aos nove anos de idade, devido à falta de atendimento médico, após ser picado por uma cobra.

Nasci em 18 de novembro de 1963, pelas mãos de uma parteira, como todos os partos de minha mãe e como era o costume na zona rural do interior do Estado de Goiás. Até os onze anos de idade vivi na fazenda de meus pais, no município da pequena Davinópolis/Go, próxima ao rio Paranaíba, divisa com o Estado de Minas Gerais. Nossa casa possuía um quintal bem grande, com muitas árvores frutíferas e bem próximo um canavial e uma plantação de mandioca que, pelas mãos de minha mãe, se transformava em farinha e polvilho. Perto da casa, dois currais para o gado, chiqueiros e mangueiro para os porcos. Na frente da casa, muitas árvores e um terreiro de chão batido, locais para nossas brincadeiras na infância, como, pique-esconde, pique-pega, carimbada e futebol e nas noites de primavera e verão era onde corríamos para capturar vagalumes/pirlampoms, cantando alegremente “Vagalume tun tun, sua mãe tá aqui, seu pai tá ali”.

Com alguns irmãos, primos e vizinhos, minha rotina era de muito movimento, aventuras e travessuras, em atividades corriqueiras para a criançada da roça. Algumas delas inesquecíveis, como construir “casinhas” com pedaços de árvores e folhas de bananeiras, colhidos por nós, “nadar” em córregos, subir em árvores, andar a cavalo mesmo sem sela e/ou o freio, correr atrás de porcos e galinhas e fugir de vacas bravas. Ao cursar Educação Física, comprehendi o quanto estas experiências, foram essenciais em meu comportamento motor e com minha vontade de estar sempre em movimento, especialmente nas brincadeiras com minha irmã Lucy, a caçula.

Figura 1 – Eu e minha irmã Lucy¹



Na fazenda, além de tempo para brincar, desde muito cedo participava de algumas tarefas, como alimentar porcos, galinhas e animais domésticos, colher verduras na horta, descarregar algodão e ligar ou desligar a bomba d'água, que conhecíamos como “carneiro”, instalada em um córrego, distante em torno de 800m da casa e cujo caminho era numa trilha em terreno bem íngreme.

Com nove anos de idade já sabia selar e montar a cavalo e antes do final do dia, em companhia de um cachorrinho caramelinho, campeava as vacas leiteiras no pasto para serem apartadas dos bezerros e ordenhadas no dia seguinte. A ordenha iniciava-se antes do sol raiar e era feita por minha mãe, com ajuda de trabalhadores da fazenda, muitas vezes debaixo de chuva, enquanto meu pai ia para Davinópolis, onde trabalhava como secretário na prefeitura municipal.

Aos domingos, no final da tarde, após a separação das vacas leiteiras dos bezerros e a alimentação aos animais, íamos passear na cidade e meus pais nos presenteavam com balas e pirulitos e algumas moedas. No início da noite

¹ Todas as fotos, sem citação de fontes, são de arquivo pessoal da autora.

seguíamos para o centro espírita, onde ele coordenava as reuniões. Ele nos colocava sentados em um banco próximo à mesa onde ele lia trechos do evangelho e refletia sobre eles, falando sobre o amor ao próximo, honestidade, esperança e resignação diante das dificuldades. Ao longo de minha vida, o vi lendo livros espíritas e ouvia dele estas mensagens.

Em minha adolescência, com a rebeldia e as contestações comuns nesta etapa da vida, comecei a questionar em meus pensamentos, o sentido de suas falas, querendo nos educar com suas mensagens e com rigor para agirmos com retidão, o que me parecia incoerente com a sua ausência em nosso dia a dia. Só mais tarde, comprehendi que ele agia conforme suas crenças e visão de mundo e a pouca presença se dava em função de suas atividades laborais. Se por um lado, a forma de nos educar serviu para eu me tornar uma pessoa responsável e íntegra, sensível às dificuldades alheias, por outro me tornou muito séria, autorreguladora e com dificuldades para manifestar afeto, questões que ao tomar consciência, comecei a mudar e sigo nesta direção.

Ingressei no pré-primário aos seis anos de idade, em uma escola próxima à fazenda, onde cursei até a terceira série. Na escola, uma única sala, comportava duas séries em cada turno, uma de cada lado e a professora Berenice, dividia o quadro em duas metades e nele escrevia os conteúdos e tarefas para as duas turmas e se esforçava para conseguir ensiná-las ao mesmo tempo. Para manter a meninada atenta e disciplinada, ela tinha seus métodos tradicionais: obediência sob a pedagogia do chinelo e que, infelizmente, ninguém ousava questionar por serem naturalizados à época e num tempo em que o/a professor/a era respeitado/a como a autoridade máxima da sala de aula.

Com a curiosidade própria de uma criança, rapidamente aprendi a ler e a escrever e atribuo esta facilidade não só ao encantamento pelo novo ou à escola e à professora, mas ao contato prévio com a cartilha Sodré e cadernos de minhas irmãs e meus irmãos, que já estudavam. Esta cartilha foi meu primeiro e único livro impresso, durante o primário. Mesmo a cartilha sendo usada e um pouco gasta pelo tempo, me encantava ver a capa com aquela menininha sorridente, com cabelo dividido ao meio e duas tranças amarradas com lindos laços. Como

esquecer as lições da pata que nadava e da Aranha que arranhava? Nesta cartilha fui alfabetizada pelo método silábico.

Figura 2 - Cartilha Sodré



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Capa-e-pagina-interna-da-Cartilha-Sodré-fig1_329712448

Cursei a quarta série em outra escola também na zona rural e com sala única, que funcionava em um rancho de chão de terra batida, com as paredes e a cobertura com folhas de babaçu. Sentávamo-nos em duplas ou trios, em bancos de madeira e em bancadas fixas ao chão, para apoiar os cadernos. A professora era minha irmã Cirene, que também dividia o quadro para o terceiro e o quarto anos primários.

Íamos à escola a pé, por estrada e trilhas de terra e alguns trechos com bastante cascalho, o que não era incômodo, pois os pés acostumados a andarem descalços eram calejados. Passávamos debaixo de cercas de arame, pontes estreitas, conhecidas como pinguela, que exigiam cuidado e bastante controle corporal para não desequilibrar e cair nas grotas ou córregos. No inverno o capim alto cobria alguns trechos da trilha e era rotina chegar com a roupa molhada na escola. Comum, também, era desviar e/ou fugir de vacas

bravas, o que para nós era só mais uma aventura, contada com orgulho em casa e na escola.

O recreio escolar era de muito movimento e tempo suficiente para as brincadeiras e o lanche preparado por duplas de alunos/as sorteados/as pela professora e, em geral sopa com verduras levadas pelas crianças ou leite com trigo, fornecidos pelo município. As brincadeiras eram variadas: carimbada no campo de terra, pique-pega e pique-esconde, que envolvia subir e descer de árvores. Não eram raros os atritos entre a molecada mais nervosa e agitada.

Como nas escolas da zona rural, só era ofertada as quatro primeiras séries, em 1975 eu e meu irmão Axi (que apesar de ser um ano mais velho, havia sido reprovado na quarta série) fomos estudar na quinta série no ginásio municipal Jerônimo David de Sousa, em Davinópolis. Durante a semana morávamos com nossa irmã Elza e, aos finais de semana voltávamos para a fazenda.

No segundo semestre daquele ano, meu pai decidiu nos levar para uma cidade maior, que tivesse faculdade, pois ele dizia que nos queria formados. Escolheu Uberlândia por estar a cerca de 150 km da fazenda, portanto mais próxima do que Goiânia/GO. Meu pai, apesar de ter sido escolarizado só até a oitava série, acreditava no valor da educação para “vencer na vida”. Assim, eu, minha irmã caçula, Lucy, e dois irmãos (Axi e Eli) nos mudamos com minha mãe para Uberlândia. Fomos morar no bairro Bom Jesus, próximo à BR 365, em uma casa alugada que ficava em um terreno com outras duas casas. Nossa casa tinha sala, cozinha e dois quartos e do lado de fora um pequeno banheiro e uma lavanderia. Era uma casa bem simples, pouco arejada e sem conforto térmico. Para amenizar o calor enchia o tanque de lavar roupa com água fria e nele me refrescava.

Foi um período muito difícil, pois sentíamos falta da vida na fazenda, onde tínhamos espaço e áreas verdes para circulávamos o dia todo, de pés no chão, em conexão com a terra. Meu pai seguiu morando na fazenda e vinha semanalmente para Uberlândia, o que acarretou à minha mãe a quase total responsabilidade com nossa educação e cuidado. Ela, em sua simplicidade e submissão, acreditava que tinha que cumprir seu papel de esposa e mãe e

assim, cuidar dos filhos e dedicar-se os serviços domésticos. Não tinha condições de pensar em escolhas contrárias a estes papéis, que por longos anos, numa sociedade predominantemente patriarcal, foram naturalizados como pertencentes exclusivamente às mulheres, que deveriam ser obedientes e recatadas donas de casa.

Eu e meu irmão Axi, ingressamos na Escola Estadual 13 de Maio. Juntos, íamos e voltávamos da escola. No ano seguinte, fomos para a sexta série e seguimos estudando no turno matutino, com as aulas de Educação Física, no contraturno.

Nossas férias escolares eram na fazenda com tudo que gostávamos, ou seja, a vida no campo com o pé na terra. Nas primeiras férias de julho de 1976, dia 26, véspera de nosso retorno para iniciar o segundo semestre letivo, meu irmão Axi sofreu um acidente com uma arma de fogo (espingarda) e faleceu. Foi um choque para nossa família. Minha mãe, mergulhada em uma tristeza profunda, desolada com a morte de outro filho, mas resiliente, voltou conosco para Uberlândia para seguirmos nossa jornada. Senti muito a ausência de meu irmão, especialmente no trajeto à escola e na sala de aula.

No início do ano seguinte, meus pais compraram uma casa, com financiamento habitacional e nos mudamos para o bairro Tibery, na época periferia da cidade. A casa era simples, mas bem maior e mais confortável que a anterior. Estava em uma rua sem asfalto e sem iluminação. Felizmente a cidade era tranquila e com pouca violência urbana, realidade muito diferente da que vivemos hoje.

Com esta mudança, fui estudar na Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco, no mesmo bairro. Lá cursei a sétima série e a primeira metade da oitava série, no turno da manhã. À tarde, duas vezes por semana, voltava para as aulas de Educação Física, com a professora Maria Elisa, com quem vivenciei esportes como handebol e voleibol, além de jogos e brincadeiras que estimulavam nossas habilidades motoras.

Nesta época, minha mãe, acostumada a trabalhar na fazenda e buscando completar o valor que recebia de meu pai e que segundo ela, era insuficiente para nossas despesas, começou a fazer quitandas para vender em bares e

armazéns do bairro. Seguindo o exemplo dela, também queria ter meu dinheiro e quando cursava a oitava série, no início do segundo semestre de 1978, aos quatorze anos, comecei a trabalhar como caixa em uma loja materiais de construção no centro da cidade e passei a estudar à noite na Escola Estadual Ederlino Lanes Bernardes. Poder trabalhar, foi uma forma de ter mais liberdade e conviver com outras pessoas, o que colaborou com meu amadurecimento e me deu certa autonomia financeira. Não precisava pedir dinheiro para meu pai.

No ano de 1979, ingressei no ensino médio (segundo grau, na época) na Escola Estadual José Inácio de Sousa e, logo no início do ano, foi deflagrada a greve dos profissionais da rede estadual de educação de Minas Gerais e Uberlândia, também foi palco deste movimento. Na época, o Brasil passava por profundas transformações como o processo de reabertura democrática, desde a ditadura decorrente do golpe militar de 1964, que representou um retrocesso no processo civilizatório, com a perda do estado democrático de direito.

Apesar do autoritarismo e intensa repressão social, política e econômica, por parte dos militares que governavam o país desde o golpe, a classe trabalhadora descontente, encontrou formas de resistir, especialmente nos anos de 1978 e 1979, quando recrudesce os movimentos de protestos e resistência de trabalhadores de diferentes regiões do País, especialmente nas capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. "... os trabalhadores, buscam formas alternativas de manterem-se vigilantes contra a opressão e também contra a exploração do capital sobre suas vidas" (Amaral, 1999, p. 13). Segundo esta autora, 1979 foi o "Ano em que a greve dos professores públicos do Estado de Minas Gerais, juntamente com outras mais de 400 greves de trabalhadores que se espalharam por todo o País" (p. 15). Uberlândia foi palco deste movimento e diferentes categorias de trabalhadores realizaram mobilizações ou greves, como bancários e professores da rede estadual.

Tida como terra de um povo trabalhador e empreendedor, a cidade, nos anos em questão experimentava um crescimento acelerado e voltado para a formação de um dos maiores centros urbanos no interior do país e que recebia as informações e influências dos "ventos democráticos" das grandes capitais como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, entre outras. Se, por um lado, até meados de 70 a cidade podia ser

considerada uma província, dominada pelos grandes latifundiários, tidos como "coronéis" da política local, os quais eram responsáveis e, por assim dizer, a expressão de toda e qualquer organização social ou política do município, por outro lado, paralelamente às grandes mudanças que estão ocorrendo no país, a cidade de Uberlândia, através de seus trabalhadores, "desperta" para as questões gerais, como: democracia, liberdade de expressão e organização, dentre outros (Amaral, 1999, p. 40).

A greve dos profissionais de educação, em 1979, paralisou as aulas na rede estadual de ensino de Uberlândia, num contexto em que acontecia em âmbito nacional o

...enfrentamento total às questões sociais de sobrevivência, como, moradia, melhores salários, bens públicos coletivos e, também, pelo lado ideológico, buscando liberdade de expressão, organização, democracia, respeito aos direitos humanos, entre outros é que os professores se dispuseram a se organizarem (Amaral, 1999, p. 44).

Nesta época já havia um movimento de universalização da educação, para enfrentamento do alto índice de analfabetismo que prevalecia no país até os anos de 1970. As escolas públicas eram consideradas de melhor qualidade e porto seguro para a educação dos filhos e, as escolas privadas, com raras exceções, ofereciam um ensino de baixa qualidade. O ditado popular era "pagou passou". Com receio que a greve durasse muitos meses e comprometesse o ano escolar e sem nenhuma consciência da importância do movimento grevista, procurei o colégio Promove, uma das escolas privadas que gozavam de melhor prestígio pela qualidade do ensino. Fui até o diretor, expliquei que queria estudar ali, mas precisava de desconto. Obteve 50% de redução no valor da mensalidade e convenci meus pais que era melhor me transferir para esta escola, onde conclui o primeiro ano do segundo grau, no período noturno, pois ainda trabalhava.

No ano seguinte deixei de trabalhar para me dedicar só aos estudos, pois pensava em prestar vestibular para medicina, mas no 3º ano, passei a pensar em outros cursos e na possibilidade de sair de Uberlândia, para viver a experiência de morar fora da casa dos pais.

Ao concluir o ensino médio, me inscrevi no vestibular na Universidade Federal de Goiás (UFG) no curso de Nutrição, pois não me sentia confiante para disputar uma vaga no curso de medicina, que naquela época já era o de maior relação candidato por vaga. Vinha de uma jornada intensa de estudos e no final do ensino médio, comecei a ter crises recorrentes de enxaqueca, que comprometeram minha capacidade de estudar e meu sucesso no vestibular, fato que acabou influenciando no adiamento do plano de sair de casa. No semestre seguinte, consegui uma bolsa de estudos integral no curso pré-vestibular, do colégio Promove, onde havia concluído o ensino médio.

3 O Curso de Educação Física e as Primeiras Experiências na Docência

Meu interesse em cursar Educação Física, surgiu fortuitamente em uma conversa com uma colega que era estudante do curso na UFU, sobre o seu funcionamento. Mas confesso que ser professora, a princípio, não estava em meu horizonte. Não contei a meus pais minha opção naquele momento, pelo receio da não aprovação à minha escolha, pois em nossas conversas sobre profissões, eles se posicionavam favoráveis aos cursos de engenharia ou medicina.

O vestibular para ingressar no curso de Educação Física no Brasil, até início dos anos 1990, incluía um teste de aptidão física. Esta exigência refletia a concepção de Educação Física, predominante até os anos de 1980, que se baseava na aptidão física e que foi objeto de crítica nesta década, por autores como Tafarel, Bracht, Kunz, Betti entre outros. Estes autores defendiam que, para além do desempenho e performance física, esta área deveria primar por formar pessoas conscientes para agir criticamente, buscando transformar a realidade social, em busca de uma sociedade mais justa e equitativa. Na UFU o referido teste era composto por corridas de velocidade e de resistência, saltos em distância e em altura, arremesso de peso e nadar 25 metros. Sabia nadar, razoavelmente, decorrente das experiências nos córregos da fazenda, mas sem nenhuma técnica, e por pouco, não fui reprovada no teste por causa da natação.

A divulgação da lista de aprovados no vestibular, era via emissoras de rádios locais. Ouvir meu nome foi emocionante e só após o resultado contei à minha família, minha opção por Educação Física. Se por um lado, especialmente meu pai mostrou-se decepcionado com minha escolha, por outro, ficou contente, por eu ser a primeira da família a ingressar em uma universidade.

Iniciei o curso de Graduação em Educação Física – Licenciatura Plena, na denominada “Escola Superior de Educação Física” na UFU em agosto de 1982, em uma turma de vinte ingressantes. O curso era no período noturno e o currículo vigente desenvolvido em seis períodos (três anos) com carga horária de 2230h/a. Neste currículo, a disciplina futebol era destinado aos homens, enquanto rítmica só às mulheres. A vivência na Educação Básica era apenas na disciplina Prática de Ensino da Educação Física, com carga horária de 120h e as atividades de pesquisa praticamente inexistentes.

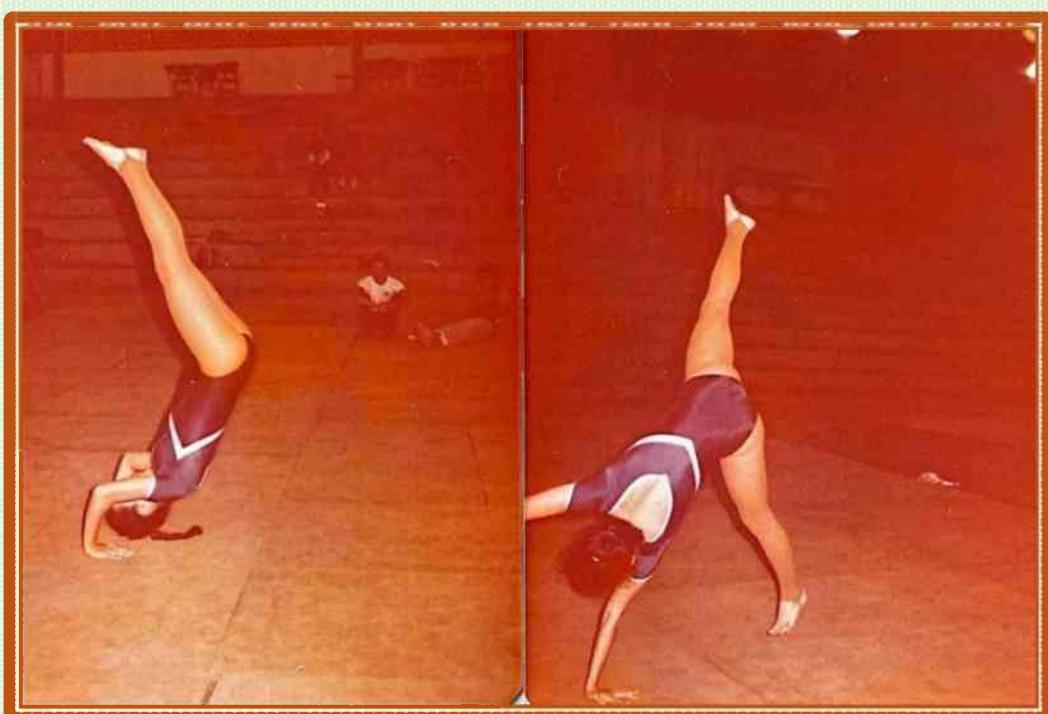
Logo na primeira aula, em uma roda de conversa, nas apresentações iniciais, ao relatar os motivos pela escolha do curso, lembro de dizer que não gostaria de ser professora de Educação Física em escolas, o que foi mudando à medida em que avançava no curso e ia experimentando vivências com crianças e adolescentes. Nossa turma era pequena e a interação entre todos/as foi rapidamente estabelecendo-se, o que colaborou para eu achar o curso mais interessante.

Figura 3 - Aula de primeiros socorros com colegas e o prof. Baraúna



Inicialmente, as aulas mais motivadoras e desafiadoras eram as de cunho teórico prático como as de ginástica e recreação.

Figura 4 – Eu na aula de Ginástica Olímpica, 1983



Como o curso era no turno noturno, ao concluir o primeiro período, voltei a trabalhar durante o dia em uma empresa de crédito ao consumidor. Com meu salário pagava minhas despesas pessoais, sem recorrer à ajuda financeira de meus pais. Durante um ano e dois meses, conciliei as demandas do curso com o trabalho.

Como a maioria dos cursos de Educação Física do país, nos anos de 1980, nosso currículo era pautado pela subárea biodinâmica do movimento, com foco no esporte e na racionalidade técnico-instrumental, com poucos componentes voltados às subáreas pedagógica e sociocultural. À medida que fui avançando no curso, as questões relacionadas à subárea pedagógica da Educação Física e neste contexto os debates sobre a Educação Física Escolar, passaram a me interessar. Nesta época o estágio no contexto escolar reduzia-se a um componente curricular de 60 horas, o qual cumpri na Escola de Educação Básica da UFU (Eseba/UFU) com a supervisão da professora Eliane Vieira.

No terceiro período, senti a necessidade de “beber” de fontes que me ajudassem a ter uma melhor compreensão sobre questões socio-pedagógicas, o que me levou a prestar o vestibular para Pedagogia - supervisão escolar na UFU (nesta época era permitido ocupar duas vagas). Com a aprovação, parei de trabalhar e ingressei neste curso, no turno matutino, no Campus Santa Mônica.

Figura 5 – Entrada Campus Santa Mônica/UFU, Av. João Naves



Fonte: Ana Maria da Silva, 2023

Frequentei os dois cursos em concomitância por dois semestres (1984-2/1985-1). Ao concluir Educação Física, em julho de 1985, transferi-me para o curso de Pedagogia no noturno. Os textos e livros de autores da área da Educação, como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Demerval Saviani, Luiz Carlos Freitas e José Carlos Libâneo, entre outros, discutidos nas aulas, me possibilitaram uma visão mais crítica sobre questões sociopolíticas e pedagógicas que complementaram minha formação em Educação Física.

Desde o início do curso de Educação Física, procurei participar de outras atividades além das aulas, como colônia de férias, ruas de lazer, gincanas esportivas e projetos de extensão. No 4º período, participei em um projeto na faculdade, que ofertava aulas de natação para a comunidade. Nele ministrava as aulas para crianças e adolescentes em parceria com a colega de turma, Cláudia Luz. A remuneração recebida no projeto era pequena, mas ajudava muito no pagamento de minhas despesas pessoais. A partir desta experiência aceitei uma oferta de emprego na escola de natação Nade Bem, onde permaneci ministrando aulas até o final do ano de 1985. Nesta época não havia exigência da conclusão do curso para ministrar aulas de natação ou de qualquer outra modalidade esportiva.

Outra experiência marcante em minha formação surgiu a partir da disciplina fisioterapia, no quarto período do curso, quando tive a primeira vivência com pessoas com deficiência em um estágio extracurricular no setor de fisioterapia da faculdade". Nele, pessoas da comunidade em tratamento para lesões neurológicas e/ou ortopédicas e pessoas com deficiência física do projeto de extensão "Projeto Macro ciclo de Treinamento Aplicado ao Deficiente Físico" tinham acesso ao tratamento para reabilitação. No projeto eram desenvolvidas psicomotricidade e atividades esportivas, como natação, atletismo e basquetebol sobre rodas. Esta experiência, além das aulas e atividades curriculares, foi muito importante para minha formação e para eu ter, cada vez mais, certeza que havia escolhido bem o curso e que queria atuar com pessoas com deficiência.

Ainda cursando Educação Física fui convidada por Vital Severino Neto, um servidor da UFU, com outras duas colegas de turma (Patrícia Freitas e Cláudia Luz) para atuar na iniciação esportiva, com um grupo de pessoas com

deficiência visual (DV) que queria participar de competições, em âmbito regional e nacional. Em decorrência desta experiência, participei na fundação da Associação dos Deficientes Visuais do Triângulo Mineiro (ADEVITRIM) no ano de 1984 e na elaboração de seu estatuto, cujo primeiro presidente foi seu idealizador e quem havia nos convidados para iniciar o trabalho. A criação desta associação foi necessária para filiação e inscrição das pessoas com DV em competições esportivas.

Nesta associação, atuei na equipe de atletismo, composta por cerca de oito pessoas com cegueira ou baixa visão, que treinavam diariamente das 6h às 7h30 da manhã. Por ser um trabalho totalmente novo, implicando conhecimentos sobre deficiência que não eram tratados no curso e pelo fato de não haver materiais bibliográficos em língua portuguesa para subsidiar nossa atuação, esta experiência foi desafiadora. O que havia aprendido no estágio extracurricular, já mencionado, restringia-se à reabilitação na fisioterapia de pessoas com deficiência física e, apesar de ser desenvolvido no Campus Educação Física, onde já havia um projeto com pessoas com deficiência física, não contamos com a orientação de docentes do curso.

Nas primeiras aulas, as conversas com o grupo, especialmente com Vital, que já tinha conhecimento sobre algumas modalidades praticadas por pessoas com DV, foram fundamentais em nossa forma de atuar. Partindo do que tínhamos aprendido no curso, fomos adequando os procedimentos de ensino, para facilitar a percepção e compreensão do grupo acerca das informações necessárias ao ensino e aprendizagem das atividades. Aprendemos que, ao invés da demonstração por meio de gestos, deveríamos usar a orientação verbal detalhando o passo a passo dos movimentos, para que eles/elas compreendessem como realizar os exercícios.

Posteriormente, nos eventos esportivos em diferentes regiões do país, observava e conversava com outros/as técnicos/as que já atuavam há mais tempo na área, como o professor Paulo Miranda do Instituto Benjamim Constant (IBC) que infelizmente faleceu em 2024. Assim, fui aprendendo outras formas e procedimentos para desenvolver as atividades.

3.1 Uma professora em formação

Fui a primeira pessoa de meu núcleo familiar a ingressar e a me formar no ensino superior e isto era motivo de muito orgulho e gratidão para mim e meus pais. Eles, ao longo de meu percurso na graduação, conheceram sobre o curso que eu havia escolhido e passaram a reconhecer sua importância. Me formar em Educação Física no ano de 1985, foi sem dúvida uma grande conquista e obter a carteira de licenciada no curso foi motivo de orgulho.

Figura 6 – Diploma do curso de Educação Física



Figura 7 – Carteira licenciada em Educação Física



Na época em que conclui o curso, era comum uma cerimônia de colação simbólica de grau na FAEFI, com a presença de representantes dos conselhos da UFU, professores/as e técnicos/as do curso. Após o ceremonial protocolar, apresentamos às pessoas presentes, uma coreografia em forma de dança, a qual havia sido ensaiada durante boa parte do último semestre no curso. Nesta celebração tive a honra de representar minha turma na homenagem direcionada aos pais. Pude mostrar aos meus pais a importância deles em minha jornada para me formar na universidade.

Figura 8 – Proferindo homenagem aos pais em colação de grau, 1985

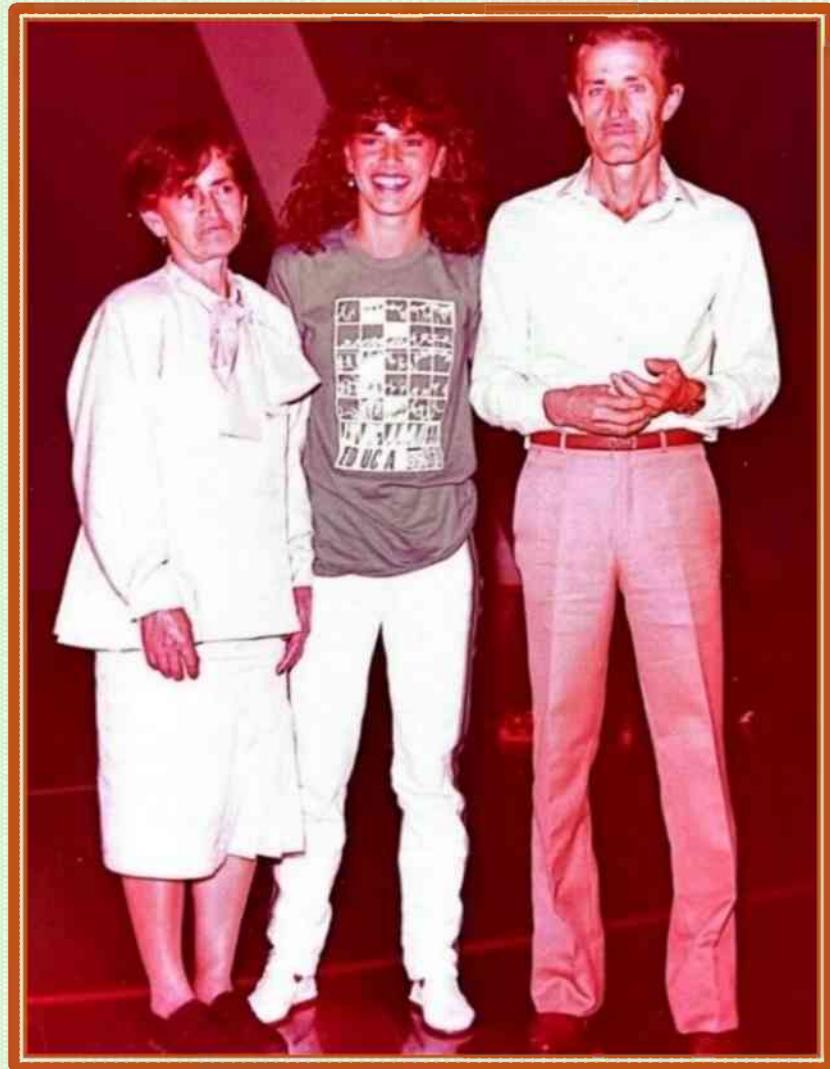


Os Padrinhos de nossa turma foram o professor Hugo Soares e a professora Sueli de Paula, de quem tive a honra de receber o “diploma”.

Figura 9 – Recebendo o “diploma”



Figura 10 – Com meus pais na colação de grau simbólica



Foram homenageados por nossa turma, os/as professores/as: João Tannus, Tereza Zanata, Marina Borges, Leda Bonfim, Neuza Barbosa, Vander Fagundes (Pio) e o senhor Marinho, auxiliar de serviços gerais.

Figura 11 – Professores/as e servidor homenageados/as



Logo após concluir o curso, fui com a equipe técnica da ADEVITRIM para os I Jogos de Cegos da região leste, promovidos pela Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (ANDE) na cidade do Rio de Janeiro. Como algumas equipes ficaram alojadas no Instituto Benjamim Constant (IBC), tive a oportunidade de conhecer aquele prédio imponente, de estilo neoclássico, construído em 1854, na praia vermelha e onde desde o ano de 1891, funciona a primeira escola para pessoas com deficiência visual, no Brasil. A grandiosidade da construção, com suas salas e alojamentos enormes, me impressionaram. Lá também conheci a impressora *Braille* e os materiais produzidos (textos em *Braille*, mapas em alto relevo etc.) utilizados na educação dos/das alunos/as de diferentes locais do país, que ali estudavam, muitos deles/delas em regime de internato, longe de suas famílias.

As provas de atletismo foram realizadas na Escola de Educação Física do Exército, no bairro da Urca. Foi emocionante conhecer o local que faz parte da história de Educação Física no Brasil e observar sua excelente infraestrutura e beleza, que naquela época já não era a realidade da grande maioria dos locais em que funcionavam os cursos de Educação Física.

Havia equipes de várias regiões do país e durante os jogos íamos com elas, no ônibus da organização do evento, para a sede do clube de Regatas do

Flamengo, local dos jogos de futsal. No trajeto, várias ruas e praias, conhecendo um pouco “cidade maravilhosa”. No ônibus, os/as atletas cantavam animadamente músicas da época. Participar do evento e acompanhar seus diferentes momentos foi uma experiência inesquecível, especialmente por conhecer vários outros/as professores/as técnicos/as das equipes e por ser minha primeira viagem com o grupo e para participar com eles em uma competição. Nesta viagem pude observar a independência dos/das atletas com DV, para as atividades de vida diária. Nada disso, poderia aprender em livros ou palestras.

No final de 1985, concomitante à atuação na ADEVITRIM, saí da escola Nade Bem e fui trabalhar na Nade, outra escola de natação, que era mais próxima à minha casa. No ano seguinte, prestei um processo de seleção de professores/as de Educação Física, na Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social (SEMTAS) na Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). Passei a ministrar aulas em um projeto da gestão progressista do Partido Municipalista Democrático Brasileiro (PMDB) cujo prefeito era Zaire Rezende, que administrou o município com o lema Democracia Participativa (1983/1988). O projeto desenvolvido por uma equipe multidisciplinar, tinha por objetivo atender, no contraturno da escola, crianças e adolescentes filhos/filhas de trabalhadores/as, em sua maioria empregadas domésticas e trabalhadores da construção civil.

Compunham o projeto três unidades de orientação ao menor (UOMEN) nos bairros Jardim Brasília, Operário e Tibery e quatro centros de formação (CF) ao menor, nos bairros: Marta Helena, Roosevelt, Santa Luzia e Segismundo Pereira. As três UOMENs tinham melhor infraestrutura e funcionavam em espaços planejados e construídos para o projeto. Todos/todas os/as funcionários/as eram servidores/as públicos municipais (psicólogos/as, assistentes sociais, professores/as de Educação Física, técnico administrativo, instrutores de artesanato, cozinheira, vigilante, auxiliar de serviços gerais). Já os centros de formação funcionavam em casas alugadas, com espaços pouco adequados e condições mais precárias. Nestes, só psicólogos/as, assistentes sociais e professores/as de Educação Física eram servidores municipais. As/os outras/os funcionários/as, como instrutoras de artesanato e auxiliar de serviços gerais e/ou cozinheira, eram mulheres da comunidade, selecionadas pela

Associação de Moradores e pagas com subvenções repassados pela prefeitura. As atividades desenvolvidas com as crianças e adolescentes eram: oficinas de marcenaria, culinária, horta, artesanato, reforço escolar e aulas de Educação Física.

Na PMU, por dois anos, atuei nos CF dos conjuntos habitacionais Segismundo Pereira e Santa Luzia (hoje bairros com os mesmos nomes) que se localizavam bem distantes do centro da cidade, com poucos ônibus coletivos, o meu meio de transporte. Cumpria uma jornada de quarenta horas semanais, metade delas, em cada local. Em paralelo, segui com o trabalho voluntário na ADEVITRIM, que era das 6h às 7h30.

Fui a primeira professora de Educação Física dos CF e por falta de espaço adequado, ministrava as aulas em campos de futebol de terra batida ou na rua, em frente aos locais, as quais tinham pouco trânsito de veículos automotores. Mas esta não foi a maior dificuldade no início dessa minha jornada, especialmente no CF do Segismundo Pereira, onde as crianças e adolescentes eram mais agitadas e estavam habituadas a jogarem carimbada e futebol diariamente com as funcionárias. Quando me apresentei e disse que seria a professora de Educação Física, muitos disseram “Eba vamos jogar futebol”, mostrando seu entusiasmo e preferência pela modalidade.

Desde o início busquei desenvolver diferentes temas da Educação Física que fossem possíveis ser trabalhados com as condições materiais e de espaço físico dos locais, pois ao longo do curso era comum, em algumas disciplinas, discutirmos sobre a falta de compromisso de professor/a “rola bola” e as consequências destas na desvalorização da profissão e no prejuízo aos alunos/as. Eu não queria reproduzir este modelo, mas se não fosse futebol ou carimbada, muitos/as se recusavam a participar e ainda provocavam conflitos durante as aulas. Após algumas aulas, diante da resistência dos/das alunos/as, achei melhor ceder à vontade deles/as, mas sem desistir do propósito de meu trabalho. Fiz uma roda de conversa e propus que poderíamos seguir com o futebol e carimbada, mas que ao final de dois meses trabalhariámos com jogos e brincadeiras. Eles prontamente aceitaram e assim, aos poucos, fui introduzindo

outros conteúdos nas aulas, de forma que a cada bimestre desenvolvia um conteúdo diferente.

No CF do Santa Luzia os/as alunos/as eram mais tranquilos/as e cordatos/as e, apesar de interessarem-se mais pelo futebol e carimbada, aceitaram mais facilmente, vivenciar outros conteúdos. Deste modo, ao longo de um ano, apesar da precariedade dos espaços e falta de materiais, além do futebol e da carimbada, conseguia desenvolver diferentes jogos e brincadeiras, atletismo, handebol, voleibol e ginástica elementar. A imagem, a seguir, mostra o grupo de crianças em um campo de terra, próximo ao CF Santa Luzia, onde ministrava algumas aulas.

Figura 12 – Com as crianças do CF Santa Luzia em aula de futebol



Permanecia o dia todo nos locais, pois só no transporte público seria mais de uma hora de ida e volta. Além das aulas de Educação Física, auxiliava em outras tarefas, como servir o almoço para as crianças e adolescentes e orientá-los nas tarefas da escola, contação de histórias e confecção das atividades manuais, como artesanato.

No CF Santa Luzia, formei com os/as alunos/as uma horta, onde plantamos verduras e legumes, que eram utilizadas no preparo da alimentação

deles/as e doadas a algumas famílias. Havia um rodízio para que eles/elas cuidassem da horta, regando e tirando o mato e, assim, aprendíamos a importância do trabalho coletivo.

Durante as férias escolares, as crianças ficavam o dia todo nos locais e aproveitávamos para realizar o que chamávamos de colônia de férias, com algumas atividades conjuntas com os dois CF, como ir ao cinema, visitar o Parque de Exposição Agropecuária de Uberlândia (CAMARU), torneio de carimbada e futebol no centro poliesportivo Santa Luzia. Esta programação incluía passeios ao Campus Educação Física onde realizávamos torneio de atletismo e ao Parque do Sabiá, onde ao longo do dia realizávamos atividades recreativas nas piscinas e parque infantil, visitas ao zoológico e ao aquário, trilhas nas áreas verdes e piquenique com lanche que já levávamos preparados dos CF. A ida e volta ao Parque do Sabiá era em caminhadas que se tornavam divertidas, apesar da média distância.

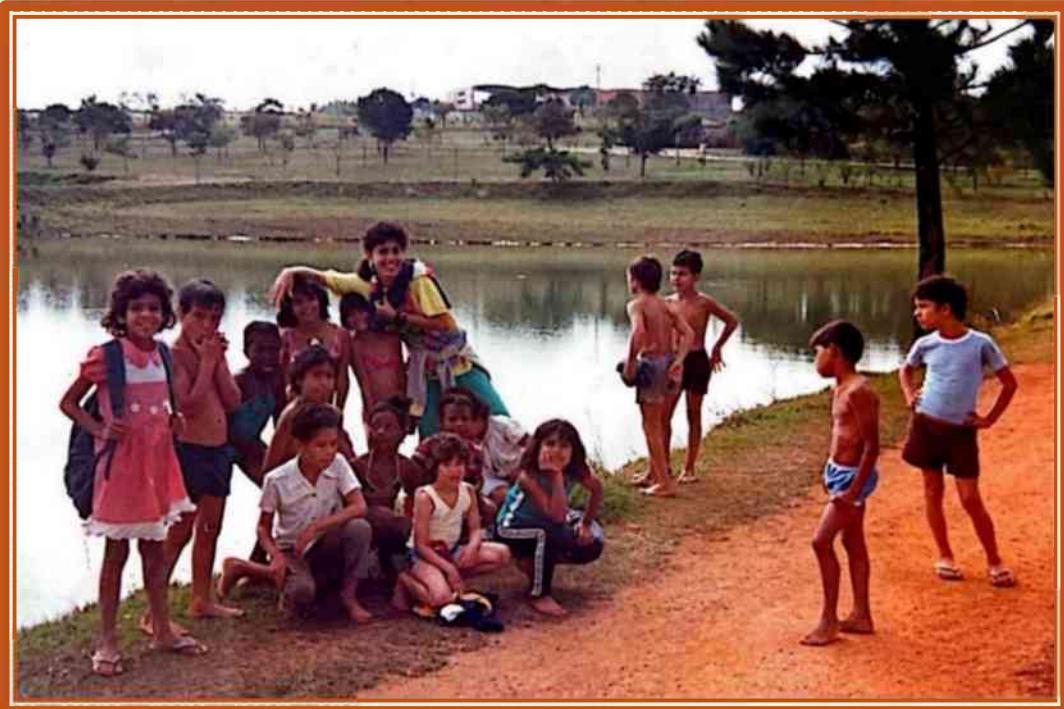
Figura 13 – Alunos/as e profissionais dos CF Santa Luzia e Segismundo Pereira, torneio de atletismo na FAEFI, 1988



Figura 14 – Premiação no torneio de atletismo, 1988



Figura 15 – Com as crianças dos CF no Parque do Sabiá



Neste trabalho ficou evidenciado a importância de partir dos conhecimentos dos/as alunos/as e a relevância do diálogo com eles/elas, para o planejamento de ações que estimulassem sua participação e colaborassem em sua formação e para transformar a realidade e buscar melhores condições de vida, que para muitos eram precárias. Aspectos que eram objeto de discussão nos cursos, em especial no curso de pedagogia, que conclui em 1988.

Figura 16 - Diploma Pedagogia/supervisão escolar



Com a equipe de professores/as de Educação Física (Wilson Lima, Egle Luz, Márcia Regina/Patinha, João Luiz, Aninha e Joelson) realizávamos, anualmente, um campeonato interno com as modalidades: futebol de campo, atletismo, handebol, voleibol e carimbada. O evento envolvia todos os locais e acontecia ao longo de dois meses. A SEMTAS/PMU fornecia o ônibus para o transporte dos/das alunos/as (jogadores e torcida) e funcionários/as responsáveis por eles/as, de um local para outro. A abertura e encerramento dos

jogos ocorriam em um final de semana. Na abertura havia a apresentação/desfile das equipes, seguida de uma modalidade de quadra, em geral o futsal. No encerramento era realizada a partida final de uma das modalidades coletivas, seguida da premiação com medalhas de primeiro, segundo e terceiros colocados.

A preparação e a realização dos jogos eram muito estimulantes e acompanhados por todos/todas os/as profissionais dos locais, além dos pais das crianças e adolescentes. Nestes eventos, aprendi muito sobre organização esportiva e a respeito da atuação em arbitragem, que era realizado por todos/todas os/as professores/as. O trabalho colaborativo envolvendo os/as profissionais dos locais era fundamental para o sucesso dos jogos e fortalecia a importância de nossa prática pedagógica na Educação Física.

A interação entre as crianças, adolescentes e famílias dos diferentes locais era outro aspecto que contribuía para valorizar o evento e dar visibilidade ao nosso trabalho e às ações desenvolvidas pela divisão de orientação ao menor da SEMTAS/PMU. Por causa dele, muitas crianças e adolescentes, saíram de seus bairros pela primeira vez e conheceram outros locais. As imagens, a seguir, exemplificam um pouco destes eventos.

Figura 17 – Torcida dos CF e UOMENs no torneio de atletismo



Todas as crianças e adolescentes participavam do torneio e enquanto aguardavam suas provas, ficavam na torcida junto com os/as profissionais que atuavam nos locais.

Figura 18 – Chegada das crianças na prova de 100m



Estes eventos contribuíam para estimular o interesse das crianças e adolescentes em participar das aulas de Educação Física e colaboravam para a inclusão de jogos e brincadeiras relacionadas ao atletismo, nas aulas. Esta experiência foi importante em minha prática pedagógica, ministrando Atletismo no curso de Educação Física e serviu de referência para reflexões essenciais com os/as estudantes sobre a relevância deste conteúdo no comportamento motor.

Em 1990, fui transferida para a UOMEN III no bairro Tibery e continuei atuando no CF do bairro Santa Luzia, onde já havia assumido a coordenação do local. Nesta jornada profissional, ao longo de quase sete anos (outubro/1986 a junho/1993) aprendi muito com outros/as colegas, servidores públicos, sobre gestão pública e a importância de políticas para o bem-estar social, especialmente para pessoas em situação de vulnerabilidade social, como era o caso de muitas famílias atendidas nos locais. Este trabalho assegurava aos/as trabalhadores/as o direito à proteção e cuidado aos filhos e às filhas, que eram acolhidos em locais seguros e com acesso à boa alimentação (café da manhã

ou lanche da tarde e almoço) e vivenciando atividades que colaboravam com sua formação humana.

Enquanto trabalhei nestes locais, participei de vários cursos e seminários de diferentes temáticas como por exemplo, prevenção ao uso de drogas, encontro nacional sobre meninos e meninas de rua, discussão do estatuto da criança e do adolescente e educação pelo trabalho. Estes eventos, colaboraram com minha formação continuada e minha prática pedagógica nos locais e foram fundamentais em minha constituição como professora. A seguir relato minha participação em outros eventos científicos com apresentações de trabalhos sobre minhas experiências profissionais e pesquisas.

3.1.1 Participação em Eventos Científicos

As primeiras participações com apresentações de trabalhos em eventos científicos, foram muito incentivadas pelos professores do curso de Educação Física, Alberto Martins da Costa e Apolônio A. do Carmo, os quais iniciaram o trabalho com pessoas com deficiência na FAEFI. Foi desafiador, vencer a timidez, a ansiedade e o nervosismo e apresentar oralmente os trabalhos nos eventos, mas aos poucos aprendi a lidar com estes sentimentos e a me sentir mais segura diante do público.

Minha primeira apresentação de trabalho foi no ano de 1986, no Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, na Universidade de São Paulo (USP) quando eu e Patrícia Freitas, minha colega de turma e de trabalho na ADEVITRIM, fomos relatar nossa experiência com as pessoas com deficiência visual.

Estas exposições eram no formato de comunicação oral, na época chamado tema livre, com uso de recursos de tecnologia e impressões gráficas, muito diferentes dos que usamos hoje. Folhas de plástico denominadas transparências com texto escrito com canetas específicas a este fim eram projetadas com uso de retroprojetores e os *slides* (uma espécie de negativos de fotos reveladas, colocadas invertidas em um carretel que projetava as imagens).

Outra forma de apresentação era o pôster elaborado com fotos e textos colados em uma cartolina.

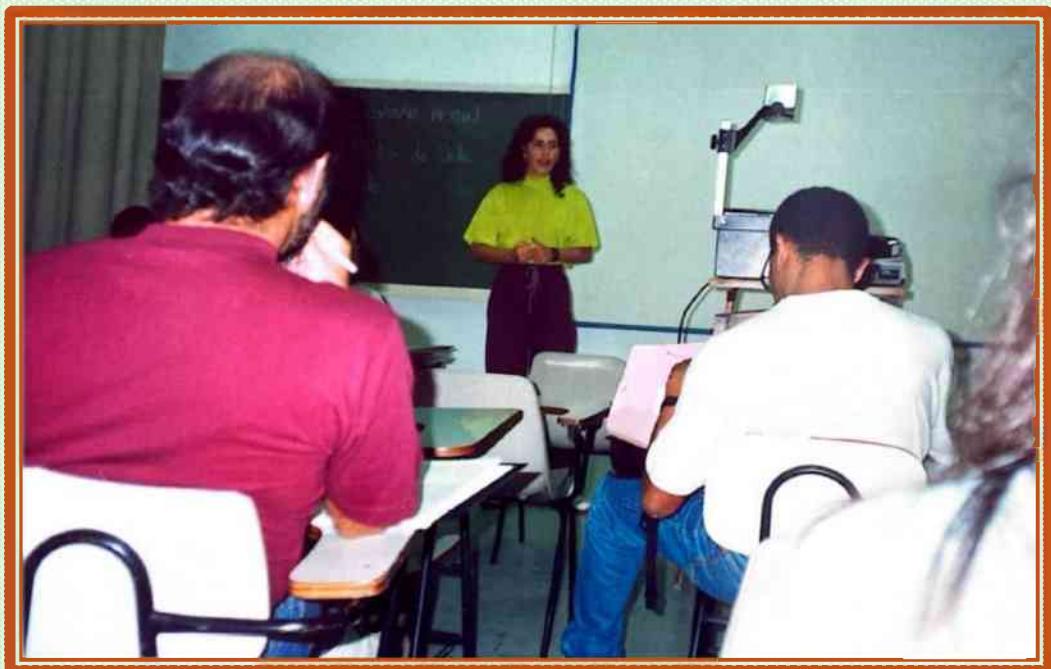
Nesta época estava sendo discutida, no Brasil, a Educação Física Adaptada (EFA) para que se efetivasse a participação de pessoas com deficiência nas práticas corporais e no esporte. Este movimento resultou na realização de vários eventos voltados ao trabalho com pessoas com deficiência, como as seis edições do Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, realizado na USP, bianualmente de 1986 a 1996. A imagem a seguir registra alguns participantes no II Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada do ano de 1988, em sua maioria profissionais que atuavam ou tinham interesse em atuar na área.

Figura 19 – II Simpósio Paulista de EFA (1988)



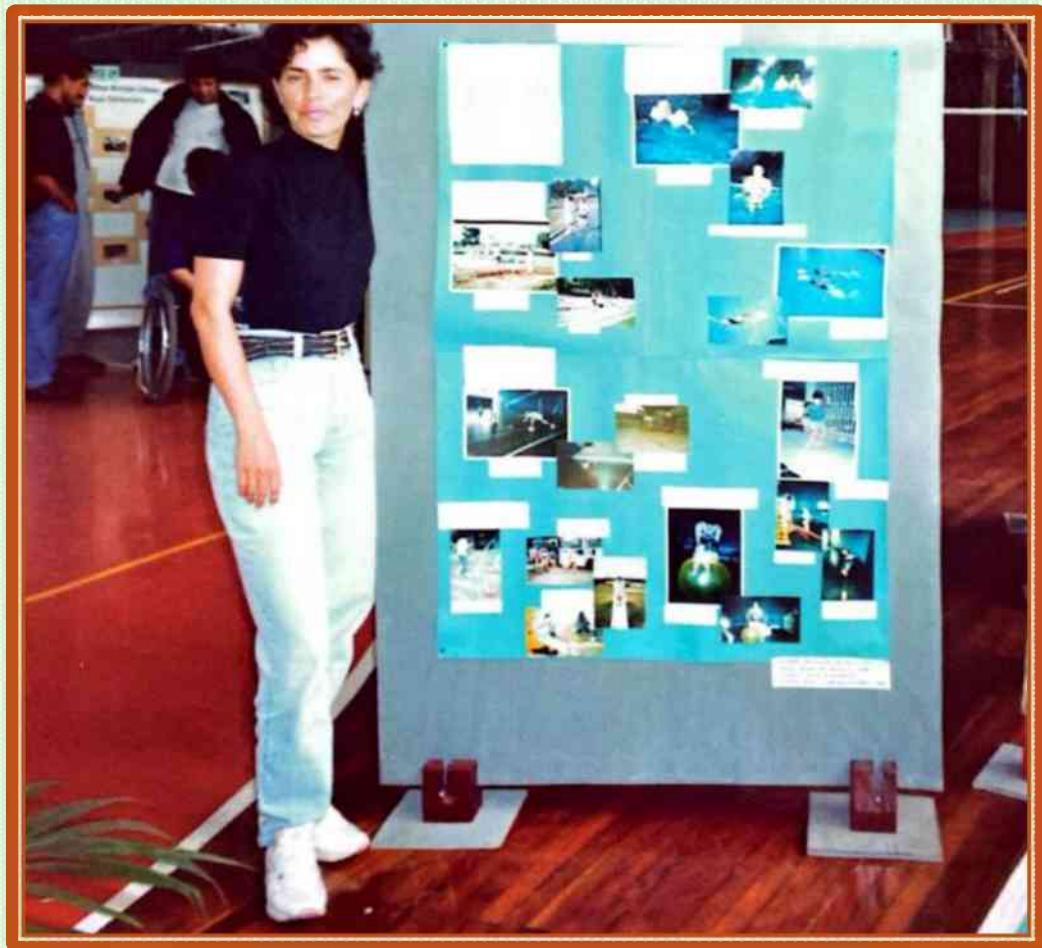
Participei de todas as edições deste simpósio, apresentando trabalhos relacionados à Educação Física e Deficiência. A imagem, a seguir mostra a apresentação de trabalho no formato de tema livre, no referido simpósio no ano de 1988, relatando a experiência com o atletismo na ADEVITRIM.

Figura 20 – Apresentação de tema livre no II Simpósio Paulista de EFA



A figura, a seguir, mostra a apresentação no formato de Pôster na 6^a edição do referido Simpósio, no ano de 1996. Nesta apresentação relatei a experiência com estimulação essencial de bebês de 0 a 3, com diferentes tipos de deficiência, que realizava no PAPD. Era um trabalho que envolvia atividades dentro e fora da piscina, com a participação direta das mães das crianças, as quais eu orientava na realização das atividades. Participavam em torno de quinze crianças acompanhadas pelas mães, neste projeto.

Figura 21 – Apresentação de pôster no VI Simpósio Paulista de EFA (1996)



As discussões ocorridas nas cinco primeiras edições deste evento, culminaram para que em 09 dezembro de 1994, durante o IV Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, fosse criada a Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) e tivemos o privilégio de participar da fundação, nos tornando sócia-fundadora. “A ideia da criação da SoBAMA nasceu da união de vários profissionais que atuando na área por vários anos, sentiram a necessidade de se aglutinarem em uma sociedade de caráter científico, facilitando, desta forma, o intercâmbio e a troca de experiência” (Sobama, 2025). Esta entidade, atualmente é denominada Associação de Atividade Motora Adaptada. A imagem, a seguir, mostra parte das pessoas fundadoras da referida entidade.

Figura 22 – Sócios fundadores da SOBAMA em 1994



Fonte: <https://www.sobama.org.br/a-sobama-1>

Ao longo de minha jornada profissional tive oportunidade de continuar participando de vários outros eventos científicos de âmbito regional, nacional e internacional, os quais foram muito importantes em minha formação continuada. Estas participações, sempre foram com apresentações de trabalhos e desde que ingresssei na UFU estes trabalhos são sobre as atividades de pesquisa e extensão que desenvolvo. Após meu ingresso como docente na UFU, estas participações contaram com o apoio financeiro da instituição.

Entre os diferentes eventos em que participei, aponto quatro que, em minha avaliação, mais contribuíram em minha prática pedagógica. Na área de Educação Física destaco o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONBRACE/CONICE), evento bianual que considero o mais representativo da área de Educação Física e do qual participei pela primeira vez no ano de 1985, em Poços de Caldas e depois em 1991, em Uberlândia. Desde o ano de 2011, venho participando de todas as edições, apresentando trabalhos e compondo o comitê científico do grupo de trabalho temático Inclusão e diferença, o GTT 8 (<https://www.cbce.org.br/gtt/gtt08-inclusaoediferenca>). Desde esta época

colaboro na avaliação por pares dos trabalhos enviados e na coordenação de sessões de comunicação oral e sessões de pôster do referido GTT.

No XVII CONBRACE/ V CONICE, em 2013, com as colegas Valéria Manna, Gisele Tavares, Marina Antunes e Gislene Amaral acompanhamos vários estudantes do curso de Educação Física e duas professoras supervisoras do Programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) que participaram do evento com apresentações de trabalhos.

Figura 23 – XVII CONBRACE/ V CONICE, Brasília/DF, 2013



Figura 24 – Com monitoras do PAPD, apresentação de Pôster, XVII CONBRACE/ V CONICE, Brasília/DF, 2013

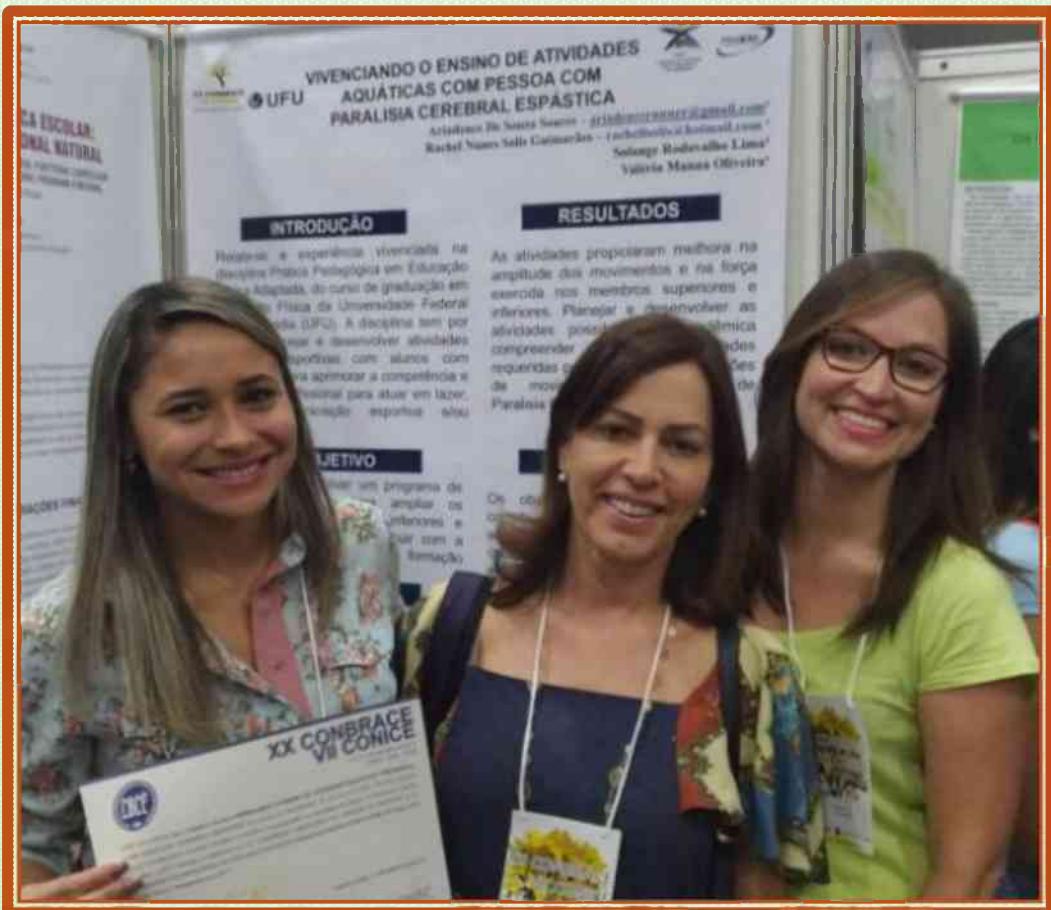


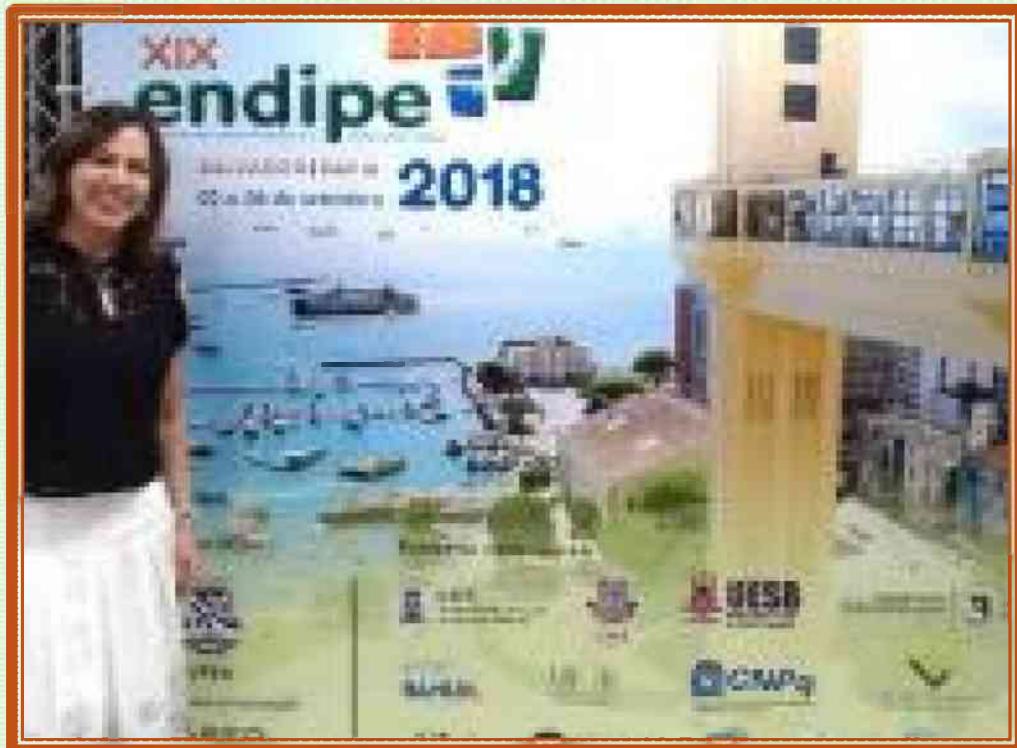
Figura 25 – Abertura do XIX CONBRACE/VI CONICE, com Marina Antunes e Paula Rotelli, Vitória, 2015



No ano de 2017, além dos trabalhos apresentados, palestrei em uma mesa redonda sobre formação de professores/as, no GTT Inclusão e Diferença, com a colega Mey de Abreu da UFSCar.

Na área de Educação, ressalto o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), evento nacional, bianual, no qual em várias edições, apresentei painéis com colegas da UFU e de outras universidades.

Figura 26 – XIX Endipe, Salvador/BA, 2018

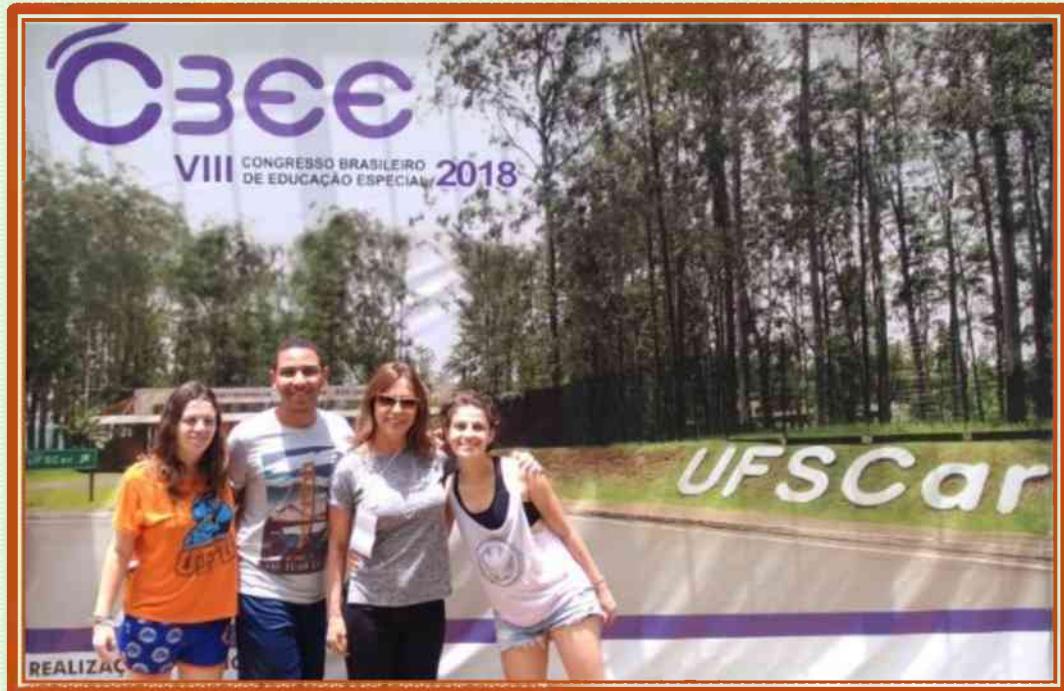


Na Educação Especial, destaco o Congresso Brasileiro de Educação Especial e Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial (CBEE/ENPEE) evento bianual, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEES/UFSCar). Segundo a página do evento realizado no ano de 2023, (<https://eventos.galoa.com.br/cbee-2023/page/2563-historico>) desde o ano de 2003, ele tem como parceira a Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) e constitui-se num importante espaço de discussão e divulgação de conhecimento na área da Educação Especial promovendo o intercâmbio entre pesquisadores/as e profissionais desta área.

Nas sete edições deste evento, realizadas de 2008 a 2023, colaborei na avaliação de trabalhos submetidos para apresentações e em alguns coordenei sessões de comunicação oral e pôster. Em 2008 ofertei junto com a colega de doutorado Josefa Lídia Costa Pereira, um minicurso sobre Orientação e Mobilidade.

Em 2018 participei da mesa redonda no eixo temático Educação Física e Esportes Adaptados. No ano de 2023, três estudantes do curso de Educação Física foram comigo e apresentaram relatos das experiências vivenciadas com pessoas com deficiência no PAPD e em um Projeto de Bolsas de Graduação, com público da Educação Especial, que coordenava junto ao Professor Leandro Rezende na Escola de Educação Básica (Eseba/UFU). O relato de uma das estudantes que foi comigo ao evento, mostra a importância desta participação em sua formação. *“Este congresso salvou muito minha vida. Eu tava depressiva e querendo largar a faculdade. Ir lá me mostrou um mundo de possibilidades e pesquisas, eu aprendi tanto, fiquei encantada”* (L.R, 2025)

Figura 27– Com estudantes no VIII CBEE, UFSCar, 2018



Procurei participar de eventos científicos, por serem espaços plurais de trocas de conhecimento diálogos e debates, entre os/as profissionais, bem como

de produção e veiculação de experiências e pesquisas, em diferentes níveis de ensino e temáticas. Nestes eventos realizados presencialmente, podemos dialogar com outros/as colegas de profissão, encontrar professores/as pesquisadores/as que contribuem com nossas reflexões e ampliar conhecimentos que colaboram no constante aperfeiçoamento e melhoria e nossa prática pedagógica.

3.2 Docência na Educação Básica

Minha jornada na Educação Básica ocorreu paralelamente ao trabalho na ADEVITRIM e alguns acontecimentos em minha vida pessoal, os quais relato a seguir, influenciaram minha carreira e me levaram este nível de ensino.

Em 1991 casei-me com meu querido marido/companheiro, Jarbas Dutra Lima, überlandense que morava e trabalhava em São Paulo, cidade que, em nosso planejamento seria, nossa futura morada. Mas, como sempre fui cautelosa, ou posso dizer, um pouco receosa em relação às mudanças, antes de pedir exoneração do meu cargo na PMU optei pelas férias. Neste ínterim, Jarbas conseguiu emprego em uma empresa multinacional sediada em Uberlândia, o que viabilizou nossa vinda para esta cidade e o meu retorno ao trabalho na PMU, ao final do meu período de férias. Como já havia uma colega ministrando as aulas onde antes eu atuava, fiquei trabalhando internamente na divisão do menor da SEMTAS. Não ministrar aulas me incomodava, pois gostava mesmo era de estar nos locais, atuando na Educação Física.

Pouco tempo após meu retorno, fui cedida pela SEMTAS para a ADEVITRIM, onde havia atuado como voluntária e passei a ministrar as aulas de atletismo, futsal, natação e goalball (esporte específico para pessoas com DV) e continuei a acompanhar as equipes de atletismo e goalball nas competições regionais e nacionais. O trabalho era desenvolvido na FAEFI/UFU e algumas/alguns estudantes do curso faziam estágios extracurriculares de forma voluntária, acompanhando as turmas nas aulas e em campeonatos esportivos.

Figura 28 – Com equipes de Goalball/Adevitrim e estagiárias no Campeonato nacional, São Paulo, 1996



Ministrar as aulas de Educação Física para crianças e adolescentes CF e UOMEN, me aproximaram da realidade da Educação Básica e me motivaram a prestar um concurso público da secretaria municipal de educação (SME) de Uberlândia, no final do ano de 1991. Este concurso visou a atender a demanda de educadores, merendeiras e técnicos administrativos, decorrente da expansão do número de unidades escolares construídas e de vagas, que passaram de cinco mil em 1988 para cinqüenta mil vagas, em 1992 (Leão, 2005). Este crescimento foi devido à municipalização do ensino fundamental, prevista na Constituição Federal de 1988.

Fui aprovada em primeiro lugar e no início do ano de 1992 fui lotada, na Escola Municipal Prof. Sérgio Oliveira Marquez, no bairro Pacaembu, onde no período da manhã, lecionava Educação Física para as séries iniciais do ensino fundamental.

Figura 29 – Fachada da EM Prof. Sérgio Oliveira Marquez



Fonte: Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/pnBw9N5Wxw8AbbjJ8>

A escola era recém-inaugurada, com capacidade para dois mil alunos/as, com boas salas de aulas, biblioteca, refeitório e pátio, mas uma única quadra descoberta e uma pequena área gramada eram os espaços destinados às aulas de Educação Física. Estes eram compartilhados com minha colega de turno, Franciele Montandom, professora das turmas de 5^a a 8^a séries, o que precarizava as condições para nosso trabalho.

No ano seguinte, solicitei transferência para a Escola Municipal Prof. Luiz Rocha e Silva, no bairro Tubalina, que ficava próximo a meu novo endereço. Esta também era uma construção nova e com as mesmas condições da anterior.

Figura 30 – Fachada da EM Prof. Luis Rocha e Silva



Fonte: <https://maps.app.goo.gl/AyckySCKGb7nfDL9A>

Mesmo sendo estas duas escolas recém-construídas e com boa infraestrutura se comparadas à realidade da grande maioria das escolas públicas brasileiras, os espaços para as aulas de Educação Física eram descobertos e os materiais disponíveis insuficientes, frágeis e pouco variados. Diante destas condições tinha que improvisar e com a colaboração dos/das alunos/as criar materiais alternativos usando materiais recicláveis como garrafas pet, cabos de vassoura, caixas de papelão, entre outros, para utilização como material curricular alternativo, nas aulas.

Nesta época, no Brasil, eram discutidas as políticas de inclusão de alunos/as com deficiência na classe comum do ensino regular. Estas discussões eram decorrentes de recomendações de documentos internacionais como a Declaração de Jontien, aprovada na Conferência Mundial de Educação Para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) documento das Nações Unidas que estabeleceu os princípios, políticas e práticas para a educação inclusiva. Neste contexto, nas escolas da rede municipal de ensino, foi criado o projeto denominado Projeto Ensino Alternativo (PEA), com o objetivo de minimizar as dificuldades de alunos/as com deficiência, na sala comum, como ensino individualizado, inadequação de recursos didático e pedagógicos e falta de professores/as com capacidade de se comunicar com alunos/as com surdez.

Este trabalho deveria envolver toda a escola e contava com especialistas para dar suporte ao/à aluno/a, no contraturno e assessorar o/a professor/a da sala comum (Lima, 2009). O/a professor/a especialista atuava na sala de Ensino Alternativo (EA), que se constituía num espaço reservado e organizado com vários materiais adaptados e construídos conforme as necessidades de cada aluno/a (Lima, 2009).

Não atuei diretamente no projeto, mas por ter experiência com pessoas com deficiência, buscava acompanhar o trabalho desenvolvido no EA. Este destinava-se a sanar as dificuldades apresentadas pelos/as alunos/as, isto é, compensar as deficiências de aprendizagem e, implicitamente, nivelá-los em relação aos ditos normais, para conseguirem acompanhar o rendimento da turma na classe comum. A responsabilidade pelo aprendizado e sucesso do/da aluno/a ficava delegada muito mais ao/à professor/a do EA. Esta forma de trabalho, me intrigava, pois, estudiosos/as do assunto como Carmo; Mendes, Bueno e Caiado já apontavam que deveria haver mudança na organização da escola, diminuindo o número de alunos/as por turmas e deveria se repensar a seriação escolar e o trabalho em que todos/as aprendem ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Entre as turmas que lecionava na primeira escola, lembro-me de dois irmãos que em decorrência da distrofia muscular de Duchene eram cadeirantes. Garantir a participação delas nas aulas, era um desafio, pois até então, minha experiência com alunos/as com deficiência, esta era num contexto de maior homogeneidade. Além disso, apesar de saber da necessidade de atuar de forma a garantir a participação de todos/todas nas aulas, meu planejamento, apresentava limitações, pois previa o desenvolvimento de conteúdos que seriam experimentados ao mesmo tempo e no mesmo espaço, não atendendo à necessidade e ritmo de aprendizagem individual.

Partia da experiência que adquiri na divisão de orientação ao menor da SEMTAS/PMU, nos estudos e qualificação em cursos e eventos científicos e aos poucos fui adequando as estratégias de ensino, para garantir a participação de todos/as nas aulas. Considero que na época ainda não havia um projeto coletivo para ser desenvolvido por toda a área de Educação Física na rede municipal de

ensino, o qual melhoraria a qualidade do trabalho escolar e a formação em serviço dos/das docentes, inclusive, nos unindo e dando visibilidade para nossas ações nas escolas e fortalecendo a Educação Física como componente curricular na Educação Básica.

O período que atuei na Educação Básica (janeiro/92 a junho/93) foi de muito trabalho e aprendizado sobre a organização, gestão e funcionamento das escolas municipais e a importância do planejamento para uma boa prática pedagógica. Infelizmente, a despeito de na época, haver uma coordenação para a área de Educação Física na rede municipal de ensino (RME), não havia um trabalho coletivo, envolvendo todos/as os/as docentes de nossa área, no ato de planejar. Este ocorria apenas entre mim e a professora que atuava no mesmo turno que eu.

Em junho de 1993, após um semestre atuando na EM Prof. Luis Rocha e Silva, a pedido da FAEFI/UFU fui cedida pela SME para atuar no Programa de Atendimento à Pessoa com Deficiência, que desde 2012 passou a ser denominado Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD). Implementei um trabalho de estimulação psicomotora precoce com bebês de zero a três anos de idade, com diferentes tipos de deficiência e que apresentavam defasagens consideráveis no comportamento motor, em relação à idade cronológica. Duas vezes por semana, desenvolvia atividades para estimular suas habilidades motoras básicas, em uma sala de psicomotricidade e na piscina, com a participação direta dos pais, ou melhor das mães que em geral eram as pessoas que acompanhavam as crianças. Neste trabalho dialogava com elas sobre os cuidados diários com as crianças e sobre a importância de desenvolverem em casa atividades que colaborassem com o desenvolvimento

de seus/suas filhos/filhas. Nesta época, a FAEFI e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais eram as únicas instituições públicas que desenvolviam estimulação psicomotora precoce.

Figura 31 – Estimulação psicomotora precoce com bebê DV, 1993

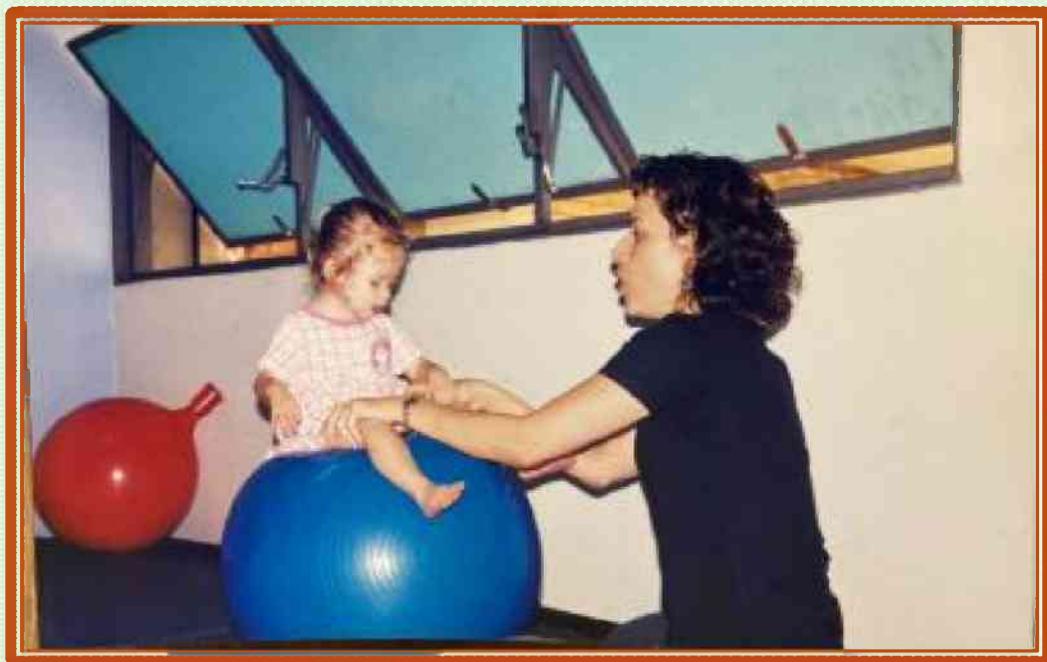
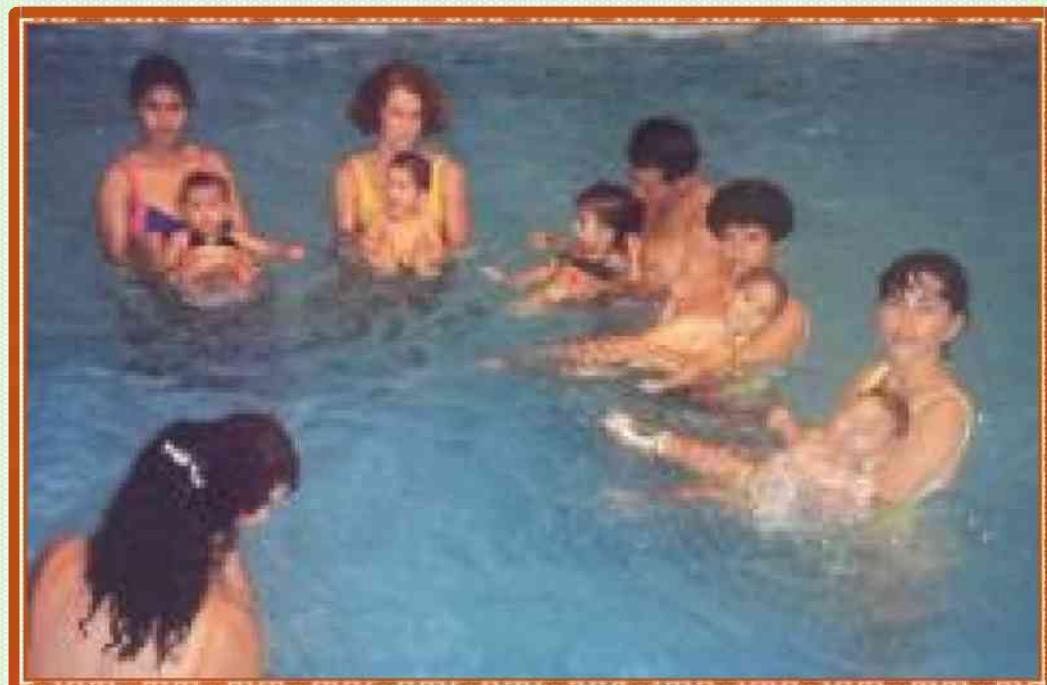


Figura 32 – Estimulação precoce na água com participação das mães, 1993

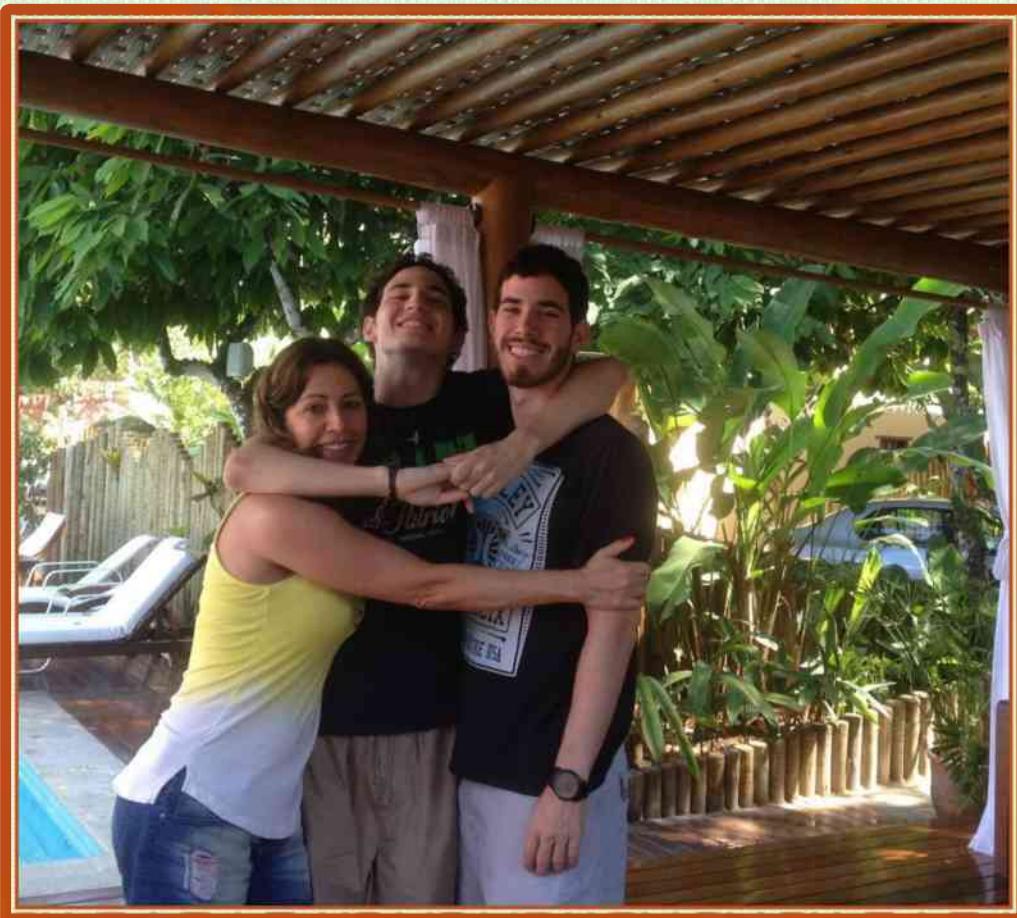


Colaborei com o professor Alberto Martins da Costa, na disciplina Educação Física e Esportes Adaptados, do curso de Educação Física, ministrando conteúdos relacionados aos esportes para pessoas com deficiência visual, orientação e mobilidade (técnicas de locomoção) e na orientação aos/as acadêmicos em sua vivência no PAPD. Participei como membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Deficiência (NEPED), coordenado pelo referido professor. Este núcleo fundiu-se com o Núcleo Interdisciplinar de Fisiologia e Psicobiologia (NIFEP), que era coordenado pelo Professor Marco Túlio de Melo, e passou a denominar-se Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Atividade Física e Saúde (NIAFS).

Neste núcleo colaborei com a realização de cinco eventos científicos com a temática Educação Física e Deficiência, denominadas Jornadas Interdisciplinares do NIAFS e que eram voltadas à comunidade interna e externa à UFU, como estudantes e profissionais de Educação Física e áreas afins. Participei na organização do II Congresso Paralímpico Brasileiro, realizado em Uberlândia no ano de 1998. O NIAFS foi extinto no ano de 2013, quando seus integrantes, alegando motivos pessoais, se desligaram do núcleo. O PAPD continuou a ser desenvolvido como programa de extensão, ligado diretamente à Unidade Acadêmica.

Atuei como docente em três edições do curso de especialização em “Educação Física para Portadores de Deficiência”, da UFU, ministrando as disciplinas: “deficiência visual” e “metodologia aplicada ao deficiente visual”. Duas das edições do curso (1994 e 1998) coincidiram com as gestações de meus filhos Vinícius e Nícolas, hoje, respectivamente, com 31 e 27 anos. Rapazes íntegros, éticos e responsáveis, minha melhor criação e motivos de grande orgulho para mim. Me mostraram os verdadeiros sentidos e significados de família, amor, afeto e cuidado. Ressignificaram e seguem dando mais cor e sabor à minha existência.

Figura 33 –Com Nicolas e Vinícius (filhos)



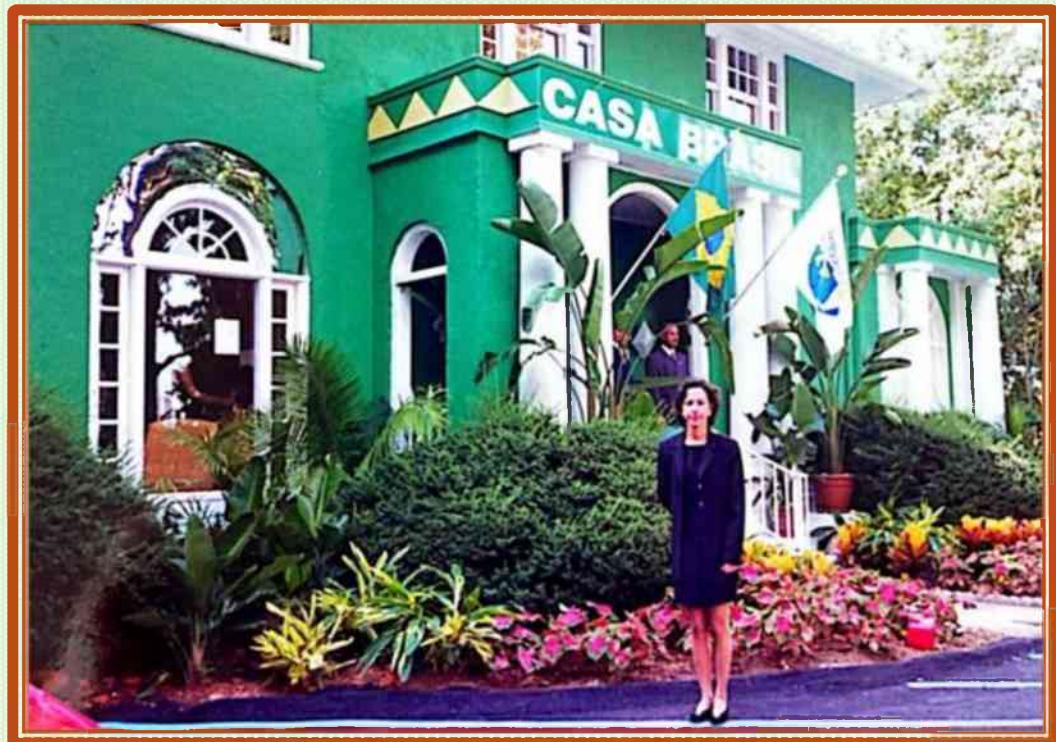
Neste período em que atuei na FAEFI, cedida pela PMU, uma experiência marcante em minha jornada profissional, foi viajar para Atlanta, nos Estados Unidos, com colegas do NIAFS/PAPD e de outras universidades, para assistir aos jogos paralímpicos, no ano de 1996. Foi emocionante e uma honra, acompanhar presencialmente a abertura e encerramento do evento, bem como os vários jogos de diferentes modalidades, com equipes de vários países. Conhecer atletas paralímpicos reconhecidos mundialmente e torcer pelo Brasil foi inesquecível.

Visitar a Casa Brasil, um espaço do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e que era ponto de encontro de torcedores/as, autoridades, fãs da cultura brasileira e atletas fez parte desta experiência.

Figura 34 – Grupo de professores em frente à Casa Brasil, em Atlanta.



Figura 35 – Em frente à Casa Brasil, em Atlanta, 1996



Na Casa Brasil, além do contato com vários atletas da seleção paralímpica brasileira, conheci pessoalmente, o rei do futebol, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Na época ele ocupava o posto de Ministro de Estado Extraordinário dos

Esportes, no interior do Ministério da Educação e do Desporto (MED), do governo Fernando Henrique Cardoso, cargo que ocupou por pouco mais de três anos, entre 1995 e 1998. Cabe ressaltar que durante sua gestão, foi promulgada a Lei nº 9.615/1998, conhecida como Lei Pelé, que procurou fortalecer as diversas expressões esportivas e que para Pettengill (2001) citada por Souza e outros (2023) foi importante para o desenvolvimento do esporte, incluindo o esporte para as pessoas com deficiência, em específico o esporte paralímpico.

Figura 36 – Com Pelé na Casa Brasil em Atlanta, 1996



Além de assistir aos jogos, outro evento importante em Atlanta, foi participar do Congresso técnico Paralímpico e ver algumas apresentações de trabalhos científicos sobre a temática do esporte.

Figuras 37 e 38 – Hotel em que foi realizado o Congresso técnico/paralímpico, Atlanta, 1996



4 Trilhas e partilhas profissionais e a formação continuada

Conciliar os estudos com o trabalho, sempre fez parte de minha trajetória e nesta roda que sempre esteve em movimento em minha carreira docente, para melhorar minha formação acadêmica e ampliar meus conhecimentos sobre Educação Física e Deficiência, fiz o curso de “Especialização em Educação Física para Portadores de Deficiência” em sua primeira edição, oferecida pela Faculdade de Educação Física da UFU. O curso visava formar professores/as para atuar na área, bem como para ministrar disciplinas, que seriam incluídas a partir das determinações da Resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação, que possibilitou a inclusão de conteúdos relacionados à Educação Física e Deficiência. Cabe destacar que nesta época, conforme determinado pela Constituição Federal de 1988, já havia a necessidade de concurso para o ingresso como docente em universidades públicas e como não era exigido a titulação de mestre ou doutor, especialistas podiam ingressar no magistério superior nas instituições federais de ensino superior.

Como trabalhava na SEMTAS/PMU, só consegui realizar o curso, por ele ter sido ofertado no período de férias (julho/88, janeiro e julho/89). Ele foi dividido em três módulos, sendo o último específico para cada uma das deficiências: física, visual e mental (hoje intelectual). Optei pela área de deficiência visual. Nele aprendi muito sobre metodologias aplicadas à Educação Física com pessoas com DV e troquei muitas experiências com colegas que também trabalhavam na área. Todo o conhecimento adquirido foi importante para melhorar as atividades que já desenvolvia, especialmente o treinamento das equipes masculina e feminina de Goalball, para participarmos em campeonatos regionais e nacionais em diversas cidades do País.

Como parte dos requisitos para a conclusão do curso, minha monografia, foi sobre a abordagem educacional na deficiência visual, aprovada com conceito “A” e obtive a certificação de especialista na referida área, conforme figuras, a seguir.

Figura 39 – Monografia do curso de especialização

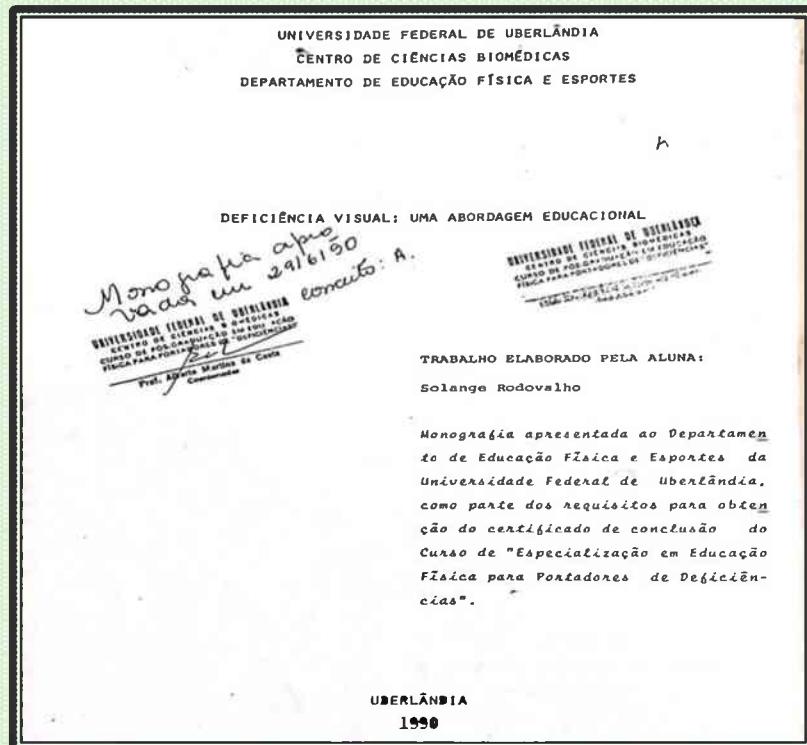


Figura 40 – Certificado Curso de Especialização



Minha prática pedagógica em Educação Física e Deficiência, me motivou a ampliar minha formação acadêmica e a aprofundar meus conhecimentos acerca da escolarização das pessoas com deficiência e a inclusão na Educação

Física Escolar. Assim, em 1995 ingressei no mestrado no Programa de Pós-graduação em educação (PPGED) na UFU. Foi uma época de muitas atividades e carga de trabalho intensa, pois tive que conciliar as exigências do mestrado, com o trabalho e a maternidade. Nestas condições, o curso só se tornou possível, graças ao apoio dos/das colegas com quem atuava no Niafs/PAPD (Alberto, Patrícia, Valéria, Eduardo Macedo, Gilmar e Luzimar).

Cursar o mestrado colaborou para que eu aprofundasse e compreendesse melhor questões epistemológicas, histórico e filosóficas acerca da educação e me tornasse mais crítica, tanto em relação à forma de organização da escola, pautada no modelo fragmentado de ensino e na homogeneização das turmas (seriação escolar), quanto sobre as políticas públicas de inclusão, que não consideram nem respeitem o princípio da diversidade humana de qualquer ordem. Acredito no que já apontava autores como Oliveira no início deste século, ou seja, devemos buscar "...uma escola pública digna, sem adjetivações, porque deveria ser de qualidade e inclusiva em sua essência" (Oliveira, 2002, p. 304).

Pesquisei a realidade profissional dos/das egressos/as de cursos de especialização em Educação Física Adaptada (EFA), oferecido entre os anos de 1981 e 1996, nas seguintes instituições: UFU (5 cursos/edições); Universidade Estadual de Campinas (2 cursos/edições), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Pelotas, Universidade de Brasília, sendo um curso/edição em cada uma destas três (Lima, 1998). A pesquisa mostrou que a maioria dos/das egressos/as estavam atuando na área de EFA, mas havia um descompasso entre a área de formação e a de atuação, com especialistas trabalhando com pessoas com as deficiências para as quais não haviam sido especializados e em local para os quais a formação foi menos dirigida. Evidenciou também que, para a maioria, não houve melhoria da remuneração e que houve crescimento na produção científica dos egressos e participação deles/as, em eventos científicos e outros cursos de pós-graduação.

Parte da pesquisa e a escrita da dissertação, coincidiram com a gestação de meu segundo filho (Nícolas), que nasceu após minha qualificação. Para cumprir os prazos estabelecidos pelo PPGED, frente às determinações da

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), a conclusão da dissertação, foi durante minha licença maternidade, nos intervalos dos cuidados com Nícolas e Vinícius. Felizmente, nesta época pude contar com uma rede de apoio composta por uma babá (Luciana), minha mãe, minha sogra Creusa e meu esposo, o que tornou possível me dedicar às atividades do curso.

Sete meses após a qualificação, fiz a defesa da minha dissertação, em março de 1999. A banca de avaliação, foi composta pelos mesmos professores e professora, que compuseram a de qualificação: Dr. Apolônio Abadio do Carmo (orientador) Dra. Mariluce Felice e Dr. Júlio Romero Ferreira, aos quais sou grata pela imensa contribuição em meu processo de formação.

Figura 41 – Diploma do Mestrado UFU



Durante o tempo em que cursei o mestrado, continuei trabalhando no NIAFS/PAPD e na ADEVITRIM, onde além das aulas e dos treinamentos de goalball e atletismo, acompanhava as equipes nos campeonatos regionais e nacionais. Posso dizer que, apesar das dificuldades em conciliar o mestrado com minhas atividades profissionais e a maternidade, tornar-me mestre foi uma grande conquista.

Sem dúvida os conhecimentos adquiridos foram muito importantes em minha formação acadêmica. A titulação foi essencial para meu ingresso como docente, no ano de 2000, no curso de Educação Física da Universidade do Triângulo (UNIT), um centro universitário, de caráter privado, cuja sigla, mais tarde mudou-se para UNITRI. A maioria dos/as alunos/as do curso era da classe trabalhadora e muitos/as utilizavam-se de projetos governamentais para custear o curso, tais como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade Para Todos (Prouni).

Atuava exclusivamente no ensino. As pesquisas orientadas eram parte dos componentes curriculares Orientação ao Trabalho de Conclusão de Curso I e II, que eu ministrava. Extensão e outras formas de pesquisas não eram foco da instituição. Entre 2000 e 2006, ministrei várias disciplinas, em diferentes períodos do curso, o que me permitiu acompanhar o percurso formativo das turmas. Entre as disciplinas é importante destacar a que tratava diretamente das questões relativas à Educação Física para as pessoas com deficiência e as de estágios nas escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental.

Além das aulas no curso regular de graduação, durante quatro anos, ministrei aulas em um curso de graduação, denominado modular. Este era ofertado aos sábados e destinava-se a professores/as que atuavam em escolas municipais e estaduais do Estado de Minas Gerais, mas não possuíam a habilitação em Educação Física.

Nas aulas, procurava refletir com os/as alunos/as sobre os desafios que enfrentariam na atuação profissional, na Educação Básica. A própria vivência deles/delas nos estágios era campo fértil e oportuno para reflexões sobre a realidade escolar e a situação dos/das alunos/as com deficiência nas escolas e, em especial nas aulas de Educação Física. A partir das inquietações que traziam para as discussões, construía com eles/elas, estratégias de ensino que facilitassem suas práticas e não permitissem a exclusão de qualquer aluno/a das aulas. Neste processo, como as disciplinas que tratavam das questões sobre a deficiência não contemplavam o ensino vivenciado, planejei vivências para que os/as estudantes do curso pudessem ter contato e experiências com alunos/as com deficiência durante as aulas. Entre estas vivências incluímos visitas técnicas

ao Campus Educação Física da UFU para acompanharem o trabalho desenvolvido no PAPD.

Para lidar com as incertezas, dilemas e tramas da sala de aula, penso que, às vezes, fui muito exigente e rigorosa em relação à conduta e participação dos/das discentes. O tempo e a experiência na docência foram me conformando para me tornar mais flexível acerca das atitudes dos/das estudantes e diante daquilo que se apresentava como desafiador.

Na UNITRI, participei das discussões e implementação das mudanças curriculares visando a atender as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura (Resolução N° 2/2002) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física (Resolução N° 7/2004). Como parte deste processo de reformulação curricular, colaborei ativamente na realização de um seminário para estudantes do curso e comunidade externa, com palestras sobre o assunto.

Foram momentos muito importantes e ricos em minha experiência docente, pois pude compreender melhor, a dinâmica e tramas internas de construção de um currículo, que envolve diferentes concepções de mundo e interesses mercadológicos. Posso dizer que o período de trabalho nesta instituição foi de muito estudo, discussões, aprendizado e trocas com colegas, como Leandro Rezende, Beth, Eliane, Cleber Casagrande, Karlandrea, Idelma, Rosane, Marina Antunes, Alexandre Medeiros, Marcos Vinícius, Valéria Manna, Eduardo Hadad, Karine, Eduardo Melo e Sérgio Sérvelo. Este último, durante a maior parte do período que atuei nesta instituição, foi o coordenador do curso. Ele com sua grande capacidade de escuta e acolhimento, tornava nossa atuação mais autônoma e mais harmoniosa. Muitos destes colegas, continuam sendo parte de meu círculo de amizades.

Foram trilhas e partilhas que colaboraram com o aperfeiçoamento do exercício da docência e me motivaram a ingressar como docente na universidade pública, onde as condições de trabalho, no ensino, extensão e pesquisa, seriam melhores e com muitas possibilidades de desenvolvimento profissional.

Dando continuidade à minha formação acadêmica na pós-graduação, que seria fundamental para a realização de meu sonho de ingressar como docente em uma universidade pública e, também buscando aprofundar o conhecimento na área da Educação Especial, ingressei no doutorado, no programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEs/UFSCar). A preparação para a seleção foi um período de muita dedicação, conciliando trabalho, maternidade e os estudos das referências indicadas no edital (artigos e livros) e desistir de viajar com minha família nas férias escolares de janeiro de 2006.

Com outra colega do NIAFS/PAPD, Valéria Manna, também inscrita ao processo seletivo, viajamos para São Carlos a professora Josley Souza, nossa colega da área de Educação Física, que já cursava o referido doutorado e nos hospedou em sua casa. Seu acolhimento e solidariedade foram fundamentais naquele momento. Muitas conversas sobre o curso e o processo seletivo. Minha gratidão eterna a ela!

O processo seletivo foi muito rigoroso, refletindo a seriedade e comprometimento com a qualidade do ensino na universidade pública e constituiu-se de três fases eliminatórias: prova de inglês, prova escrita sobre conhecimentos da Educação Especial e entrevista com defesa do projeto de pesquisa com uma banca avaliadora.

A prova de inglês, realizada no período da manhã, exigiu bom domínio do idioma para a compreensão textual e respostas às questões. Na prova escrita sobre os conhecimentos da área, no mesmo dia à tarde, foram quatro questões abertas, com base nas referências indicadas pelo programa. Escrevi tanto, que ao final da prova, já com a mão dormente, minha letra, parecia a de uma criança em processo de aquisição da escrita. Me recordo que, quando a profa. Maria Amélia Almeida que supervisionava a prova disse que faltavam dez minutos para o encerramento, comecei a tremer de ansiedade e tive receio de não conseguir terminar. Respirei fundo, recuperei o controle e felizmente, consegui concluir o texto em tempo hábil. Resumindo: foi tenso! Mas o resultado divulgado dois dias depois, foi de aprovação nas duas primeiras etapas.

A entrevista foi com uma banca composta por cinco professoras do PPGEEs (Maria Amélia Almeida, Cláudia Martinez, Deisy Souza, Maria Stela Gil e Enicéia Mendes). Determinada a ingressar no curso, encontrei meu medo insegurança e me sentei em frente a elas. O que não consigo esquecer daquele momento, foi a Profa. Deisy Souza, com quem viria a cursar uma disciplina, me perguntar se eu teria liberação do trabalho para me dedicar ao curso e eu responder que não. Em seguida me questionou sobre como eu faria o doutorado trabalhando. Respondi-lhe com muita sinceridade que apesar de saber que não seria fácil, assim como conciliei o mestrado com o trabalho, estava disposta a me dedicar ao curso e completei dizendo-lhe: “*Carro apertando é que canta*”? fazendo uma alusão ao “carro de boi”. Ela esboçou um sorriso discreto... felizmente fui aprovada e o carro realmente cantou, pois, a jornada foi intensa.

No PPGEEs, participei do grupo de pesquisas Formação de Recursos Humanos e Ensino em Educação Especial (GP-FOREESP), coordenado pela profa. Dra. Enicéia Gonçalves Mendes, minha orientadora. Profissional acolhedora, muito capaz e comprometida com a produção do conhecimento para colaborar na inclusão escolar de pessoas com deficiência. Sendo uma das principais referências na Educação Especial brasileira. O grupo integra as atividades de ensino, pesquisa e extensão de docentes e seus/suas orientandos/as (discentes dos cursos de graduação e da Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar). Sua missão é produzir conhecimento científico que contribua para a universalização do acesso e melhoria da qualidade do ensino oferecida a crianças e jovens com necessidades educacionais especiais na realidade brasileira.

Enquanto doutoranda, colaborei na realização do III e do IV Congresso Brasileiro de Educação Especial. No III, ofertei com a colega de curso, Josefa Lidia Costa Pereira, um minicurso sobre Orientação e mobilidade e nos dois eventos coordenei sessões de apresentações de trabalhos.

Em um dos créditos cursados, denominado Análise do Conceito de Deficiência, escrevi com a colega do curso, Carolina Lopes da Costa, um capítulo intitulado Análise do conceito de deficiência visual considerações para a prática de professores, para o livro Educação Especial: aspectos conceituais

emergentes, organizado pela Professora da disciplina, Maria da Piedade Resende da Costa, e publicado em 2009 pela EDUFSCar.

Em outro crédito, desenvolvi uma pesquisa com metodologia distinta da que seria desenvolvida a tese e que foi orientada pela professora Maria Amélia Almeida. Nesta pesquisa aprendi sobre um método totalmente novo em minha formação, que foi uma pesquisa quase-experimental com uso da linha de base, com uma criança com deficiência visual. A pesquisa resultou em um artigo publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, no ano de 2008 e que está listado nos anexos.

Cursar o doutorado não foi nada fácil, especialmente no primeiro ano, quando cursei as disciplinas. Deixava meus filhos, ainda crianças, aos cuidados de minha funcionária Rosa, de meu esposo e minha mãe, que se revezavam em minhas ausências. Além disso, seguia trabalhando cedida para a UFU e ADEVITRIM e ministrando algumas aulas na UNITRI, no primeiro semestre do curso.

Semanalmente, ia de ônibus para São Carlos. Chegava às 4h30 da manhã e, na rodoviária, esperava até as 6h, pelas colegas de curso, Margarete e Lúcia que iam do Paraná. Juntas, tomávamos café em uma panificadora, que ficava em frente à rodoviária e depois, seguíamos de ônibus coletivo para a UFSCar. No primeiro semestre, pernoitava em um hotel em São Carlos, pois as aulas eram às quartas-feiras (manhã e tarde) e quintas-feiras pela manhã.

No segundo foi “bate e volta”, pois as aulas eram de manhã e à noite. Para driblar o sono e me manter firme nas aulas, recorria ao café, poderoso energético, que quase virou um vício. A professora Maria Amélia, sempre cuidadosa e acolhedora, encerrava as aulas e nos dava carona até a rodoviária, de onde eu saia às 22h chegando em Uberlândia, em torno de 2h da manhã. No dia seguinte, tinha que acordar cedo e seguir na labuta (trabalho, estudo e cuidados com a casa e filhos). Ou seja, eram duas noites de muita privação de sono.

No período de escrita da tese, ia periodicamente à UFSCar, para as orientações com minha orientadora, professora Dra. Enicéia Gonçalves Mendes. Com ela aprendi muito sobre a formação de recursos humanos para a Educação

Especial e sobre análise de conteúdo (Bardin, 2016), técnica que utilizei para analisar os dados da pesquisa desenvolvida na tese. Vivenciei sobre o trabalho colaborativo que ela estimulava no grupo, que também me ajudou na análise de conteúdo.

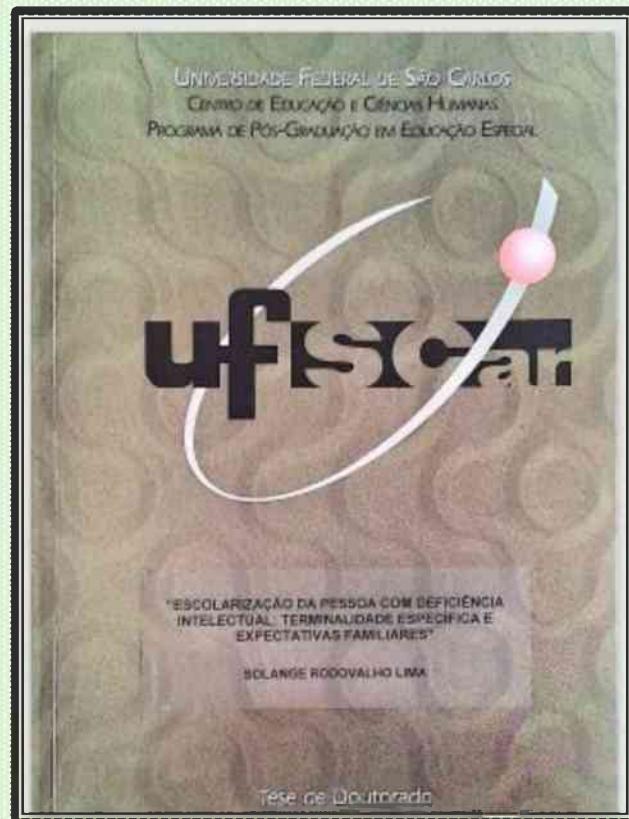
A tese de doutorado, um estudo de campo de caráter analítico, consubstanciado em análise documental, teve por objetivo analisar a coerência entre a finalidade legal da escolarização da pessoa com deficiência intelectual e os sentidos atribuídos pela família a essa escolarização na classe comum da escola regular. Entrevistei pais de alunos/as com deficiência intelectual de sete escolas da rede municipal de ensino de Uberlândia e pude manter contato com profissionais que atuavam no atendimento educacional especializado (AEE) e conhecer mais do trabalho que eles/elas realizavam neste espaço.

Na tese concluí que,

...apesar dos avanços, a escolarização da pessoa com deficiência intelectual deve ser repensada, tendo em vista um outro modelo de escola e que, nesse processo, a “terminalidade específica” deve ser profundamente debatida, pois, como instrumento legal, não está indo ao encontro da expectativa das famílias, além de apresentar riscos desfavoráveis ao percurso de escolarização de alunos com deficiência intelectual no Brasil (Lima, 2009).

Em minha banca de defesa, em 09 de agosto de 2009, tive a honra de contar com a colaboração de pesquisadores/as referência na área da Educação Especial. Foram eles/elas minha orientadora, Dra. Enicéia Gonçalves Mendes e das professoras doutoras Maria Amélia Almeida, Kátia Regina Moreno Caiado, Rosângela Gavioli Prieto e do professor Dr. Júlio Romero Ferreira. A tese foi intitulada: Escolarização da Pessoa com Deficiência Intelectual: terminalidade específica e expectativas familiares.

Figura 42 – Capa tese doutorado



Não é demais dizer que a conclusão do doutorado, foi a realização de mais um grande sonho, muito importante em minha história de vida e trajetória profissional. Obter o título de doutora em Educação Especial, no PPGEEs, em uma universidade pública e em um programa com nota sete pela CAPES, foi realmente uma grande conquista. Compensou as ausências com minha família, o desconforto nas viagens, noites mal dormidas e as madrugadas frias na rodoviária de São Carlos, observando com insegurança pessoas em situação de rua, embriagados e com forte cheiro de álcool, que transitavam por ali, em busca de um local para dormir e/ou alguma doação. Aqui também é importante destacar minha gratidão aos/as colegas do NIAFS pelo apoio e, em específico ao grupo do PAPD, que sempre que foi necessário, me substituíram no programa.

As dificuldades e desconfortos citados, não diminuem o grande orgulho, em ter cursado o doutorado no PPGEEs da UFSCar e ter conhecido professoras/pesquisadoras tão acolhedoras e competentes em sua função docente, especialmente as professoras Enicéia Mendes e Maria Amélia Almeida, a quem admiro pelo trabalho que desenvolvem e pela dedicação à universidade

pública e à formação de professores/as. Tenho muito carinho por esta instituição e pelos momentos nela vividos.

Figura 42 – Com as Prof. Enicéia Mendes e M^a Amélia Almeida, PPGEEs



Figura 43 – Carteira de estudante do doutorado, UFSCar (2006-2010)



Sou grata por ter participado do GP-FOREESP/UFSCar e ter aprendido e partilhado tantos conhecimentos importantes em minha formação continuada.

Até hoje, por meio do grupo no *Whats app*, criado pela professora Dra. Enicéia Mendes, congregando todas/os seus/suas orientados e orientandos, tenho a oportunidade de acompanhar e participar de importantes debates, experiências e conhecimentos sobre Educação Especial produzidos e/ou divulgados no grupo.

Em dezembro de 2017, tive a honra de participar do encontro promovido pela referida professora em comemoração aos vinte anos do GP-FOREESP. Este evento contou com participação de alunos/as e ex-alunos/as do PPGGEs orientados e orientandos da Dra. Enicéia. Foram debatidas questões acerca da inclusão escolar do público da educação especial.

Figura 44 – Encontro do GP-FOREESP/UFCar, 2017



5 Jornada na universidade pública

Durante o tempo em que trabalhei na FAEFI e ADVITRIM, cedida pela PMU, além de atuar nos projetos com as pessoas com deficiência, colaborei ministrando aulas no curso de graduação em Educação Física. Lecionei as disciplinas, atletismo, metodologia da pesquisa, educação física e esportes

adaptados e prática pedagógica em Educação Física Adaptada, cuja vivência dos/as acadêmicos/as era no PAPD. Em Educação Física e Esportes Adaptados, ministrei conteúdos voltados ao trabalho com a pessoa com deficiência visual e durante o segundo semestre do ano de 2000, substituí o professor Alberto, que estava em missão como chefe da delegação brasileira, na Paraolimpíada de Sidney.

Com estas experiências pude compreender melhor a realidade da docência na graduação em Educação Física da UFU e reafirmar meu interesse em seguir carreira acadêmica na universidade pública, o que me levou a prestar concurso para docente na FAEFI/UFU no ano de 2006, vindo a assumir o cargo quase no final da vigência de prorrogação do prazo do concurso, no ano de 2008.

5.1 Docência na Graduação

Ingressei na UFU como professora efetiva em 06 de outubro de 2008, posição que ocupo desde então. Quando tomei posse na universidade já tinha uma bagagem profissional de mais de vinte anos como professora, com experiências que incluíam as docências no ensino superior e na Educação Básica. Nesta trajetória foi possível vivenciar muitas ações e reflexões, que foram fundamentais em minha jornada na UFU, procurando ser autora de minha prática pedagógica (Nóvoa, 2025) para exercer minhas funções no curso. Ingressar professora na unidade acadêmica em que me formei na graduação, representou para mim uma grande realização.

Figura 45 – Entrada e vista panorâmica do Campus FAEFI/UFU



Fonte: <https://faefi.ufu.br/node/1164>

Logo que assumi o cargo na FAEFI/UFU, o curso de Educação Física que estava vigente desde o ano de 2007, oferecia de forma integrada as modalidades licenciatura e bacharelado, com carga horária de 4250 horas distribuídas em nove períodos, com duração de quatro anos e meio. Neste contexto, as práticas pedagógicas, compunham parte das quatrocentas horas da prática como componente curricular que deveriam ser vivenciadas ao longo do curso, como previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores/as (Resolução Nº 2/2002 do CNE) e no Projeto institucional de formação e desenvolvimento do profissional da educação da UFU (Resolução Nº 3/2005 do Consun) documento normatizador das licenciaturas na UFU.

Entre as atividades desenvolvidas nestas práticas, incluíam-se as que possibilitavam “...a compreensão dos sistemas educacionais, que ocorrem no espaço escolar ou em outros ambientes educativos, do trabalho docente, das atividades discentes e da gestão escolar” (Silva, 2008).

Assim que iniciei meu trabalho, contribui na disciplina Handebol, que estava sendo ministrada pelo professor João Elias. Continuei como membro do NIAFS e segui colaborando na coordenação do PAPD, com a professora Patrícia Freitas. A partir do semestre seguinte, atendendo às demandas do curso, assumi os componentes curriculares atletismo, prática pedagógica do atletismo (PIPE 2)

e prática pedagógica em Educação Física Adaptada (PIPE 5). Nesta última, os/as discentes vivenciavam experiências no PAPD e assim, assumi a coordenação deste programa.

Em cada semestre lecionei em torno de quatro disciplinas, com uma média de trinta estudantes em cada, o que corresponde a aproximadamente um número de quatro mil estudantes, só na graduação, ao longo de 32 semestres letivos. O quadro 1, a seguir, mostra as 21 disciplinas, que ministrei ao longo de minha carreira como docente concursada na UFU, sem especificar os semestres em que foram ofertadas.

Quadro 1 – Componentes curriculares ministrados no curso de Educação Física/UFU

Componente Curricular	Modalidade do Curso
Prática Pedagógica do Atletismo (PIPE 2)	Licenciatura e Bacharelado
Atletismo	Licenciatura e Bacharelado
Esporte e Deficiência	Licenciatura e Bacharelado
Prática Pedagógica em Educação Física Adaptada (PIPE 5)	Licenciatura e Bacharelado
Exercício e Envelhecimento	Licenciatura e Bacharelado
Educação Física e Esportes Adaptados	Licenciatura e Bacharelado
Estágio Supervisionado I	Licenciatura e Bacharelado
Prática Pedagógica e Diversidade Humana (PIPE 4)	Licenciatura e Bacharelado
Trabalho de Conclusão de Curso 2	Licenciatura e Bacharelado
Vivência em Educação e Deficiência	Licenciatura
Educação Física, Saúde e Qualidade de Vida	Licenciatura
Esportes Complementares	Licenciatura
Trabalho de Conclusão de Curso I	Licenciatura
Comportamento Motor	Licenciatura/Bacharelado
Educação Física e Deficiência	Licenciatura
Trabalho de Conclusão de Curso II	Licenciatura
PROINTER III - Educação Física: Saúde e Sociedade	Licenciatura/Bacharelado
Atividades Curriculares de Extensão - Educação Física e Deficiência I	Licenciatura/Bacharelado
Atividades Curriculares de Extensão - Educação Física e Deficiência II	Licenciatura/Bacharelado

Além destas disciplinas, ministrei no ano de 2018 os componentes curriculares Metodologia da Pesquisa Científica e Educação Física e Deficiência

na Pós-graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar, ofertado na FAEFI/UFU.

No projeto institucional de formação e desenvolvimento do profissional da educação (PIFDE) as quatrocentos horas de práticas como componente curricular, denominavam-se Práticas Integradas de Projetos Educacionais (PIPEs) e no curso de Educação Física elas foram nomeadas de Práticas Pedagógicas e distribuídas ao longo do curso, num total de onze. Ministrei três delas: Prática Pedagógicas do Atletismo (PIPE 2), Prática Pedagógica e Diversidade Humana (PIPE 4) e Prática Pedagógica em Educação Física Adaptada (PIPE 5).

A partir do ano de 2020, os PIPEs, transformaram-se em Projetos Interdisciplinares (PROINTER). Nos currículos dos cursos de licenciatura, incluindo Educação Física (2018-2022) eram ofertados cinco PROINTERs. No currículo atual do curso de Educação Física (licenciatura/bacharelado) são três e ministro o PROINTER III – Educação Física, Saúde e Sociedade. Nestes componentes, os/as estudantes vivenciam experiências de planejamento e intervenção pedagógica, que os colocam em contato com o contexto da educação básica e com outros espaços não escolares, onde poderão atuar profissionalmente, como clubes, associações esportivas e Sistema Único de Saúde.

No estágio o/a estudante ao ser inserido/a na escola, vivencia a realidade da educação básica e em específico da educação física escolar e adquire conhecimentos essenciais para sua futura atuação profissional. Ao acompanhar o trabalho do/da professor/a supervisor/a da escola, grande protagonista em sua formação, o/a estagiário vivencia a realidade escolar, podendo compreender a função docente e o papel do/da professor/a como um pilar muito importante na qualidade da educação pública.

Entre os diferentes componentes curriculares, que lecionei, considero que as atividades curriculares de extensão, as práticas como componente curricular e o estágio, têm papel central na formação dos/das licenciandos/as, pois os aproximam do mundo do trabalho e em específico da realidade escolar, colaborando para que eles/elas reconheçam e compreendam este contexto.

Em minha prática pedagógica, procurei ser responsável e me preparar para minha função docente. Estive atenta a incorporar novos elementos que pudessem enriquecer-la, tanto em termos didático metodológicos quanto em termos de referências teóricas e avaliações de aprendizagem. Lendo Carta de Paulo Freire aos Professores sobre ensinar e aprender, comprehendo que também tenho aprendido muito em minha ação docente.

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se acha permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer (Freire, 2001, p. 259).

Neste processo, procurei provocar nos/nas alunos/as mais encantamento e sabor pelo conhecimento e pela profissão de professor/a, que a cada ano vem sofrendo com a perda de interesse. Conforme demonstrado pelo Censo da Educação Superior do ano de 2023, os resultados apontam para um apagão de professores/as nos próximos anos. Esta situação reflete-se em nosso curso e tem sido objeto de preocupação para nós docentes da licenciatura, especialmente após a última reforma curricular, que passou a vigorar no ano de 2022. Neste currículo, com entrada única no curso (cadastrado no e-Mec como licenciatura) ao final do quarto período, o/a estudante escolhe se segue na licenciatura ou se migra para o bacharelado. Entre as duas turmas que chegaram no momento da escolha, apenas três discentes optaram em permanecer na licenciatura.

Mantendo o rigor necessário em minha prática pedagógica, busquei manter uma relação cordial e de escuta com os/as estudantes, dialogando com eles/elas sobre a importância de assumirem a autoria de seus estudos e o compromisso com sua formação. A intenção foi estimular que se envolvessem em projetos de ensino, pesquisa e extensão e em eventos científicos para ampliarem sua formação inicial. Neste percurso, não posso negar que fiquei lisonjeada em ser homenageada por três turmas que concluíram o curso, conforme imagens, a seguir.

Figuras 46 – Placa de formandos da Turma 77, 2017



Figura 47 – Homenagem das turmas 76 e 77

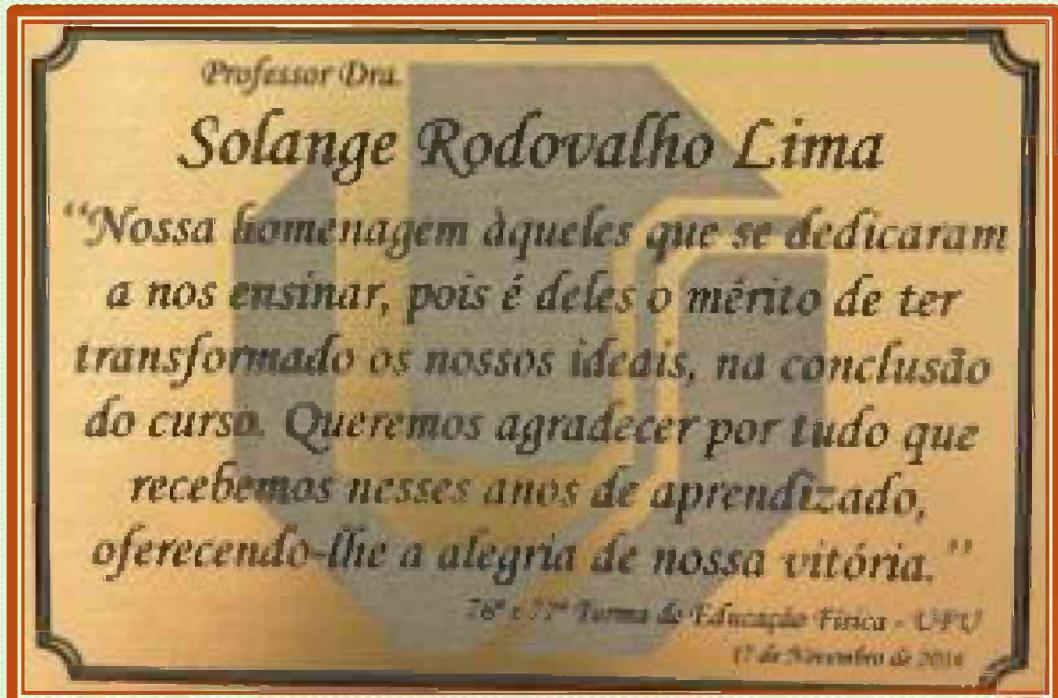


Figura 48 – Com a turma 82 que me homenageou, 2019



Em minha trajetória no curso, participei de duas reformulações curriculares. A primeira delas foi como membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) constituído no ano de 2011 e do qual fiz parte até o ano de 2017. Esta reestruturação visou a separar as modalidades licenciatura e bacharelado que eram ofertadas integradamente.

No coletivo de professores/as, havia divergências quanto à proposta de separação dos cursos. A despeito de o curso integrado ter sido avaliado e recomendado pela comissão de avaliadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no ano de 2009, uma parte do grupo de docentes defendia a separação entre as modalidades licenciatura e bacharelado. A outra parte, a qual eu me incluía, discordava da separação e advogava uma formação integrada, pois compreendia que esta ampliava a formação e possibilitava ao/à egresso/a, atuar em diferentes campos da

Educação Física. Nossa concepção vai ao encontro do pensamento de Taffarel (2012), que afirma que a divisão entre licenciatura e bacharelado gera lacunas, que se manifestam tanto no processo de formação, uma vez que se negam conhecimentos, bem como na atuação profissional, negando postos de trabalho e que esta defesa atende aos interesses mercadológicos do Conselho Federal de Educação Física e Conselhos Regionais de Educação Física (Confef/Cref).

Esta concepção encontrava eco nos princípios orientadores dos PPC que entraram em vigor em 2007 (licenciatura/bacharelado) e 2018 (licenciatura), o que pode ser conferido no trecho a seguir.

- A necessidade de considerar o contexto atual em que o profissional de Educação Física estava atuando na época nos âmbitos formal (escolar) e não formal (treinamento, “fitness”, clubes, hotéis etc.), os quais passaram a constituir o mercado de trabalho contemporâneo;
- a possibilidade de viabilizar, desde o primeiro semestre, formação ampla no que diz respeito aos fundamentos filosófico-pedagógicos da prática educativa, associando-se à mesma uma formação técnico-instrumental necessária para a atuação nos espaços não formais;
- a necessidade de otimizar o tempo para conclusão das duas modalidades, possibilitando, num espaço de quatro anos e meio, que os alunos fossem preparados para enfrentar os desafios de uma área multidisciplinar e com amplo espectro de atuação;
- garantir que o graduado em Educação Física fosse qualificado para analisar criticamente a realidade social para nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio das diferentes manifestações e expressões do movimento humano seja em ensino formal ou não formal. (UFU, 2007, p.47; UFU, 2018, p.23).

Participei em reuniões periódicas com o NDE para estudar e discutir autores/as e obras que fundamentassem a reformulação curricular, na perspectiva de uma formação crítica e progressista, defendida por autores como Demerval Saviani, Luiz Carlos Freitas, José Carlos Libâneo, Celi Taffarel, Elenor Kunz, Valter Bracht, entre outros.

Após vários e intensos debates no NDE e com o coletivo dos professores/as, prevaleceu a opção pela divisão dos cursos. Com isto, em outubro de 2014, o NDE subdividiu-se em duas comissões, ficando uma encarregada de elaborar um novo Projeto Pedagógico de Curso (PPC) para o

Bacharelado e a outra para a licenciatura. Fiz parte da subcomissão que elaborou o PPC da licenciatura que vigorou de 2018 a 2022.

Se por um lado, em meu entendimento a divisão traria prejuízos aos dois cursos, pois os conhecimentos do coletivo de docentes se complementariam para uma formação mais ampla e sólida do/a futuro/a egresso/a, por outro, com a separação, esperançávamos que a licenciatura privilegiaria o trato do conhecimento, tendo como foco as subáreas sócio cultural e pedagógica da Educação Física para uma formação de professores/as, que conseguisse colaborar com a qualidade e consolidação da Educação Física Escolar.

Além do desmembramento das modalidades de formação, o coletivo decidiu também pela separação do corpo docente por curso, de forma que, a partir do ano de 2018, um grupo passou a atuar exclusivamente no bacharelado e o outro na licenciatura. Optei pela licenciatura, pois além de ter me graduado em um curso de licenciatura plena, com formação generalista, e ter cursado pedagogia, minhas experiências profissionais e formação continuada me aproximaram, cada vez mais, das questões relativas à Educação Básica e da formação de professores/as, em específico da inclusão escolar do PÚblico da Educação Especial (PEE). No núcleo da licenciatura, composto por nove docentes, tenho colaborado ativamente para o desenvolvimento e qualidade do curso e formação do licenciado.

A figura, a seguir mostra oito, dos nove professores/as, que atuavam na licenciatura, por ocasião do seminário do curso de licenciatura em Educação Física, como parte do seminário institucional das licenciaturas (SEILIC) da UFU.

Figura 49 – Docentes e discentes no II Seilic Educação Física, 2022



Frente às Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física (Resolução CNE nº 06/2018), participei das discussões e aprovação da segunda mudança curricular, que ocorreu no ano de 2022. Assim, o currículo vigente está estruturado em um núcleo comum cujo ingresso é pela licenciatura e, como já referido, ao concluir o 4º período, o/a estudante opta por permanecer na licenciatura ou migrar para o bacharelado.

Desta forma, atualmente estamos com três currículos em funcionamento: a) bacharelado, b) licenciatura e c) licenciatura/bacharelado. Há, ainda, ofertas de algumas disciplinas do currículo antigo da modalidade integrada licenciatura e bacharelado, para discentes que se atrasaram na conclusão do referido curso. Assim, de 2018 até os dias atuais, venho lecionando componentes curriculares nos quatro cursos.

Fazer parte do NDE e participar ativamente na elaboração do PPC da licenciatura (2018) e na apreciação e aprovação da última reformulação curricular, ocorrida em 2022, me permitiu vivenciar um processo de muito debate, escuta e aprendizado. Foi possível reconhecer manifestações de interesses pessoais e profissionais, marcados por disputas, frente às distintas concepções de mundo e profundas diferenças subjetivas, intersubjetivas e político-econômica do corpo docente.

Durante minha jornada como docente efetiva na UFU, ao longo destes dezesseis anos e nove meses, o período de maior dificuldade que enfrentei foi o da Pandemia da Covid-19. O receio da contaminação, o afastamento social e o trabalho remoto, foram motivos de muita ansiedade e instabilidade emocional. Felizmente, a companhia de meus filhos, marido e da querida Pri, minha nora, tornou mais tranquilo e suportável o período de “confinamento” em casa.

Para manter minha sanidade me distanciamento social, sem poder continuar frequentando a academia e seguir minha rotina diária de exercícios físicos, adotada há quase quadro décadas, tive que desafiar meus limites e me adaptar. Nesse processo, a formação em Educação Física foi fundamental para eu conseguir me manter fisicamente ativa, me exercitando em casa e caminhando pelo bairro em que morava, em companhia de meu marido e de nossa cachorrinha Chica.

Outra atividade adotada e que foi muito importante para meu equilíbrio emocional e que indiretamente impactou em meu trabalho durante a Pandemia, foram as trilhas de bicicleta, aos finais de semana, em bairros periféricos e zona rural de Uberlândia, onde o contato com a natureza (campos e cachoeiras) foram reconfortantes e uma verdadeira terapia mental.

Nestas trilhas, mesmo com distanciamento, pude estar com alguns amigos, como Leandro, Cleber, Débora, Marcos Vinícius e Hudson e conhecer amigos que a Pandemia me presenteou, como o casal Marlene e Rogério. A todos e todas minha eterna gratidão pelas companhias, conversas e pelos momentos tão especiais em um período tão difícil de nossas vidas.

Figura 50 – Trilha de “bike” nos arredores de Uberlândia, 2021



Nesta época, a maior parte das universidades públicas paralisaram suas atividades presenciais e adotaram o ensino remoto. A UFU, em março de 2020, suspendeu o calendário acadêmico e todas as atividades presenciais e, em julho deste ano, autorizou a adoção, em caráter excepcional e facultativo, do que foi denominado pelo Conselho de Graduação, de Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais (AARE) (Universidade Federal de Uberlândia, 2020a).

Após várias discussões e considerando as orientações locais, regionais, nacionais e internacionais de como proceder para garantir o distanciamento social e evitar o contágio, em julho de 2020 a UFU aprovou a Resolução SEI/Congrad nº 7 de 2020, que “Dispõe sobre a instituição, autorização e recomendação de Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais, em caráter excepcional e facultativo, em razão da epidemia da COVID-19, no âmbito do ensino da Graduação na Universidade Federal de Uberlândia.” (UFU, 2020a, p. 1).

Neste contexto de pandemia, vivi em meio a inquietações, insegurança, dúvidas e expectativas em relação às atividades acadêmicas. Aprender a lidar com ferramentas e recursos de tecnologia, até então pouco utilizadas ou desconhecidas me exigiu novas habilidades, aprendizado e muita parceria e escuta com alguns colegas. Parecia uma criança em processo de alfabetização, que conhece as letras, mas precisa saber juntá-las para formar as palavras e entender o seu significado. Num primeiro momento, em isolamento e fora da sala de aula experimentei sentimentos de angústia e impotência. Como dominar tanta novidade? Pensava: “eu que já poderia estar aposentada e tranquila em meu descanso, desde o ano de 2018, estou aqui lidando com o desconhecido e tendo que recomeçar”. Lembro-me que em uma reunião, em modo remoto, com docentes do curso de licenciatura, discutindo como conduziríamos as AARE, comecei a chorar. A paciência e o acolhimento de colegas do curso, me ajudaram a acreditar em minha capacidade de lidar com tantas novidades, em tão pouco tempo. E bola para a frente, pois como nos ensina Paulo Freire: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (Freire, 1997, p. 79)

Os diversos cursos de capacitação ofertados pela UFU, via Educação à Distância (EAD), à comunidade acadêmica no segundo semestre de 2020, para lidar com os recursos de tecnologia da informação (TI), bem como com as plataformas de ensino remoto, foram fundamentais em minha preparação para agir naquele contexto. Fiz o curso da Rede Brasileira para Educação e Pesquisa (RNP) e aprendi a realizar webconferência com os/as estudantes e a ministrar as aulas síncronas, em uma sala virtual que criei, neste sistema.

Outro curso foi sobre a utilização do *Moodle*, a respeito do qual já tinha um pouco de conhecimento, adquirido quando ministrei aulas em um curso EAD de formação de professores para a área da Educação Física Adaptada, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no ano de 2009.

Utilizar estes recursos de TI, foi inicialmente desafiador, mas posteriormente, eles tornaram-se um aliado e facilitaram muito minha prática docente. Desde o ano de 2021, utilizo o *Moodle* para hospedar os materiais

didáticos, tarefas e atividades avaliativas dos componentes curriculares que ministro.

Mesmo com o retorno às atividades acadêmicas presenciais, o *Moodle* junto a grupos de *whatsapp* e *e-mail*, têm sido os canais de comunicação virtual com os/as discentes. A única ressalva é a dependência do *smartphone* e a falta de privacidade nos horários que deveriam ser reservados ao descanso, quando muitas vezes respondo às mensagens de estudantes.

Confesso que a experiência com aulas remotas síncronas, além de desafiadora, foi muito desconfortável. A proximidade física com os/as discentes, olhando em seus olhos e vendo suas expressões e reações, nos permite uma interação muito melhor e mais dialógica com mais sentido e significado. Nas aulas remotas, tinha que provocar bastante os/as discentes para que participassem e dialogassem sobre os conteúdos abordados. Mas, muitos/as deles/as ou por falta de recursos em seus aparelhos, por timidez ou mesmo falta de interesse, sequer abriam suas câmeras. Em alguns momentos era quase um monólogo, o que me incomodava bastante. Ao final das aulas, meu cansaço era muito maior que em aulas presenciais.

Cabe destacar que foi uma preocupação da UFU e de nosso coletivo docente, o fato de que os/as discentes talvez não tivessem acesso a computadores e *smartphones*, bem como a um pacote de acesso à *internet* capaz de suportar a transmissão das atividades, sem falar da pouca familiaridade de alguns docentes e discentes com as plataformas a serem utilizadas, entre outros aspectos.

Vários autores como Silva, Silva Neto e Santos (2020) criticavam o ensino remoto e a precarização do trabalho docente, mediado pelas tecnologias digitais, especialmente em nosso país, marcado pela desigualdade econômica e social e que se intensificaram ainda mais na Pandemia.

A despeito do negacionismo de representantes do poder público federal, especialmente do chefe do executivo quanto à gravidade da pandemia e às medidas sanitárias para evitar a contaminação, estávamos num contexto em que,

A Campanha de Vacinação contra a Covid-19 trouxe o alívio que os brasileiros precisavam depois de um ano intenso, com milhões casos e milhares de óbitos. Mas também trouxe avanços que transformaram o Sistema Único de Saúde (SUS): avanços em ciência, pesquisa e estrutura hospitalar. Para a pandemia, perdemos amigos e familiares. Mas, com ela, o Brasil aprendeu também a ser forte e preparado para novos desafios (Brasil, 2022).

Até o mês de abril de 2022, as disciplinas com carga horária teórica foram ministradas em modo remoto, com aulas síncronas e assíncronas. Mas, ainda no final do ano de 2021, após quase dois anos em afastamento social, foi facultado pela UFU e pelo colegiado do curso, a oferta presencial de disciplinas.

Ter sido imunizada com duas doses da vacina contra a Covid-19 e a adoção dos protocolos de segurança recomendados pelo Comitê de Monitoramento à Covid da UFU, como utilização de máscara, distanciamento social e cuidados na higienização das mãos e uso de álcool em gel, me deixavam mais tranquila nesta fase.

Figura 51 – Segunda dose do imunizante contra Covid-19, 2022



Neste contexto, ministrei a carga horária prática da disciplina atletismo, que era na pista de atletismo, portanto em ambiente aberto e ventilado e rodeado por muito verde, o que nos dava muito conforto no contexto do distanciamento social.

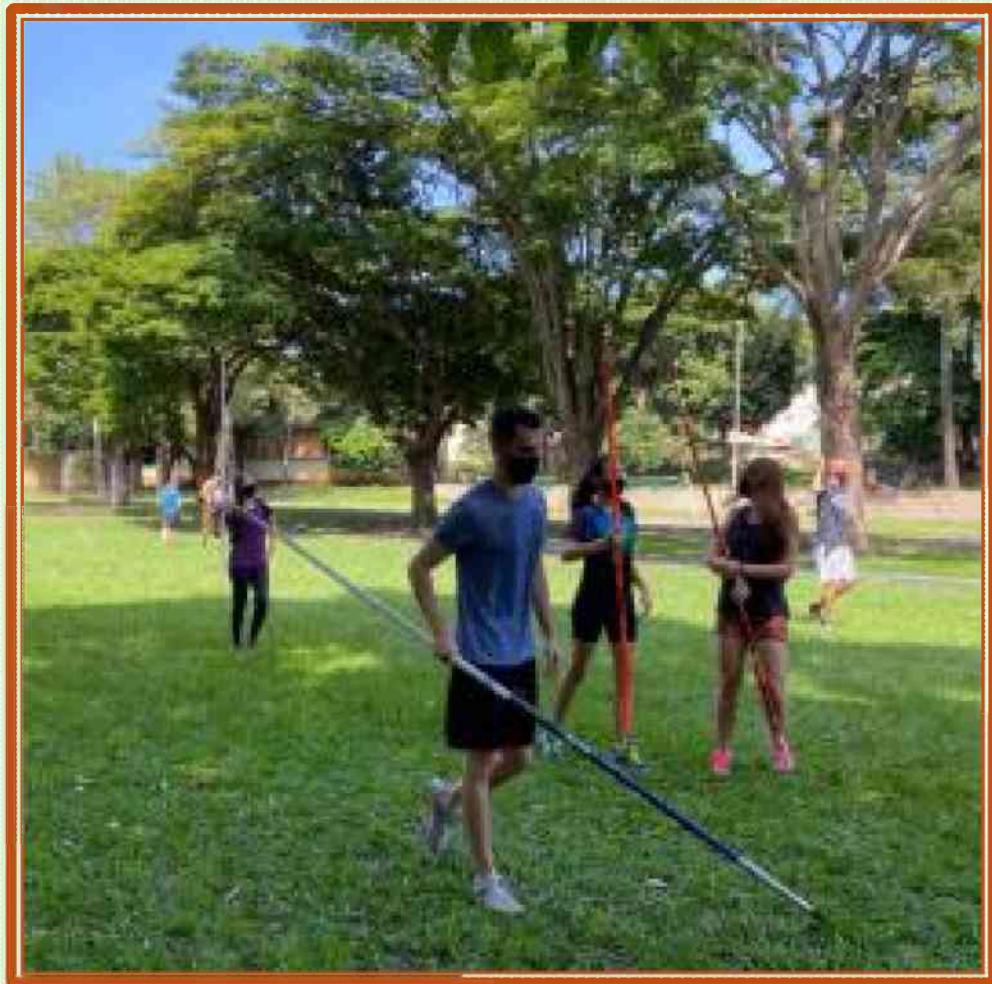
Figura 52 – Pista de atletismo, FAEFI/UFU



Fonte: Ana Maria da Silva, 2023

Se por um lado, estava feliz em sair de casa e me encontrar com os/as estudantes, mesmo que sem proximidade física, por outro, as condições para ministrar as aulas eram desfavoráveis, pois falar utilizando a máscara de proteção não era fácil e requeria aumentar o tom de voz, para ser ouvida. Além disso, o uso prolongado da máscara, especialmente o modelo N95, provocava ferimentos na pele do nariz. Os/as estudantes com frequência reclamavam de cansaço e desconforto, pois mesmo o planejamento sendo adequado para aquele contexto, muitas atividades requeriam mais deslocamento, como os jogos e brincadeiras, utilizados no processo ensino e aprendizagem do atletismo.

Figura 53 - Aula de atletismo na Pandemia, 2022



Em maio de 2022, houve o retorno das atividades acadêmicas presenciais na UFU. Ainda com receio da contaminação pela Covid-19, continuei seguindo os protocolos de segurança recomendados pelo Comitê de Monitoramento à Covid. Apesar das dificuldades impostas naquele momento, especialmente na comunicação com os/as estudantes usando a máscara de proteção, do receio de ser contaminada e a consequente necessidade de manter o distanciamento dos/das estudantes e colegas de trabalho, voltar às atividades presencialmente, teve um significado muito especial e representou de certa forma, um retorno à normalidade de nossas vidas.

Figura 54 – Aula coletiva dos estágios na licenciatura, na pandemia, 2022



Posso dizer que os desafios vividos no contexto da Pandemia provocaram novas buscas, participação em atividades de qualificação docente e encontros que culminaram em relevantes aprendizagens profissionais. Com o retorno às atividades acadêmicas presenciais, uma nova dimensão de formação configurou-se e nos colocou diante da necessidade de uma capacidade maior de escuta aos/às estudantes, que retornaram diferentes e mais sensíveis à rotina diária na Universidade.

A docência no ensino superior me colocou em contato com jovens de diferentes idades e classes sociais e cada um/uma com sua história de vida, que no desenrolar do cotidiano, nem sempre temos a oportunidade de conhecer. São histórias que demonstram a coragem e a resiliência de muitos/as estudantes, que apesar de condições bem adversas conseguiram ingressar em uma universidade pública, graças à política de cotas estabelecida pela Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012). São fatos que nos colocam desafios que extrapolam a relação na sala de aula e que requerem empatia, solidariedade e acolhimento. Em nossa jornada profissional, além de tecnicamente competentes e politicamente compromissados (Nosella, 2005), temos em muitos momentos que ampliar nossa ação para o exercício do acolhimento e do cuidado.

Nossa atuação no magistério superior, especialmente na universidade pública, vai muito além de ministrar componentes curriculares. Neste sentido

relatei processos, elaborei projetos para agências de fomento, participei de diferentes comissões nomeadas pela direção da FAEFI, como a de avaliação de desempenho docente para progressão/promoção na carreira docente, a representação do curso de licenciatura em Educação Física no Fórum de Licenciaturas/UFU. Presidi a comissão de consulta eleitoral à coordenação do curso de licenciatura em Educação Física e compus bancas de seleção de docentes e discentes e outros trabalhos técnicos relacionados nos Anexos.

Em uma destas comissões, no ano de 2023, participei com outros colegas do planejamento e organização das comemorações aos 50 anos do curso de Educação Física, que foi criado em 1972. Foi emocionante resgatar um pouco da história do curso pela memória dos/das docentes e técnicos/as e encontrar professores/as aposentados/as que ministraram aulas em minha graduação e colegas técnicos/as e docentes aposentados, com quem trabalhamos no curso.

Figura 55 – Comemoração 50 anos do curso de Educação Física, 2023



No vídeo produzido a partir dos depoimentos de vários/as colegas da UFU sobre o curso e os diferentes projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos, tive a oportunidade de relatar sobre o PAPD, o que para mim foi motivo de grande orgulho. Agradeço muito ter feito parte da construção de mais este momento no curso e na FAEFI. O vídeo completo está disponível em

<https://youtu.be/s6xRHvBSDKo>. Meu relato sobre o Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD) está no 21º minuto da gravação.

5.2 Ensino, pesquisa, extensão e gestão

Durante minha jornada na UFU, enquanto docente 40h em dedicação exclusiva, desde o ano de 2008, atuei no ensino, pesquisa, extensão e gestão educacional.

De acordo com o Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão da UFU, para o período 2022-2027, a missão da universidade é:

Promover o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada, produzindo e disseminando a ciência, a tecnologia, a inovação, a cultura e a arte, formando cidadãos críticos comprometidos com a ética, a democracia, a sustentabilidade e a transformação social (Universidade..., 2023, p. 22).

Propus, coordenei e colaborei com o desenvolvimento de ações coerentes aos interesses institucionais e que contribuíssem na ampliação e complementação da formação inicial de discentes do curso de Educação Física, bem como estivessem comprometidos com o papel social e referenciado da UFU junto à comunidade interna e externa. Nesta atuação, em praticamente todos as atividades, busquei a parceria colaborativa com colegas docentes, técnicos/as e discentes bolsistas ou voluntários/as.

A seguir, apresento as ações que desenvolvi, no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão, mas destaco que a divisão é apenas por uma questão didática, pois na maior parte do tempo em minha prática docente, estes quatro pilares entrelaçaram-se e foram interrelacionados.

5.2.1 Atividades de ensino

Nestes quase dezessete anos de atuação na FAEFI/UFU, além de ministrar os componentes curriculares, desenvolvi projetos de ensino, os quais relatarei, a seguir.

5.2.1.1 Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI

De 2012 a 2014, participei na terceira edição do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), um programa de mobilidade acadêmica internacional, uma graduação “sanduíche” com quatro semestres cursados em universidades portuguesas. O PLI foi promovido pelo Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB) com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e destinava-se a estudantes de cursos de licenciatura de universidades brasileiras, que estudaram a educação básica em escolas públicas.

Participei da elaboração do projeto para concorrer ao edital PLI/Capes, no ano de 2012, o qual foi intitulado ‘O Programa de Licenciaturas Internacionais e a profissionalização dos professores de Ciências e Educação Física da UFU’. Junto com a Divisão de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRII) da UFU, participei da seleção dos/das estudantes inscritos. Pelo projeto, sete licenciandos/as foram estudar na Universidade Técnica de Lisboa (UTL), hoje Universidade de Lisboa (UL), sendo quatro licenciandas do curso de Educação Física na Faculdade de Motricidade Humana (FMH) e três licenciandos de Ciências Biológicas no Instituto de Agronomia (ISA). Participei com a colega professora Sônia Bertoni, membro da equipe PLI na elaboração do plano de estudos dos/das estudantes do curso de Educação Física, para cursarem as cadeiras/disciplinas no curso da FMH.

Em fevereiro do ano de 2013, durante vinte dias, estive em missão de acompanhamento aos/às estudantes na UTL. Participei de reuniões institucionais com representantes da UTL, em específico com a Diretora de Relações Internacionais (DRI), coordenadoras PLI da FMH, do ISA e do curso de Biologia, para avaliar a adaptação e desempenho acadêmico dos/das estudantes durante o primeiro semestre na UTL. Nesta reunião identificamos e realizamos os ajustes necessários no plano de estudos dos/das estudantes.

Figura 56 – Com estudantes PLI, na UTL (ISA), 2013



Integrei outra reunião com estudantes do curso de Educação Física da UFU, representantes da UTL e outros estudantes e equipes de professores/as das Universidades Federal de Viçosa, Federal de Goiás (Campus Jataí) e Universidade de Pernambuco (UPe).

Participei também, da 2^a reunião geral do PLI para discussões e reflexões sobre o programa. Esta foi realizada na universidade do Algarve e contou com a participação dos seguintes segmentos: professores/as e representantes das universidades portuguesas, do GCUB, da Capes, coordenadores/as e membros das equipes de várias universidades brasileiras, que participavam da segunda e da terceira edições do programa.

No retorno dos/das estudantes à UFU, auxiliei a coordenação do curso de Educação Física, na readaptação das discentes para que seguissem cursando os componentes curriculares necessários à conclusão do curso. Participei de várias reuniões com nossa equipe PLI e a gerente da Divisão de Licenciaturas (DLICE) da UFU para convalidar as cadeiras cursadas na FMH e providenciar

documentos e relatórios necessários, para obtenção da dupla diplomação, que foi obtida por todos/as os/as estudantes, que participaram desta edição, conforme descrito a seguir.

- Estudantes do curso de Educação Física: Giovanna Rodrigues da Silva, Lesley Ferreira Carlos, Luciene Santos das Neves e Ludmila Florêncio.
- Estudantes do curso de Ciências Biológicas: Cristian Bianchi Lissi, Romário Moraes de Oliveira e Tiago dos Santos Bispo.

Ao participar do PLI conheci o currículo dos cursos de Educação Física de outras instituições de ensino brasileiras e portuguesas e as diferenças em relação à formação de nossos/as estudantes. Aspectos que relatei no NDE do curso de Educação Física, por ocasião das nossas reformas curriculares. Estabeleci contato com membros de outras equipes de universidades brasileiras, bem como docentes de universidades portuguesas bem como, conheci sobre a experiência de outros/as estudantes de vários cursos de Educação Física, bolsistas do programa. Considero que o PLI foi um programa inovador, colaborando na internacionalização do ensino superior, na formação de professores/as para a Educação Básica e aperfeiçoamento dos/das docentes envolvidos/as.

5.2.1.2 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID

Participei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que é,

...uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira (Brasil, 2024).

O PIBID tem por finalidade apoiar a iniciação à docência, por meio da inserção de estudantes de licenciatura nas universidades brasileiras nas escolas públicas de educação básica. Entre 2012 e 2022, participei como coordenadora

de área, em três edições no subprojeto PIBID Educação Física. Esta atuação teve início na elaboração do subprojeto como parte do projeto PIBID institucional da UFU, composto por subprojetos dos outros cursos de licenciatura da instituição. Participei na seleção de estudantes bolsistas de iniciação à docência (ID) e de professores/as da educação básica para serem supervisores/as. Elaborei relatórios parciais e final das atividades desenvolvidas em cada subprojeto.

Minha primeira participação foi de agosto de 2012 a fevereiro de 2014, quando coordenei, com a profa. Sônia Bertoni o subprojeto Educação Física no Ensino Médio, tendo como parceiras a Escola Estadual de Uberlândia e a Escola Estadual Teotônio Vilela. Acompanhei mais especificamente a equipe inserida nesta segunda escola, com oito bolsistas ID, sob a supervisão da professora Juliana Oliveira Mendes.

Fruto desta participação, escrevemos um capítulo de livro, intitulado: PIBID/UFU/Educação Física/Ensino Médio: relato das ações, contribuições e dificuldades de execução. Este fez parte do livro organizado pelas professoras Dayse Rodrigues do Vale, Olenir Maria Mendes e Waléria Furtado Pereira e intitulado: A escola como campo de formação de professores: experiências significativas com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/UFU, publicado em 2015.

Com a inserção dos/das estudantes bolsistas nas escolas de ensino médio, eles/elas puderam acompanhar o trabalho das professoras supervisoras e compreender as dificuldades enfrentadas por elas para garantir a adesão dos/das adolescentes deste nível de ensino nas aulas de Educação Física. Junto às equipes inseridas nas escolas, a partir da realidade ali vivenciada e das demandas observadas e discutidas, puderam planejar e aplicar estratégias de ensino com temas e conteúdo que trariam mais sentido aos/às alunos/as e poderiam motivá-los a participar das aulas. Segundo o relato das supervisoras, que consta no relatório final desta edição do subprojeto, a participação dos/das bolsistas colaborou para que refletissem sobre sua prática pedagógica e assim puderam experimentar formas de atuar, que até então, pareciam desafiadoras e

difícies. Ou seja, ficou evidente a importância do PIBID tanto na formação inicial dos/das bolsistas quanto na formação continuadas das supervisoras.

Minha segunda atuação no referido programa foi na edição 2014/2018, que teve início ao integrar a comissão que elaborou o Projeto PIBID Institucional da UFU para concorrer ao Edital Nº 061/2013 da CAPES. Com a aprovação do projeto ao referido edital, atuei como coordenadora de área do subprojeto Educação Física no ensino fundamental com duas equipes compostas por seis bolsistas ID cada, inseridas na Escola Municipal Professor Eurico Silva e Escola Estadual do Cidade Industrial.

Figura 57 – Equipe PIBID ensino fundamental, 2014/2018



Na escola municipal, a profa. Luna Gonçalves Reis foi supervisora de 2014 ao início de 2017, quando solicitou desligamento para cursar mestrado. Segundo ela, a motivação para ingressar no curso, foi a experiência no subprojeto. Sua dissertação analisou as contribuições do PIBID na atuação profissional dos egressos do subprojeto Educação Física/PIBID/UFU na Educação Básica (Reis, 2019). Esta opção da professora pelo mestrado e seu objeto de pesquisa ser o PIBID me faz sentir orgulho e acreditar na potência

deste programa tanto na formação inicial quanto na formação continuada. Com a saída da profa. Luna, os/as bolsistas ID foram transferidos para a Escola Estadual Frei Egídio Parisi e a profa. Adriane Bernardes assumiu a supervisão, ficando no subprojeto até sua finalização.

Na Escola Estadual do Cidade Industrial, Alessandra Cristina Raimundo foi a professora supervisora no primeiro ano do subprojeto. No início do segundo ano ela solicitou seu desligamento, por ter sido aprovada em um concurso em outro Estado. Com sua saída, a equipe de bolsistas ID foi transferida para a Escola Municipal Professor Eugênio Pimentel e a professora Helena Izabel Neta da Silva assumiu a supervisão.

Elaboramos com as equipes, um folder com informações essenciais sobre o subprojeto, o qual foi utilizado para divulgá-lo nas escolas e na UFU.

Figura 58 – Folder do PIBID Educação Física, ensino fundamental 2014/2018



Fonte: Arquivos do Subprojeto PIBID Educação Física Ensino Fundamental/UFU, 2025.

Entre as ações que realizamos de forma colaborativa, com as equipes do subprojeto, destacamos:

- 1) Inserção dos bolsistas ID nas escolas e diagnóstico da realidade escolar, por meio da coleta de dados empíricos e reflexões sobre a estrutura e gestão escolar à luz de referenciais teóricos;
- 2) Reuniões periódicas coletivas e por equipe para estudos;
- 3) Estudo e planejamento de questões metodológicas relacionadas com o ensino de Educação Física na Educação Básica;
- 4) Planejamento e aplicação de estratégias de ensino de temas da cultura corporal (Coletivo de autores, 1992) a partir da análise da realidade escolar, dos alunos e das condições de aprendizagem, bem como confecção de materiais curriculares para aplicação das estratégias de ensino planejadas;
- 5) Construção de materiais curriculares alternativos para utilização nas estratégias de ensino;
- 6) Visitas técnicas dos/das estudantes das escolas ao campus FAEFI/UFU;
- 7) Colaboração na realização da Semana Científica do curso de Educação Física com o Programa de Educação Tutorial (PET);
- 8) Divulgação e socialização do subprojeto e resultados das ações do PIBID nas escolas, em trabalhos de conclusão de curso, em eventos científicos das áreas de educação e de educação física;
- 9) Realização de um evento denominado “Manhã no Parque” com oficinas de Zumba, Voleibol e *Slackline*, no Parque do Sabiá,
- 10) Organização e realização de um Festival de mini atletismo, na FAEFI/UFU, com a participação de 150 alunos/as do ensino fundamental, das duas escolas. O festival foi uma parceria entre as equipes PIBID e acadêmicos/as da Prática Pedagógica do Atletismo (PIPE 2), componente curricular, que eu ministrava. As imagens, a seguir ilustram algumas destas ações.

Figura 59 – Oficina de Zumba no PIBID, Parque do Sabiá, 2014



Figura 60 – Festival de atletismo Pibid, 2015



Figura 61 – Visita técnica à FAEFI, Pibid 2014/2018



Na vigência desta edição do PIBID, enfrentamos várias dificuldades para realizar as ações, decorrentes dos cortes nas verbas de custeio que seriam destinadas à compra de materiais pedagógicos para as atividades nas escolas e à participação da equipe em eventos científicos. Além da redução orçamentária houve por parte da CAPES, ameaças de corte de bolsas de ID e até mesmo a extinção do Programa, o que provocou a mobilização em âmbito nacional. Estas tiveram o apoio do Fórum Nacional dos Coordenadores Institucionais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Forpibid) em defesa e reivindicação da continuidade do programa.

Na UFU houve mobilização de todos os subprojetos nesta direção, com diferentes ações, que incluíram manifestações na Praça Ismene Mendes, no centro de Uberlândia, envolvendo discentes, supervisores/as e coordenadores/as de áreas e coordenadora institucional do PIBID UFU. Confeccionamos e expusemos cartazes, faixas, distribuímos folhetos sobre o Programa, conversamos com a comunidade que ali transitava, sobre o mesmo e solicitamos apoio a sua manutenção. Produzimos conteúdo para postagens em mídias sociais, fizemos passeatas pelo “FICA PIBID” e colhemos assinaturas da comunidade interna e externa à UFU, em apoio a permanência do programa.

Figura 62 – Mobilização FICA PIBID, fevereiro/2016



Figura 63 – PIBID Educação Física, paralização dos/das docentes UFU



Participamos da realização dos Seminários Institucionais PIBID UFU, ao final destas duas edições do programa, coordenando grupos de trabalho e orientando a elaboração e apresentação de trabalhos de estudantes e supervisoras bolsistas, relatando as experiências no subprojeto.

Na edição 2020/2022, do PIBID Educação Física, colaborei com a professora Marina Ferreira Antunes, companheira no curso de licenciatura em Educação Física, na coordenação do subprojeto. As escolas parceiras foram o Colégio de Aplicação – Escola de Educação Básica (Cap-Eseba/UFU) com o professor Bruno Barbosa, como supervisor, as Escolas Municipais Professor Otávio Batista Coelho Filho, com a Professora Liliany Nascimento Custódio e Professor Eurico Silva com a professora Luna Gonçalves dos Reis, novamente como supervisora. Nesta edição, foram desenvolvidos na UFU 28 subprojetos, com 56 coordenadores/as de área, 116 professores/as supervisores/as e 800 bolsistas ID.

Elaboramos o projeto e o planejamos para ser desenvolvido presencialmente, mas devido à pandemia da Covid-19 e às condições sanitárias impostas naquele momento, o realizamos em modo remoto, pois as escolas parceiras, tinham adotado esta forma de trabalho. O projeto teve por finalidade promover o conhecimento da realidade escolar expandida à realidade da educação brasileira, incluindo a necessidade da valorização da carreira docente e melhorias das condições de trabalho na educação básica.

Entre as atividades que coordenamos destacamos: a) elaboração de estratégias de ensino para serem desenvolvidas durante o ensino remoto, pelos/pelas estudantes bolsistas, nas aulas síncronas e assíncronas. Os temas de ensino foram: jogos, brincadeiras, esportes (esgrima, badminton, atletismo, olimpíadas e paraolimpíadas), ginástica da academia, atividades corporais de aventura urbana, lutas, ginástica geral, saúde e qualidade de vida e danças (frevo, maracatu, *hip-hop* e *break dance*) e b) elaboração de materiais curriculares, para o desenvolvimento das estratégias.

Somente no início do ano 2022, com a diminuição dos casos de Covid-19 e o retorno das atividades acadêmicas presenciais na UFU e nas escolas de educação básica, foi possível a inserção presencial dos/as bolsistas ID nas

escolas parceiras, o que durou cerca de dois meses, pois esta edição foi finalizada em março de 2022. Mesmo breve, estar presencialmente nas escolas, ampliou o conhecimento dos/das licenciandos/as sobre elas.

Como parte das ações no PIBID, propusemos e coordenamos as discussões sobre o papel político, social e formativo na educação básica brasileira, calcadas nos documentos oficiais (legislação) e teorias relacionadas, nas vivências administrativas e acadêmicas dos envolvidos e, sobretudo, nas experiências proporcionadas pelo programa.

Realizamos diversos debates sobre o papel do PIBID nos cursos de licenciaturas da UFU, buscando compreender como se dava ou como poderia ser estabelecido o diálogo entre o programa e os projetos pedagógicos dos cursos de formação de professores. Essa compreensão foi sendo construída em diálogos, reuniões de colegiado, em conselhos e na tramitação de documentos dentro da instituição.

Atualmente colabro na coordenação de área do PIBID Educação Física (2025/2026) com a profa. Marina Ferreira Antunes. No ano de 2024, elaboramos o subprojeto e selecionamos os/as estudantes do curso e docentes da educação básica para serem bolsistas. O projeto iniciou-se em fevereiro de 2025 e terá duração de dois anos, com finalização prevista para o final do ano de 2026. Estamos orientando 24 estudantes bolsistas ID que estão divididos e três grupos, inseridos em três escolas parceiras: EE do Parque São Jorge, com a professora/supervisora Talitha Carvalho Silva, EE Prof. Inácio Castilho, com o professor/supervisor Felipe Rosa de Castro e Cap-Eseba/UFU, com o professor/supervisor Bruno Gonzaga.

Desde seu início o PIBID, tem favorecido a aproximação e parceria da Educação Básica com a Universidade, possibilitando a discussão e o diálogo interinstitucional. Nele o/a licenciando/a ao vivenciar a realidade da escola, reflete sobre as práticas pedagógicas implementadas, compreendendo como se dá a elaboração de saberes e conhecimentos organizados. Entre as atividades planejadas e desenvolvidas no subprojeto Educação Física, frente às demandas da escola, inclui-se manifestações culturais materializadas por meio de esportes radicais, dança, jogos e brincadeiras pouco valorizadas no âmbito escolar, o que

exige do/da professor/a supervisor/a e licenciados/as, estudos, discussões e aprofundamento teórico sobre as temáticas.

Além de provocar reflexões na equipe, sobre o cotidiano da realidade escolar e da formação inicial e continuada de professores/as, o subprojeto colabora para que outras áreas do conhecimento reconheçam e valorizem a Educação Física como um componente curricular importante no processo de escolarização e desenvolvimentos dos/das estudantes.

Esta experiência tem sido essencial em minha prática pedagógica e tem fortalecido cada vez mais, meu compromisso com a formação de professores/as que sejam capazes de lidar com os desafios da docência e se sintam motivados a agir com sua prática pedagógica como instrumento para transformar a realidade e melhorar a qualidade da educação básica.

5.2.1.3 Projetos de Bolsas de Graduação/Programa Bolsas de Ensino

Participei da proposição e coordenação de projetos de bolsas de graduação (PBG) junto à Pró-reitora de Graduação (PROGRAD), com recursos para pagamentos de bolsas a estudantes da graduação. No ano de 2024, com a RESOLUÇÃO CONGRAD Nº 124, este projeto passou a ser chamado Programa de Bolsas de Ensino (PBE). Ele tem como objetivo:

a formação integral do estudante e o fortalecimento de ações no universo do ensino, contribuindo para a melhoria da qualidade dos Cursos de Graduação, dos Cursos da Escola Técnica de Saúde (Estes) e da formação oferecida pela Escola de Educação Básica (Eseba). (Universidade...2024, p. 1)

Entre os anos de 2013 e 2023, participei coordenando sete edições de um projeto, denominado acompanhamento do público da educação especial (PEE) nas aulas de Educação Física, desenvolvido em parceria com docentes do Cap-Eseba/UFU. O projeto teve por objetivo ampliar a formação inicial do/da graduando/a em Educação Física, contribuindo com sua capacitação profissional para atuar com alunos/as com deficiência na Educação Básica, bem como

estudar e investigar as ações desenvolvidas buscando minimizar as dificuldades detectadas pelos/as professores de Educação Física, face à política de inclusão.

As seis primeiras edições, foram em colaboração com o prof. Leandro Rezende. Cada uma teve duração de dez meses e nelas participaram um total de dezesseis estudantes do curso de Educação Física. A última edição, foi no ano de 2023, em colaboração com o prof. Cleber Garcia Casagrande. Devido ao contingenciamento de recursos orçamentários promovidos pelo governo federal, esta edição teve a duração reduzida para seis meses e apenas uma estudante foi bolsista. Além dela outros dois estuantes participaram voluntariamente. Esta restrição orçamentária além de impactar na última edição do projeto, implicou no não lançamento de novos editais, até o momento.

Além da elaboração do projeto e relatório final das ações, orientava os/as estudantes do curso, cuja participação envolvia: acompanhar turmas com alunos/as PEE nas aulas de Educação Física, na educação infantil e no ensino fundamental, intervindo e registrando em diário de campo a rotina diária das aulas. Estes registro incluíam as ações do/a professor/a, interação entre os/as alunos/as, participação e dificuldade deles/delas durante a aula, participar de reuniões de orientação, estudo e planejamento com professores/as de Educação Física e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e participar de reuniões, para discussão das experiências vivenciadas e planejamento de ações, visando a colaborar com a atuação/intervenção do/da bolsista e participação do PEE nas aulas e elaborar trabalhos relatando a experiência no projeto, para apresentações em eventos científicos.

Além da parceria com dois professores do Cap-Eseba/UFU, Leandro Rezende e Cleber Casagrande na coordenação do projeto, tivemos a colaboração dos/das outros/as professores/as da área de Educação Física da escola (Sumaia Marra, Vickele Sobreira, Tiago Soares e Bruno Gonzaga) que na época, ministravam aulas em turmas com alunos PEE e nas quais o/a estudante do curso atuava. Esta colaboração foi essencial ao sucesso das ações do projeto, em especial, na formação inicial de nossos/as estudantes.

Junto aos/às docentes do Cap-Eseba/UFU e estudantes do curso de Educação Física, relatamos as ações desenvolvidas no projeto em vários

eventos científicos, como por exemplo Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conbrace/Conice) e Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE). A participação nestes eventos foi um diferencial na formação inicial dos/das discentes e o relato recente de uma delas, que participou do CBEE, em 2018, como relatado nos eventos científicos demonstra isto. Depoimentos como este, fortalecem nosso conceito em relação ao caráter essencial do desenvolvimento de projetos que vão muito além da sala de aula e complementam a formação inicial dos/das estudantes.

Em decorrência deste PBG, orientei a elaboração dos trabalhos de conclusão de curso de quatro ex-bolsistas (Buiatte, 2024; Silva, 2017; Mendes 2015; Borba, 2014). Buiatte (2024) realizou um mapeamento da produção científica sobre o projeto, concluindo que foram produzidos quatro trabalhos de conclusão de curso e doze trabalhos apresentados em eventos científicos. Este trabalho está disponível em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/43267>. Silva (2017) em um estudo de caso analisou a concepção dos ex-bolsistas, sobre sua participação no projeto. Mendes (2015) analisou os impactos do ingresso de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física da Educação Infantil do Cap/Eseba e Borba (2014) analisou a concepção de professores de Educação Física da escola, sobre o projeto, para a inclusão escolar de alunos/as público da Educação Especial, bem como as dificuldades apontadas por eles em sua prática pedagógica. Estas pesquisas destacaram a relevância do projeto na formação inicial e continuada dos/as professores/as de Educação Física para atuar na inclusão escolar, bem como a importância do projeto na promoção da inclusão escolar, na instituição na qual ele foi desenvolvido.

Motivada por este PBG, orientei a pesquisa de iniciação científica de Laura Mamede Damasceno que em 2017, avaliou o perfil motor das crianças público da educação especial e das outras crianças do Cap-Eseba/UFU, concluindo que não houve diferenças significativas nas habilidades dos dois grupos.

O projeto aliou o ensino e a pesquisa e além de ampliar a formação inicial e a capacitação profissional dos/das estudantes para atuar na inclusão escolar,

colaborou para minimizar as dificuldades dos/das docentes da área de Educação Física do Cap-Eseba/UFU em sua docência com o PEE. Como afirmou Borba (2014, p. 19) em sua pesquisa, “O/a acadêmico/a vivencia a realidade da educação inclusiva e obtém conhecimentos importantes para sua formação”. Pelo projeto ampliamos o diálogo com os/as docentes da Educação Física da escola e pudemos discutir e compreender de forma mais aprofundada o papel da Educação Física na inclusão escolar.

Este PBG reforçou a proposta da área de Educação Física do Cap-Eseba/UFU em trabalhar pedagogicamente o sentido e significado das linguagens presentes nas manifestações culturais - brincadeira, jogo, esporte, dança, ginásticas e lutas (Coletivo de Autores, 1992). Nele o/a acadêmico/a aproximou-se da realidade da educação inclusiva e adquiriu conhecimentos importantes, numa perspectiva crítica para sua formação, como mostrou Borba (2014). Compreendo que o/a acadêmico/a ao participar do projeto e acompanhar turmas de alunos PEE, vivenciou experiências essenciais à sua formação, as quais não ocorreriam na mesma profundidade, se esta formação estivesse restrita às atividades curriculares do curso de graduação. Para Mendes (2025, p. 129) “...é preciso considerar que o momento da formação inicial é essencial para influenciar as práticas e valores em direção à perspectiva inclusiva”

Participar do projeto me aproximou da realidade do Cap-Eseba/UFU e me permitiu estreitar as relações e o diálogo com os/as docentes da área de Educação Física da escola, com quem dialoguei e com alguns ainda mantenho interlocução sobre os desafios da docência, na perspectiva inclusiva do PEE na classe comum da educação básica. Nesta relação, fortaleci minha concepção sobre a importância da formação de professores/as para atuar face à inclusão escolar, bem como a necessidade de lutarmos para que, cada vez mais, a escola seja para todos/as, sem distinção e que seja assegurado uma educação pública gratuita, equitativa e de qualidade.

Coordenei outros três PBG, nos anos de 2017, 2018 e 2022 cujo objetivo foi possibilitar a experiência do/da estudante de Educação Física com o mundo do trabalho, na estrutura acadêmico-administrativa de um programa de extensão universitária, contribuindo com sua formação ética e cidadã e comprometida com

a transformação social. Eles foram desenvolvidos tendo como campo de vivência o Programa de atividades físicas para pessoas com deficiência (PAPD). No ano de 2017 orientamos um bolsista durante dez meses. Já em 2018, com sete meses de duração, orientei duas estudantes bolsistas e dois voluntários. No ano de 2022, no contexto de contingenciamento de recursos orçamentários, ao qual já referimos, a duração do projeto foi reduzida para quatro meses e o número de bolsas para uma.

Nestes três projetos os/as discentes vivenciaram a dinâmica de organização e funcionamento da extensão universitária, envolvendo práticas docentes com temas da Educação Física, com pessoas com deficiência e transtorno do espectro autista (TEA). Entre as atividades realizadas pelos estudantes, sob nossa orientação, destacamos: estudos e discussões sobre o papel da extensão universitária na formação inicial, elaboração de planejamentos de sequências pedagógicas para serem aplicadas com alunos/as do PAPD, atualização do banco de dados dos participantes do programa, elaboração de planilhas e instrumentos de avaliação, coorientação a estudantes que vivenciavam experiências em componentes curriculares, no programa.

5.2.2 Atividade de Pesquisa

No âmbito da graduação desenvolvi e orientei atividades de pesquisa, que em sua maioria, mas não só, foram relacionadas à formação de professores/as e à Educação Física e deficiência. A finalidade foi contribuir com a produção do conhecimento e a formação de estudantes do curso.

A investigação científica envolve trabalho burocrático que, vai muito além da pesquisa em si. Neste sentido, escrevi os projetos e os submeti aos editais, orientei a elaboração do plano de trabalho do/da discente e os relatórios finais das pesquisas realizadas.

As pesquisas foram vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e ao Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC).

Estas atividades na pesquisa, incluíram a escrita de artigos para publicação e trabalhos para apresentação em eventos científicos, bem como minha participação em comitês de avaliação de projetos aos editais e comissões de avaliação de artigos científicos para publicações em periódicos e para eventos científicos. Todas estas atividades colaboraram com minha qualificação e aperfeiçoamento de minha atuação profissional.

No quadro 2, a seguir, relaciono as pesquisas vinculadas ao PIBIC e ao PIVIC, com o nome da orientanda, título da pesquisa e ano de sua conclusão.

*Quadro 2 – Pesquisas vinculadas ao PIBIC e ao PIVIC**

Estudante	Título	Ano
Gabriella Andreatta Figueiredo	História do programa de atendimento à pessoa com deficiência na Universidade Federal de Uberlândia	2009
Larissa Peres Vieira	A formação inicial de professores de Educação Física para atuar com alunos com deficiência na educação básica	2012
Marília Rodrigues Naves	Contribuição de atividades motoras aquáticas na coordenação corporal de adolescentes com deficiência intelectual	2012
Camila Herrera Fonseca de Castro	Psicomotricidade para Crianças com Síndrome de Down	2013
Maria Clara Elias Polo Nayara Gonçalves	Fatores associados ao comportamento sedentário e ao estilo de vida em universitários de um curso de Educação Física.	2017
Laura Damasceno Mamede	Análise do perfil motor de crianças com e sem deficiência de um colégio de aplicação	2018
Tainara Marques Ferreira*	Capacitismo: o que diz a produção científica nas áreas de educação e educação especial.	2022
Diany Nachelly Pereira do Nascimento	Produção científica em Educação Física, esportes e acessibilidade do congresso brasileiro de educação especial na pandemia	2024

Orientei pesquisas desenvolvidas nos trabalhos de conclusão de curso (TCC) tanto na graduação quanto na Pós-graduação *lato sensu* (especialização). O quadro 3, a seguir, relaciona estas orientações, descrevendo o nome do/da orientando/a, título da pesquisa e ano de sua conclusão/apresentação oral à banca de avaliação.

Quadro 3 – Orientações em trabalhos de conclusão de curso

Estudante	Título	Ano
Glaucio Marden Soares de Lima	Broncoespasmo Induzido pelo Exercício	2011
Pérola Celestino Oliveira	A história das Olimpíadas universitárias da Universidade Federal de Uberlândia: regate histórico.	2011
Jéssica Augusta Dias	Estilo de vida ativo e qualidade de vida de pessoas com doença de Parkinson: revisão da literatura	2011
Francielle de Resende Finzi	Produção do conhecimento sobre Atividade Física e Doença de Alzheimer	2011
Denise Franco Borges	Formação inicial em Educação Física para atuar com ginástica laboral: a concepção dos profissionais de Uberlândia-MG.	2011
Eliana Ferreira da Rocha	A formação inicial de professores de Educação Física em relação aos aspectos socioculturais da obesidade em adultos	2011
Camila Obali Molinarole	Contribuições do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia na atuação com indivíduos senis	2013
Thalita Costa Novaes	Perfil dos trabalhos de conclusão de curso relacionados à idosos na graduação em educação física	2013
Michele Cruz Guimarães	Contribuições e limites do PIBID Educação Física: concepção dos bolsistas	2014
Débora Monzani Borba	Inclusão escolar: perspectivas de um projeto de graduação nas aulas de Educação Física na Eseba/UFU	2014
Ana Paula Alves Santos	Saberes utilizados pelos acadêmicos na realização das atividades no programa de atividades físicas para pessoas com deficiência	2015
Daniela de Sousa	A inclusão escolar nos estágios supervisionados da licenciatura: uma visão dos discentes	2015
Fernanda Silva Botta	A concepção de pais e alunos com deficiência sobre as contribuições das atividades	2015

	aquáticas do Programa de atividades físicas para pessoas com deficiência – PAPD	
Jéssica Andrade Coelho Mendes	Impactos da inclusão escolar nas aulas de Educação Física Infantil: o caso da Eseba/UFU	2015
Ricardo Gonçalves da Silva	O PIBID Educação Física no CONBRACE	2015
Juliana Cristina Silva	Vivenciando o Ensino de Educação Física Escolar com alunos com deficiência: concepção dos estagiários bolsistas.	2016
Maria Clara Elias Polo	Comportamento sedentário e dificuldades encontradas para a prática de atividade física de universitários do Curso de Educação Física	2016
Daniela Cardoso Matias	Formação no curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia para atuar na Educação Infantil	2017
Lucas Reis Rocha	A Concepção de alunos do ensino fundamental sobre o PIBID Educação Física.	2017
Renata Cruz Guimarães	Contribuições do PIBID Educação Física na Formação Continuada: concepção dos professores supervisores	2017
Reverson Carlos da Silva	Análise da perda e ganho rápido de peso no Judô	2019
Larissa Ferreira de Sousa.	As produções acadêmicas no Pibid Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia em Eventos Científicos	2021
Nayara Gonçalves Silva	Fatores associados ao estilo de vida e ao comportamento sedentário de universitários do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia	2022
Tainara Marques Ferreira	Capacitismo que diz a produção científica nas áreas de educação e educação especial	2022
Renara Soares Ferreira Silva	Produção Científica do GTT Inclusão e Diferenças no Conbrace/Conice na Pandemia	2022
Isabela Amorim de Mendonça	Mapeamento da Produção Científica sobre Treinamento Funcional para Crianças e Adolescentes, em Periódicos Nacionais de 2009 a 2023.	2022
Roseli Oliveira Amorim	Extensão com pessoas com deficiência na Universidade Federal de Uberlândia	2023
Nayara Gonçalves Silva	Fatores associados ao estilo de vida e ao comportamento sedentário de universitários do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia	2023
Juliana Nunes Carvalho	Habilidades motoras fundamentais de crianças com transtorno do espectro do autismo: um estudo de caso	2024

Isabella Oliveira Buiate	Produção científica sobre um projeto de ensino de graduação com o público-alvo da educação especial, nas aulas de Educação Física em um colégio de aplicação	2024
Ana Cláudia Alves de Souza Martins e Graziela Hilk Guenness Pinto*	O elemento riso por meio do palhaço: aspectos e contribuições para a pessoa com deficiência (Curso de Especialização em Educação Física e Deficiência).	2009
Eliene Gonçalves dos Santos*	Inclusão escolar do PAEE nas aulas de Educação Física: um olhar sobre a produção científica Curso especialização em EF escolar	2018

*TCC especialização.

Como na FAEFI ainda não foi implementada a Pós-graduação *stricto-sensu* em Educação Física, em vários momentos, planejei me credenciar em programas de outras áreas, como educação e ciências da saúde. Para conciliar a atuação nos dois níveis de ensino teria que renunciar a algumas atividades assumidas em meu plano de trabalho na FAEFI/UFU, especialmente nas atividades de extensão e gestão. Fato que determinaram minha opção em permanecer só na graduação.

Tenho contribuído com o desenvolvimento científico de organizações científicas como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), no qual desde o ano de 2011, faço parte do Comitê Científico do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Inclusão e Diferença. Fui coordenadora adjunta deste grupo, de 2017 a 2019. Neste grupo colaborei com as discussões relativas à inclusão na Educação Física e tenho partilhado de reflexões com os/as colegas que têm fortalecido nossa concepção sobre a importância do nosso GTT, no CBCE.

Figura 64 – Membros do GTT Inclusão e Diferença no Conbrace/Conice, 2017



5.2.3 Atividades de Extensão

A extensão universitária é uma das funções básicas das universidades brasileiras e sua origem foi no início do século passado. Nos anos de 1960 foi concebida como um conjunto de ações voltadas ao desenvolvimento da população, com o propósito de atender às demandas sociais de acesso à educação e à formação profissional (Koglin; Koglin, 2019). Segundo a política nacional de extensão universitária, elaborada em 2012, pelo Fórum de Pró-Reitores de extensão das universidades públicas brasileiras, desde seu início, várias iniciativas foram realizadas no sentido de institucionalizar e fortalecer a extensão nas instituições de ensino superior públicas. Um dos marcos neste processo foi a determinação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão presente na Constituição Federal de 88 e o estabelecimento da extensão como uma das finalidades da universidade na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei nº 9.394), de 1996, em seu artigo 43, e a instituição da possibilidade de apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo, conforme os nos artigos 44, 52, 53 e 77 (Forproex, 2012).

Neste movimento pela regulamentação da extensão, observa-se nos textos legais, forte inclinação para a formação profissional, com indicativos extensionistas inseridos nos Planos Nacionais de Educação (PNE) e regulamentado pelas Diretrizes Nacionais da Extensão Universitária, do Conselho Nacional de Educação, Resolução CNE/CES Nº 7/2018, que estabeleceram que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos (UFU, 2018).

Sem dúvida a regulamentação da extensão na matriz curricular dos cursos, foi um grande avanço. Sendo um dos pilares fundamentais da universidade, junto ao ensino e a pesquisa, a extensão é elemento indispensável na formação do/da estudante e na qualificação do/da professor/a um instrumento essencial para fortalecer a função social da universidade e transformar a sociedade. Neste sentido Silveira em uma entrevista para Alves (2023) ao falar sobre como a extensão pode colaborar para consolidar uma nova formação, afirma que:

A extensão, atividade que se integra à matriz curricular dos cursos, dá a ela sentido indissociável, pois faz com que o curso esteja noutro patamar de construção e troca de saberes. Isso é complexo para as instituições que sempre se voltaram para si mesma, mas libertador para as instituições que requerem flexibilidade curricular, integração de saberes, sentido social para a ciência e construção de conhecimento com outros setores da sociedade (Alves, 2023, p. 6).

Apesar de a extensão, junto ao ensino e a pesquisa, ser um dos pilares centrais da universidade e de existir na UFU desde que esta instituição surgiu, sua política de extensão universitária, só foi regulamentada recentemente, pela Resolução Nº 25/2019, do Conselho Universitário.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é a atividade que se integra às organizações curriculares e da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político, social, educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros

setores da sociedade por meio da produção, da aplicação e do compartilhamento de conhecimentos (Universidade...2019, p. 1)

Mesmo com esta regulamentação, a extensão ainda não tem a mesma visibilidade, prestígio, incentivo e financiamento das atividades de pesquisa.

Para ser considerada atividade extensionista, as ações devem estar vinculadas à formação discente e envolver diretamente as comunidades externas à UFU, conforme as seguintes modalidades:

I – **Programa** – é um conjunto de projetos ou outras atividades extensionistas inter-relacionadas com objetivos gerais comuns;

II – **Projeto** – conjunto de atividades com objetivo específico e prazo determinado, podendo ter vinculação a algum programa institucional ou de natureza governamental, que atendam a políticas dos entes federativos.

III – **Curso/Oficina** – conjunto articulado de ações pedagógicas, de caráter teórico ou prático, presencial ou a distância, voltado para a formação continuada, o aperfeiçoamento ou a disseminação de conhecimento;

IV – **Evento** – ações que envolvam organização, promoção ou atuação, implicando apresentação pública mais ampla, livre ou para clientela definida e que objetivam a difusão de conhecimentos, processos ou produções educacionais, artísticas, culturais, científicas, esportivas ou tecnológicas desenvolvidas, acumuladas ou reconhecidas pela Universidade; e

V – **Prestação de Serviço** – atividades de caráter permanente ou eventual que compreendam a execução ou a participação em tarefas profissionais fundamentais em habilidades e conhecimentos de domínio da Universidade que se transferem ou se intercambiam com a sociedade, cuja prestação de serviço deve ser de um ou mais dos interesses (Universidade..., 2019, p. 1. Destaque nosso).

A FAEFI/UFU tem colaborado com o papel social da universidade, ao longo de sua história, por meio de diversas ações que envolvem diferentes grupos da sociedade, em forma de: programas, projetos, eventos e atividades desenvolvidas.

Minha jornada acadêmica e profissional, tem uma ligação muito estreita com a extensão universitária. Como já relatei, enquanto estudante, me envolvi em atividades extensionistas desenvolvidas na FAEFI e que foram muito importantes em minha qualificação docente. Estas ações sempre estiveram presentes em minha carreira e buscaram cumprir o papel social da universidade

e considero que foram essenciais na formação dos/das estudantes e impulsionaram muitas atividades de pesquisa, que realizei ou orientei. Ou seja, foram em coerência com o princípio da indissociabilidade extensão, ensino e pesquisa e mais recentemente, conforme as linhas de extensão estabelecidas na Resolução nº 05/2020 do Consex/UFU.

Esta atuação na extensão incluiu a elaboração e execução de projetos, com a participação de colegas professores/as, técnicos/as e estudantes. Estas atividades demandaram, também, a escrita de relatórios e trabalhos para divulgação das ações em eventos científicos e de extensão, internos e externos à universidade. A seguir apresento as atividades extensionistas que propus e coordenei nesta minha jornada na UFU.

5.2.3.1 Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD)

O Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência, atualmente é a única ação da FAEFI/UFU que atualmente se caracteriza como programa de extensão. Ele vem sendo desenvolvido desde o ano de 1982 e iniciou-se como um projeto, denominado Macro ciclo de Treinamento Aplicado ao Deficiente Físico. As atividades eram desenvolvidas por estudantes voluntários orientados por um docente que coordenava o projeto. No início dos anos de 1990 passou a denominar-se Programa de Atendimento à Pessoa com Deficiência (PAPD) e com a reforma curricular face à Resolução Nº 03/87, ele passou a ser campo de vivência aos/às estudantes em uma disciplina obrigatória do curso. Desde então, as atividades são desenvolvidas pelos/pelas estudantes, coordenadas pelo/pela docente que ministra a disciplina.

Desta forma, por depender da atuação dos discentes para ser realizada, esta ação funciona durante os semestres letivos na UFU e no período de férias acadêmicas as atividades são interrompidas.

Meu envolvimento nele, teve início quando era estudante da graduação, como já relatado e, a partir de 1993, como servidora pública municipal, prestando serviços na FAEFI, voltei a atuar nesta ação. Desde então, fui me envolvendo e participando ativamente em sua gestão, assumindo formalmente sua

coordenação no ano de 2009 quando passei a ministrar a disciplina Prática Pedagógica em Educação Física Adaptada 5.

O PAPD está coerente com a política de extensão da UFU e Resolução MEC nº 7, 2018, que Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e tem sido campo de estudos e pesquisas para estudantes, docentes e técnicos/as da UFU (Brasil, 2018).

Esta ação tem como objetivo desenvolver práticas corporais com pessoas com deficiência e com transtorno do espectro do autismo (TEA). Ele é composto por vários projetos com diferentes manifestações culturais: esportes, exercícios físicos, psicomotricidade, atividades aquáticas, atividades circenses, jogos e brincadeiras. Participam, gratuitamente, pessoas com distintos tipos de deficiência ou TEA e idades que variam entre seis meses e 80 anos, em sua maioria, de classes economicamente menos favorecidas e/ou em situações de vulnerabilidade econômica e social.

No ano de 2011 propus ao grupo envolvido nele envolvido, a mudança do seu nome para Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência, permanecendo a sigla PAPD. Em minha compreensão a palavra “atendimento” remetia à filantropia e não retratava os projetos realizados, nem sua relevância na formação dos/das estudantes.

No ano de 2012, sugeri à equipe que integrava o NIAFS/PAPD, a criação de uma logomarca que identificasse o Programa, junto à comunidade. Com a colaboração do colega Marcelo Stopa Gomide, técnico da FAEFI, criamos a logomarca a qual, desde então, tem sido utilizada em camisetas, banner e outros materiais que fazem referência ao Programa.

Figura 65 - Logomarca do PAPD



Ainda no ano de 2012, propus a realização de um evento comemorativo pelos trinta anos do Programa. Afinal, era muito importante celebrar as três décadas do programa de extensão mais antigo da unidade acadêmica e com uma história de contribuição para a comunidade e para a formação inicial dos/das estudantes.

Este evento foi realizado com o apoio da Pró-reitora de extensão, cultura e assuntos estudantis (PROEX) cujo Pró-reitor era o Prof. Alberto Martins da Costa. Várias pessoas foram homenageadas pelas contribuições na construção histórica do Programa. Fui uma delas, o que foi motivo de muito orgulho em minha carreira profissional.

Figura 66 – Professoras, técnico e monitoras/es do PAPD na comemoração dos trinta anos, 2012



Além de contribuir no processo de reabilitação, interação social e melhoria da saúde e qualidade de vida dos/das pessoas com deficiência e TEA, desde seu início, esta ação complementa a formação inicial de estudantes do curso de Educação Física.

Desde a reforma curricular do curso de Educação Física, implementada no ano de 1991, têm sido ofertados componentes curriculares que contemplam a experiência discente no PAPD. Com isto, o/a docente que ministra o referido componente é o coordenador do programa. Quando assumi esta função, no ano de 2009, o componente era denominado Prática Pedagógica em Educação Física Adaptada (Pipe 5). No PPC do curso de licenciatura implementado em 2018, o componente passou a denominar-se Vivência em Educação Física e Deficiência.

Na última reforma e atual curso vigente, foi implementada a curricularização da extensão, prevista nas Diretrizes Nacionais da Extensão Universitária, do Conselho Nacional de Educação, Resolução CNE/CES n. 7/2018 (Brasil, 2018) e na Resolução Consun Nº 25/2019 (UFU, 2019) que

determinam que 10% da carga horária dos cursos de graduação deveriam ser cumpridas em atividades de extensão.

Desta forma, no PPC que passou a vigorar no ano de 2024, ficou explícito que o PAPD seria o campo de vivência e cumprimento da referida carga horária. Assim, atualmente é no componente curricular Atividades Curriculares de Extensão - Educação Física e Deficiência II (ACE II) que os/as estudantes vivenciam por um semestre, experiências com os/as participantes do programa, estudando sobre as deficiências e as metodologias de ensino que favorecem sua participação e desenvolvimento e planejando e aplicando atividades com diferentes temas da cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992).

Esta vivência ocorre em diferentes espaços, como por exemplo a sala de musculação, que contém alguns aparelhos adaptados para favorecer a realização dos exercícios por jovens e adultos com diferentes tipos de deficiência, especialmente pelas pessoas com deficiência física, como pode ser observado nas imagens a seguir.

Figuras 67 e 68 – Exercícios na sala de musculação, PAPD

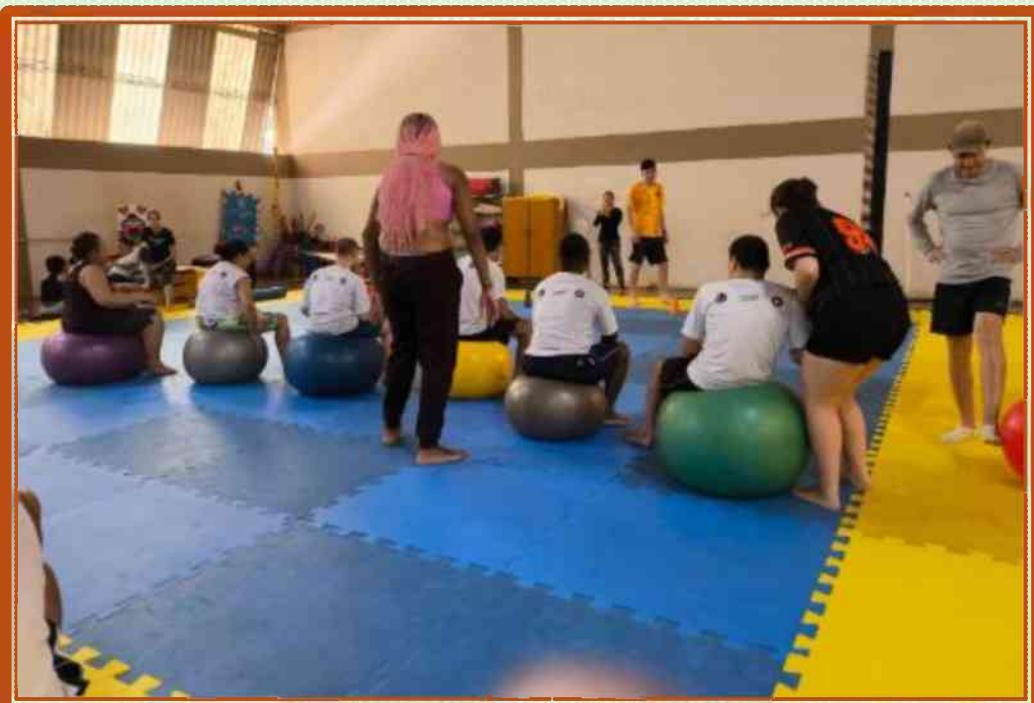


Figura 69 – Discente desenvolvendo exercícios na sala de musculação



No ginásio de psicomotricidade crianças, adolescentes e adultos experimentam atividades que colaboram com seu comportamento motor.

Figura 70 – Discentes de ACE II desenvolvendo atividades



Ao final de cada semestre, realizamos um evento de confraternização que também encerra as atividades do período. Nele os/as discentes organizam atividades recreativas e apresentações artísticas com a participação de PcD, pessoas com TEA e seus familiares. É servido um lanche que é adquirido com recursos dos projetos de fomento e/ou por meio de doação feita pelos discentes, equipe envolvida no PAPD e familiares dos/das participantes do programa. No primeiro semestre do ano, em geral, o tema é relacionado às festas juninas. No segundo semestre a temática remete às festas natalinas.

Figura 71 – Confraternização/encerramento do semestre no PAPD



Figura 72 – Confraternização discentes e PcD, 2015

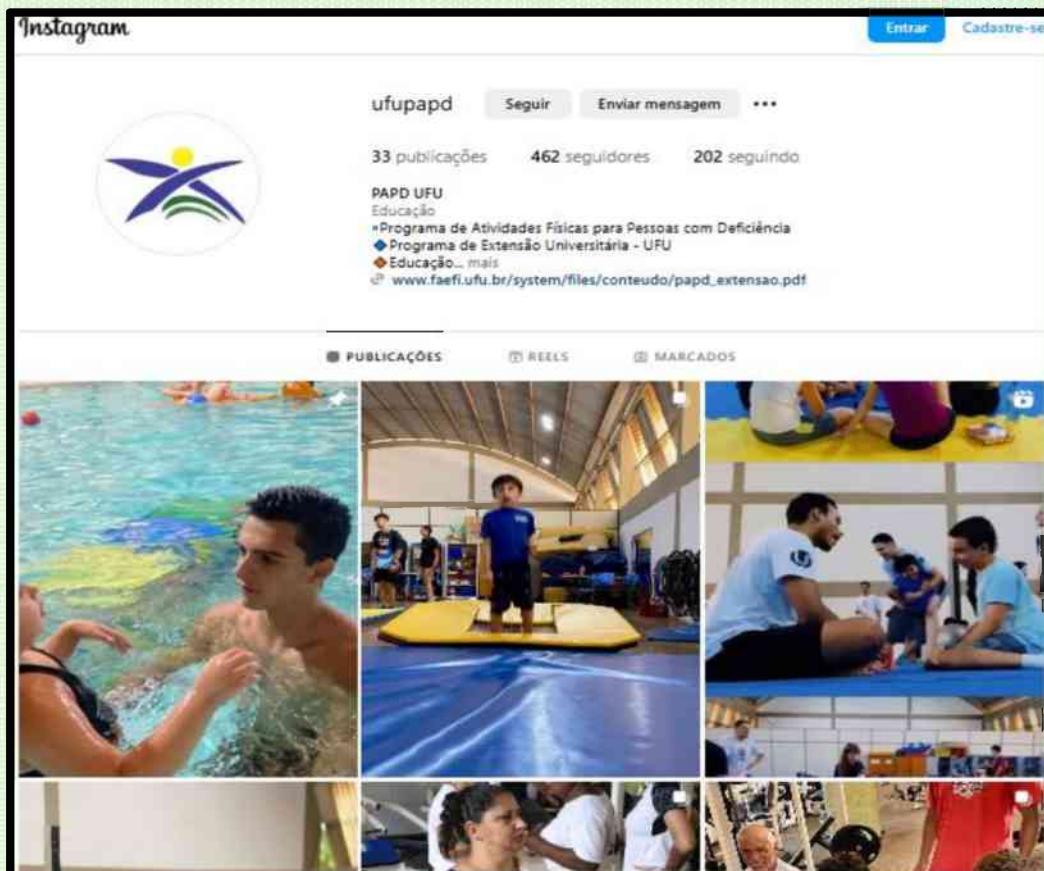


Desde que assumi a coordenação deste Programa e comecei a ministrar os componentes curriculares ligados a ele, procurei dar sequência ao que era desenvolvido. Entretanto, a partir do diálogo com as pessoas que participam do programa, com estudantes e equipe envolvida nas ações, busquei implementar mudanças que pudessem contribuir com a melhoria e aperfeiçoamento do trabalho e com a formação inicial dos/das discentes.

Entre as principais mudanças posso destacar: alteração do nome do Programa, criação da logomarca para o PAPD, encaminhamento de PcD e TEA para a iniciação esportiva paralímpica, em outras instituições com este foco, como o Centro de Iniciação ao Esporte (CIE) - o centro de treinamento paralímpico de Uberlândia e Centro Municipal de Alto Rendimento (UTC/CMAR); atualização do banco de dados dos/das alunos/as a partir dos relatórios semestrais elaborados pelos/pelas discentes; oferta de seminários e cursos de curta duração em parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB); criação de um perfil no *instagram* (ufupapd) para informar e divulgar e dar visibilidade às ações realizadas; criação de um grupo de *whatsapp* para comunicação com

os/as participantes. A seguir *print* do perfil do programa no *instagram* e *link* de acesso a ele.

Figura 73 – Print do perfil do PAPD, Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/ufupapd?igsh=MTV1dGJ0ajJjdHExaA==>

Outra modificação foi a realização de um painel de relato de experiências dos/das discentes no PAPD, ao final de cada semestre letivo. Esta atividade foi uma forma de inovar os relatos sobre a vivência com os/as participantes do Programa. Os/as discentes compartilham em Pôster, o trabalho que desenvolvem ao longo do semestre e que se constitui em avaliar, planejar e aplicar planejamentos de procedimentos de ensino das práticas corporais adequadas às necessidades do público participante, bem como refletir sobre a contribuição desta vivência em sua formação inicial.

Muitos destes trabalhos são apresentados, posteriormente, pelos/pelos discentes em eventos científicos dentro e fora da UFU, como o Seminário Institucional das Licenciaturas (SEILIC), Semana Científica PET Educação Física, CONBRACE/CONICE e CBEE.

Figuras 74 e 75 – Painel - relato de experiências em ACE II/PAPD, maio/25

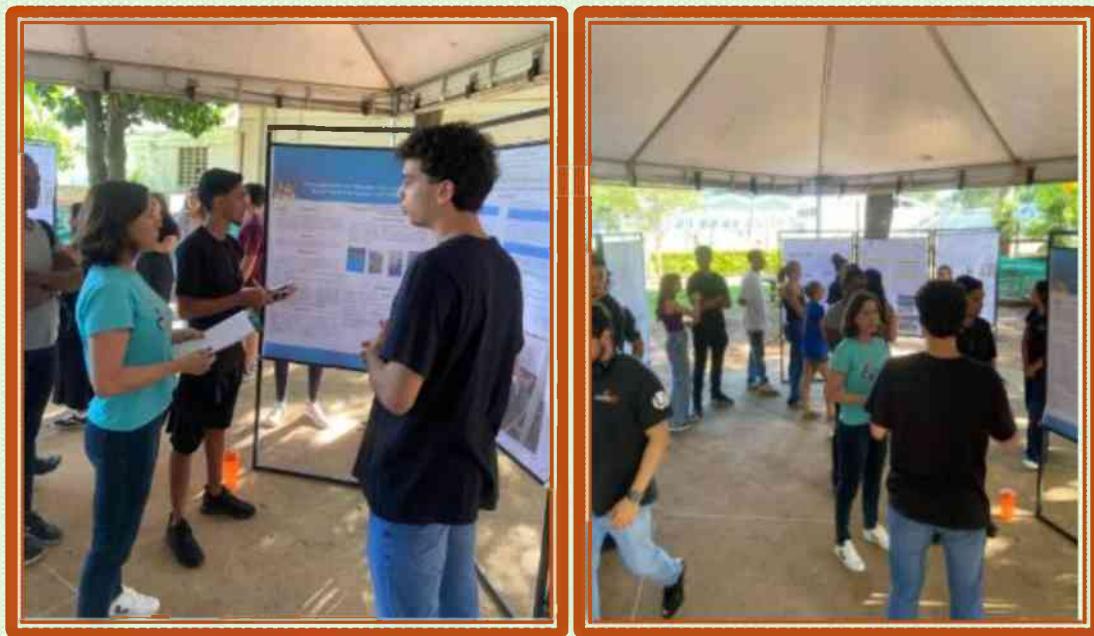


Figura 76 – Discentes e equipe PAPD em Painel de ACE II, maio/25



Os familiares e acompanhantes de PCD e TEA, realizam exercícios físicos, como hidroginástica, ginástica, atividades funcionais e com aparelhos de musculação, no mesmo horário em que seus acompanhados estão nas

atividades do PAPD. Estas são planejadas aplicadas, por discentes que orientamos. Este trabalho contribuiu na aproximação das famílias e no cuidado e estímulo à adoção de um estilo de vida mais ativo por elas.

Desde que assumi a coordenação do PAPD, além dos/das estudantes bolsistas, várias professoras do curso, técnicos/as da FAEFI e docentes da Secretaria Municipal de Educação/PMU, colaboraram na equipe executora das ações. Considero importante, mencionar seus nomes e época em que atuaram. As professoras Rita de Cássia Fernandes (2023 a 2024) e Sônia Bertoni (2023). A técnica Valéria Manna (2008 a 2018), Fernando Dias (2012 a 2019), Bárbara Gama (2022 e 2023) e Igor Moraes (2021 a 2024). Izaura Medeiros tem colaborado desde o ano de 2022 e junto com Heitor, que passou a compor a equipe neste ano de 2025, auxiliam atualmente nas ações do PAPD. Da PMU, Carmem Regina Calegari (2011 a 2016) e Marcus Vinícius Patente Alves (2017 e 2018). Muitos/as discentes do curso de Educação Física atuaram ou vem atuando como monitores remunerados/as ou voluntários/as. À todas estas pessoas, minha gratidão!

Com muito orgulho, afirmo que o PAPD é uma das marcas da FAEFI/UFU e desde seu início, no ano de 1982, tem sido exemplo para várias instituições de ensino superior, públicas e privadas quando se fala em extensão aliada ao ensino na formação inicial e continuada na área da Educação Física e deficiência. Este Programa aproxima e estreita o diálogo da UFU com a comunidade, colaborando para a efetivação dos pilares ensino, pesquisa e extensão.

Ao longo destes anos, docentes e discentes de Educação Física de outras instituições de ensino superior visitam a FAEFI/UFU para conhecerem o funcionamento do PAPD. A título de exemplo, citamos a visita de estudantes e professores/as da Faculdade Patos de Minas (FPM) no ano de 2017, que foi relatada em: <https://patoshoje.com.br/noticias/alunos-do-curso-de-educacao-fisica-da-fpm-visitam-o-campus-da-ufu-em-uberlandia-52849.html>

Os alunos do 6º período do curso de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Patos de Minas – FPM visitaram o campus da UFU em Uberlândia para conhecerem o Programa de Atividade Física para Pessoas com Deficiência... A

visita técnica teve como objetivo oferecer aos estudantes do curso de Educação Física conhecimentos sobre o projeto de extensão que acontece na Universidade de Uberlândia-MG...Os acadêmicos presenciaram o ambiente real em pleno funcionamento. Foi possível observar o treinamento de força, alongamento e flexibilidade na academia, observaram o treinamento na piscina, na sala de recreação e psicomotricidade.. A professora Solange, coordenadora do projeto, salientou a participação dos acadêmicos do curso de Educação Física e monitores no programa. A partir de uma avaliação semestral dos alunos com deficiência e sob orientação do professor, os acadêmicos planejam e desenvolvem estratégias de ensino nos seguintes temas: atletismo, futebol, futsal, hidroginástica, musculação, natação, psicomotricidade e recreação com os alunos do programa (2017).

Figura 77 – Visita de docentes e discentes da FPM ao PAPD, 2017



Fonte: <https://patoeshoje.com.br/noticias/alunos-do-curso-de-educacao-fisica-da-fpm-visitam-o-campus-da-ufu-em-uberlandia-52849.html>

Buscando incrementar e criar melhores condições para a realização das atividades do PAPD, desde que assumi a sua coordenação, elaborei vários projetos, respondendo a editais internos e externos, de financiamento e apoio às ações. A seguir destaco estes projetos.

Projetos de Emenda Parlamentar

Propus e coordenei nos anos de 2012 e 2013, dois projetos de extensão, desenvolvidos com financiamento de recursos de emenda parlamentar, da bancada de deputados federais, via PROEX/UFU. Por meio destes, o PAPD recebeu recursos financeiros, para compra de materiais de consumo, pagamento de bolsistas de extensão e de profissionais para ministrarem cursos. Em cada projeto, participaram cerca de 180 pessoas com deficiência. Orientei três estudantes bolsistas em 2012 e sete em 2013.

Como parte destes projetos propus e coordenei três cursos de extensão, com o objetivo de colaborar na formação inicial de estudantes da UFU e de outras instituições, bem como profissionais para trabalhar com pessoas com deficiência. Em 2012 o curso foi sobre natação infantil e teve por objetivo proporcionar conhecimento sobre as perspectivas dos tempos atuais, as características metodológicas e a abordagem lúdica pedagógica da natação infantil. No ano seguinte um dos cursos ofertados foi sobre Inteligências humanas nas diferentes situações do ensino-aprendizagem, o outro foi sobre natação, cujo objetivo foi desenvolver estratégias de ensino por meio da ludicidade para facilitar o processo de ensino e aprendizagem da natação.

Figura 78 – Curso de Natação, 2013



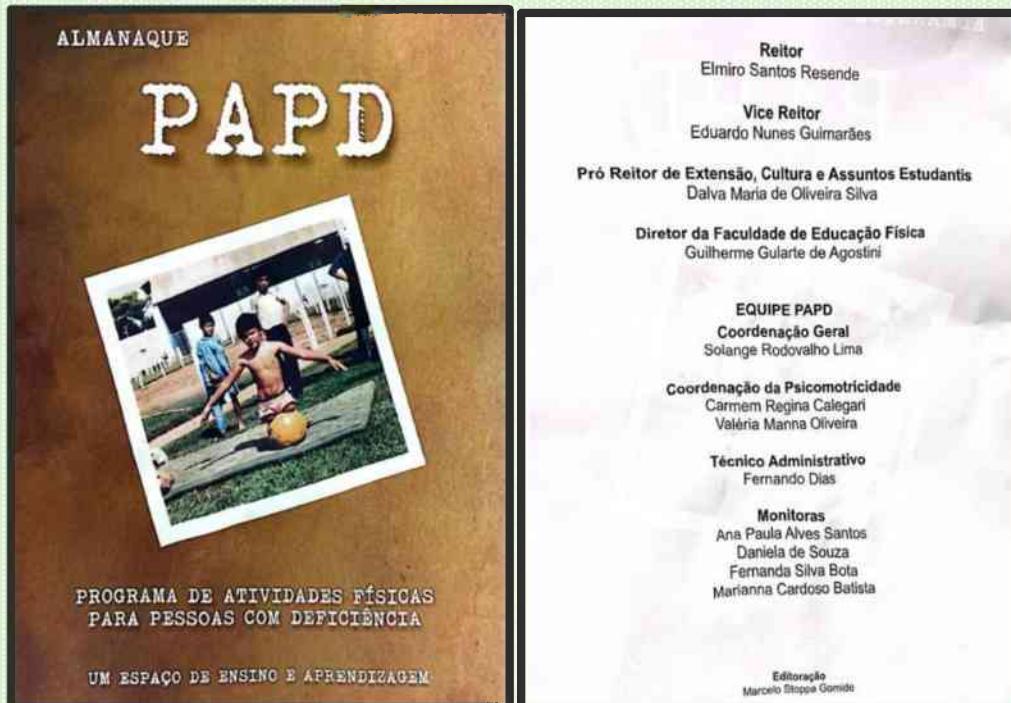
Elaboramos dois livretos impressos, com linguagem simples, voltados à comunidade interna e externa à UFU. Um discorreu sobre a história do PAPD e os projetos de atividades desenvolvidas.

Figuras 79 e 80 – Capa e contracapa do Folder do PAPD, 2013



O outro livreto, que denominamos Almanaque, versou sobre o conceito de deficiência, principais causas, prevenção e especificidades sobre as deficiências auditiva, física, intelectual, visual e TEA e sobre benefícios da Educação Física para estas pessoas.

Figuras 81 e 82 – Capa e folha de rosto do Almanaque PAPD, 2013



Estes livretos foram utilizados nas disciplinas relacionadas à vivência no PAPD e foram distribuídos à comunidade interna e externa à UFU, colaborando na divulgação das atividades do Programa e fornecendo conhecimentos básicos sobre as deficiências.

Apresentamos as ações do projeto desenvolvido em 2013, no evento Extensão e Cultura em Mostra, promovido pela PROEX/UFU, que teve como proposta divulgar os mais de 80 projetos de extensão desenvolvidos em 2013, com subsídios de emenda parlamentar. Esta mostra, teve ainda como finalidade “...dar visibilidade aos projetos de extensão e cultura desenvolvidos pela Universidade, demonstrando o enriquecimento mútuo, proporcionado por esta troca de experiência entre a academia e a comunidade” (Universidade...2013, p. 1). A imagem a seguir, mostra o *banner* que apesentamos nesta mostra de extensão.

Figura 83 – Banner PAPD, no evento Extensão e Cultura em Mostra, 2013



Figura 84 – Equipe PAPD, Evento Extensão e Cultura em Mostra/Proex, 2013



Participamos do evento junto com as monitoras/bolsistas que colaboraram na apresentação do Programa e de diversos materiais utilizados nas atividades esportivas para pessoas com deficiência, como bolas de goalbal e jogos adaptados.

Programa Proext 2016-2018

Propus e coordenei o programa de extensão “Atividades físicas, esportivas e de lazer para pessoas com deficiência”, contemplado no EDITAL PROEXT 2015 – Programa de Apoio à Extensão Universitária MEC/SESu. O objetivo geral foi desenvolver atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer com PCD e TEA, bem como contribuir no processo de reabilitação, interação social e melhoria da qualidade de vida dos participantes e formação de recursos humanos para a área. O programa recebeu recursos no total de R\$299.158,50, valor igual aos recursos orçamentários destinados à FAEFI na distribuição de Outros Custeios e Capital (OCC) na UFU, ao longo de dois anos.

Conforme definido no projeto, o recurso financeiro recebido, destinou-se ao pagamento de bolsas-auxílio financeiro a estudantes e rubricas (materiais permanentes e de consumo e contratação de serviços de terceiros) com o qual foram adquiridos diferentes itens que atenderam as demandas do PAPD, mas foram disponibilizados para a realização de outras atividades de ensino, pesquisa e extensão na unidade acadêmica.

Solicitamos a confecção de camisetas com a logomarca do PAPD, que foram distribuídas a todas as pessoas com deficiência participantes das atividades. Deste então, estas camisetas, têm sido usadas como uniforme nas atividades e vem contribuindo para dar visibilidade ao programa. Sentir a alegria e gratidão de cada pessoa ao receber as camisetas foi muito gratificante.

Elaboramos uma versão atualizada do livreto impresso sobre o Programa e seus projetos, o qual, desde então, tem sido utilizado para divulgar as ações do PAPD na comunidade interna e externa à UFU e em eventos científicos em âmbito local e nacional. As figuras, a seguir mostram a capa, folha de rosto e contracapa, desta publicação.

Figuras 85 e 86 – Capa e folha de rosto do Livreto PAPD, 2018

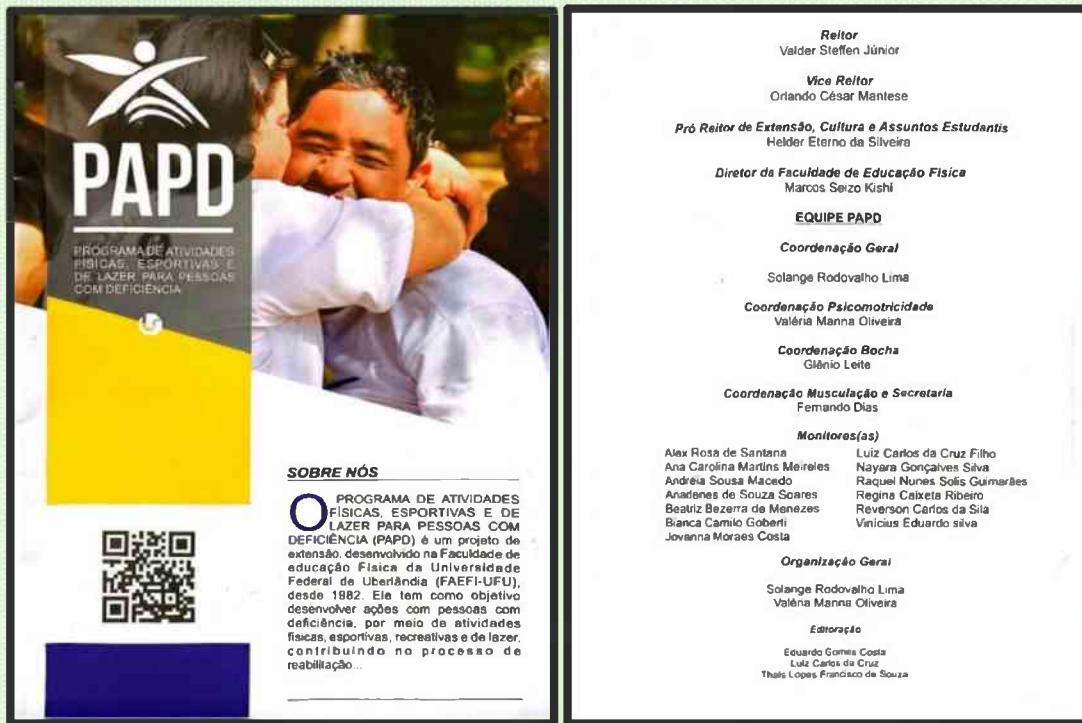


Figura 87 – Contracapa do Livreto PAPD, 2018



Este livreto está disponível no *link* na *bio* do perfil ufupapd no *instagram*. No QR Code, na capa podem ser acessados textos sobre as principais deficiências com as referências bibliográficas das informações.

Pelo PROEXT solicitamos recursos para pagamentos de bolsas de monitoria a doze estudantes bolsistas que foram orientados por mim e colaboraram no desenvolvimento do Programa. Buscando ampliar a formação inicial destes/destas bolsistas e de outros/as discentes do curso de Educação Física da UFU e de outras instituições, bem como a formação continuada de profissionais da área, propus e coordenei dois cursos de extensão. Um deles foi em dezembro de 2017, e abordou a “Natação: processo pedagógico de ensino e aprendizagem” ministrado pela professora Egle Ribeiro da Luz. O outro, realizado em julho de 2018, foi sobre “Planejamento educacional individualizado na perspectiva inclusiva” com a professora Gabriela Tannus Valadão.

Figura 88 – Curso de Natação, PROEXT, 2017



Outra oportunidade decorrente do PROEXT, foi a ajuda de custo (passagens aéreas e hospedagem) para assistir aos jogos paralímpicos Rio 2016. Junto com dois técnicos da equipe do PAPD e uma professora da FAEFI, acompanhamos diferentes modalidades, praticadas por atletas de várias classes esportivas e tipos de deficiência, de delegações de diferentes Países.

Figura 89 – Vila Olímpica/Paralímpica, Rio 2016



Figura 90 – Vista do Parque Aquático, Vila olímpica/paralímpica, Rio 2016

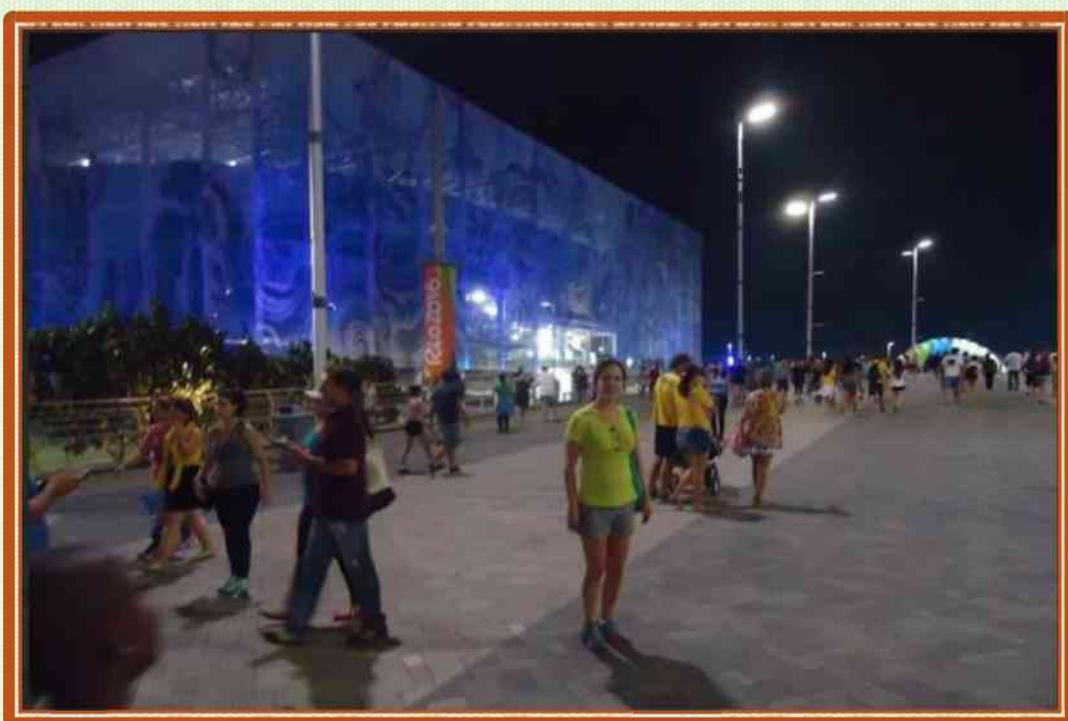


Figura 91 – Vista do Ginásio de Tênis, Vila olímpica/paralímpica, Rio 2016



Assistir aos jogos paralímpicos ao vivo, pela segunda vez e estar na Vila Paralímpica, o mesmo local, onde poucos dias antes, havia sido realizada a Olimpíada, foi um momento que jamais esquecerei. Estar nos locais das provas, foi igualmente especial e inesquecível em minha trajetória profissional. Além de reviver a primeira experiência, quando acompanhei os jogos de Atlanta, no ano de 1996, pude observar a evolução nos recursos e implementos utilizados pelos/as atletas e o alto desempenho das equipes, decorrentes de estudos e pesquisas na área, bem como de políticas voltadas a organização e gestão do esporte paralímpico, incluindo o Brasil, que desde o final dos anos de 1990 vem investindo na melhoria e incremento deste importante segmento.

Figura 92 – Ciclismo de Pista, deficiência física, Rio 2016

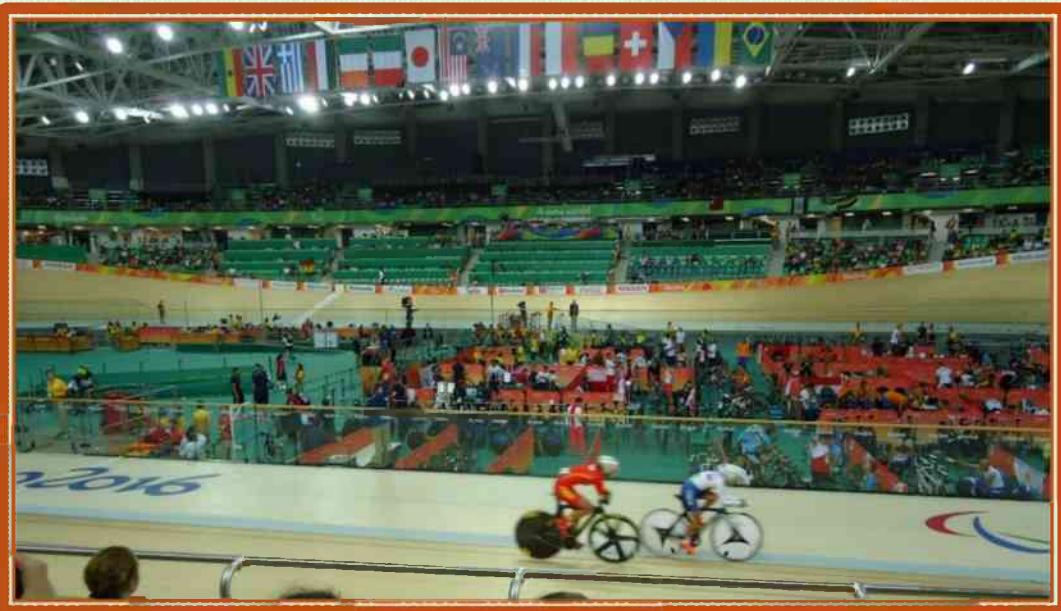


Figura 93 – Basquetebol feminino em cadeiras de rodas, Rio 2016



Senti muito orgulho por encontrar alunos e alunas egressos/as do curso de Educação Física/UFU que haviam sido monitores/as bolsistas do PAPD atuando na Paralimpíada, na condição de técnico, árbitro e voluntários. Esta rica

experiência foi compartilhada nas aulas na graduação que ministrei e com o público e familiares participantes do PAPD.

Ainda com recursos do PROEXT, realizamos, com os/as estudantes bolsistas e outros/as acadêmicos/as do curso, uma visita técnica ao Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro (CT) em São Paulo, em 2018. Além de conhecer as excelentes instalações do referido centro, inaugurado no ano de 2016, acompanhamos parte do treinamento da equipe paralímpica de natação, dialogamos com dirigentes, professores pesquisadores, atletas e técnicos do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) a respeito das ações voltadas à gestão do esporte paralímpico e sobre a formação e treinamento de atletas paralímpicos brasileiros, que são realizadas no referido centro e que tem sido de extrema relevância ao desenvolvimento do esporte paralímpico de nosso País.

Figura 94 – Visita técnica ao CT Paralímpico, SP, 2018.



Fomos convidadas pela diretoria de esportes do CPB para retornar ao CT e assistir o prêmio paralímpico 2018, cerimônia de premiação dos/das atletas em diversas modalidades e homenagens às pessoas que contribuíram para o desenvolvimento do esporte paralímpico naquele ano. O evento ocorreu em dezembro e contou com a presença de atletas, autoridades e personalidades do movimento paralímpico.

Figura 95 – Centro de treinamento paralímpico, SP, 2018



Na ocasião do evento participei de uma reunião, representando o PAPD, com o diretor técnico do CPB, Prof. Alberto Martins da Costa, o Pró-reitor de extensão e cultura da UFU, Prof. Helder Eterno da Silveira, o diretor da FAEFI Prof. Marcos Seizo Kishi e o coordenador do curso de Educação Física, Prof. Eduardo Henrique Rosa Santos. Na reunião foram discutidas ações para incrementar o convênio de cooperação técnica entre o CPB e a UFU, existente desde o ano de 2014 e que tem por objetivo fomentar o desenvolvimento do esporte paralímpico, tanto em Uberlândia, quanto em âmbito nacional.

Figura 96 – Representantes do CPB e UFU, Centro Treinamento Paralímpico, 2018



Na cerimônia de entrega do prêmio, encontrei Vital Severino Neto, o fundador da ADEVITRIM, com quem tinha iniciado o trabalho com pessoas com deficiência visual. Foi bem emocionante este reencontro, 33 anos após o início de minha atuação no esporte paralímpico, especialmente por estar ali conosco minha colega de turma Patrícia Freitas que compunha nosso grupo na associação, nesta época. Revi vários colegas, atletas e ex-atletas como Ária Santos, que conhecia da época que atuava como técnica, nas competições esportivas.

Figura 97 – Com Vital, Adria Santos e Patrícia, CT, 2018



Este foi o único PROEXT do qual participamos, pois as normas do Edital PROEXT 2016 impediam que programas aprovados no âmbito do Edital PROEXT 2015, pleiteassem recursos. Desde então não houve lançamento de novo edital neste programa.

Não é demais lembrar que desde o golpe contra a Presidenta Dilma, em 2016, tem sido constante a redução nos recursos destinados à educação. Desde então, as instituições federais de ensino superior (IES) e os institutos federais de educação tecnológica (IFs) vêm enfrentando dificuldades para manter suas atividades e cumprir seus compromissos financeiros, o que têm precarizado, cada vez mais, as condições de trabalho nas universidades impactando fortemente o desenvolvimento e qualidade de suas ações.

Programa de Extensão Integração UFU/comunidade (PEIC) com pessoas com deficiência

Propus e coordenei três projetos de extensão nos anos de 2015, 2020 e 2023, vinculados ao PAPD, contemplados nos editais do Programa de Extensão Integração UFU/comunidade (PEIC), da Pró-reitora de Extensão e Cultura (PROEXC/UFU), cuja finalidade é:

estimular docentes e técnico administrativos a desenvolverem propostas de extensão voltadas para promover a integração entre Universidade e sociedade, no intuito de contribuir para o desenvolvimento acadêmico do discente, ampliando a função social da universidade pública e gratuita e fortalecendo seu compromisso com o desenvolvimento e transformação social” definição de extensão (Universidade..., 2018, p. 1).

Em 2015, o objetivo foi voltado a crianças, adolescentes e adultos jovens com deficiência intelectual.

Figura 98 – Jogos e brincadeiras com jovens e adultos com DI



Os projetos dos anos de 2020 e de 2023 foram voltados às PcD e com TEA. Devido à Pandemia da Covid-19, as ações do projeto aprovado em 2020, que haviam sido planejadas para serem presenciais sofreram alterações e foram realizadas em modo remoto. Criamos um grupo no aplicativo *whatsapp* que se tornou nosso canal de comunicação com os participantes e por ele, com a participação de uma estudante bolsista, enviamos sugestões de atividades, com adequações para que todos/as pudessem fazê-las em suas casas. Foi uma experiência desafiadora e apesar das limitações impostas pela pandemia, mantivemos o contato com o grupo, estimulando-os a se manterem ativos/as e a evitarem o contágio. Muitas pessoas compartilhavam vídeos e imagens mostrando as atividades que estavam fazendo, o que gerava muita interação e conversas no grupo.

Estes projetos visaram a colaborar na formação de docentes, técnicos/as e discentes, que atuaram no desenvolvimento das práticas corporais com PcD e TEA.

Em cada um destes projetos, elaborei editais de seleção de bolsistas e selecionei estudantes do curso, os/as quais orientei, na realização de atividades, tais como: participação em grupos de estudo, planejamento e aplicação de estratégias de ensino, escrita e publicação de trabalhos para apresentar em eventos científicos, elaboração de relatórios, realização de reuniões com os/as participantes do projeto e acadêmicos/as do curso de Educação Física e colaboração na avaliação dos relatos de experiência dos/das discentes do componente curricular por meio do qual vivenciam a prática pedagógica com alunos/as do PAPD.

Orientei os/as bolsistas no desenvolvimento dos projetos e na elaboração de trabalhos relatando as experiências vivenciadas, para apresentações em diversos eventos científicos nacionais e internacionais, tais como: Congresso Internacional de Atividade Física, Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONBRACE/CONICE), Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), Simpósio internacional o Estado e as políticas educacionais no tempo presente, Congresso Internacional de Educação Física,

Seminário Institucional das Licenciaturas (SEILIC) e Semana Científica Pet Educação Física.

Propus e desenvolvi estes projetos com o apoio da PROEXC/UFU, de forma a articular as demandas da sociedade com o ensino universitário e posso afirmar que a participação dos/das bolsistas colaborou em sua formação inicial para atuar com PCD e TEA e para lidar no mundo do trabalho, considerando as diferenças humanas.

Tenho muito honra e gratidão por ter colaborado na construção da história do PAPD, me envolvendo ativamente em seu desenvolvimento nestes 32 anos de serviços prestados com compromisso e ética, dos quais, quase dezessete anos como docente efetiva na UFU, na condição de coordenadora do Programa.

Aprendi e sigo aprendendo muito com esta ação de extensão, que tem sido fundamental em minha formação continuada e na formação inicial dos/das acadêmicas do curso de Educação Física. Os/as discentes vivenciam experiências de ensino e aprendizagem, planejando e aplicando procedimentos de ensino adequados às necessidades dos/das participantes do PAPD, bem como realizando pesquisas sobre ele.

As imagens, a seguir, mostram mais algumas atividades deste Programa.

Figura 99 – Jogos e brincadeiras com PcD



Figura 100 – Psicomotricidade

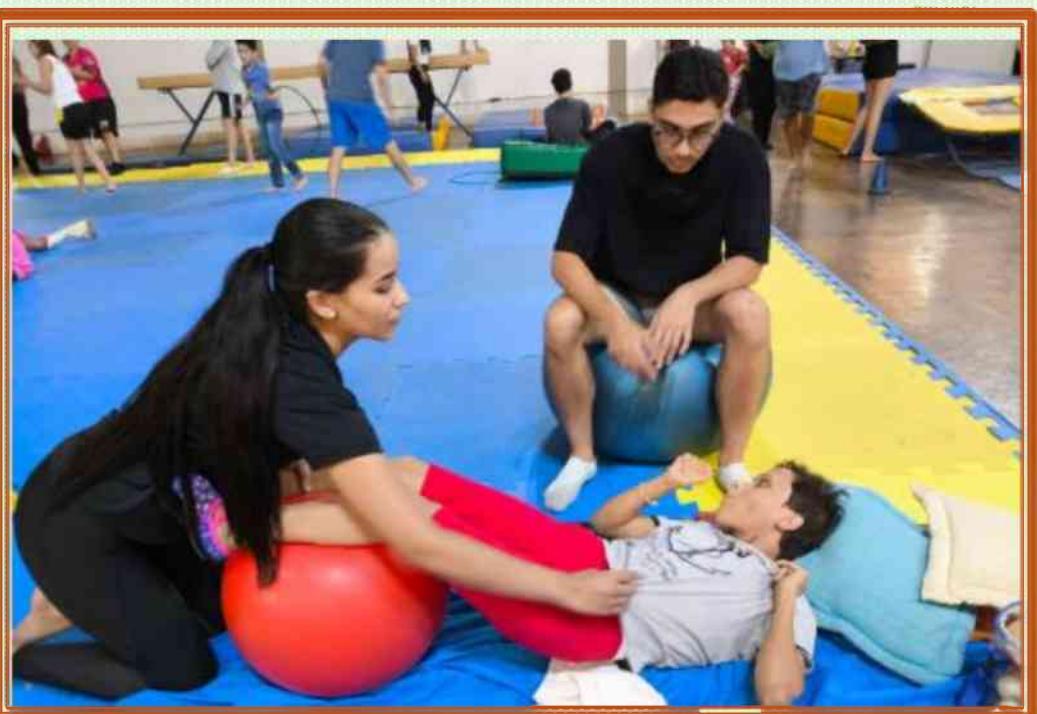


Figura 101 – Atividades aquáticas



Figura 102 – Atividades aquáticas em grupos



Apesar de mais de quatro décadas de existência do PAPD e de sua história evidenciar sua importância tanto para a formação inicial dos/das discentes, quanto para a comunidade e de ele impactar nos recursos financeiros da unidade acadêmica, pela distribuição de recursos via matriz orçamentária da UFU, seu futuro tem me preocupado bastante.

Esta preocupação, não é de agora. A partir de discussões com a equipe do programa, buscando garantir sua continuidade em setembro de 2020, solicitei a sua institucionalização, junto à coordenação de extensão da FAEFI, que na época era da Profa. Eliane Maria de Carvalho (Processo Sei [23117.053444/2020-98](#)). O parecer foi favorável e após o trâmite na unidade acadêmica a solicitação foi enviada à PROEXC, que respondeu favoravelmente, por meio de nota técnica nº 9/2020/DIREC/PROEXC/REITO. A Pró-reitora informou, ainda à direção da FAEFI, por meio do ofício nº 33/2021/PROEXC/REITO-UFU, que a institucionalização tiraria o protagonismo da unidade acadêmica no gerenciamento do programa, motivo pelo qual solicitava nova manifestação da Unidade Acadêmica, quanto à institucionalização, conforme trecho a seguir.

Em não sendo a situação desejada, é possível criar o Programa Acadêmico que, por sua vez, é lotado na Unidade Acadêmica e gerenciado por ela, com o acompanhamento da COEXT-FAEFI e da PROEXC por meio do SIEX.

Diante disso, a direção da FAEFI naquele momento, em diálogo conosco, manifestou-se desfavorável à institucionalização. Entretanto esta decisão não foi manifestada no processo criado no SEI/UFU e o programa segue como programa acadêmico.

Embora, atualmente ele esteja previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), como campo de vivência aos componentes denominados Atividades Curriculares de Extensão: Educação Física e Deficiência I e II, seu funcionamento depende muito da vontade política e compromisso das pessoas nele envolvidas, especialmente de quem o coordena, ou seja, sua continuidade está atrelada à vontade e disponibilidade de servidores/as. Desta forma ele

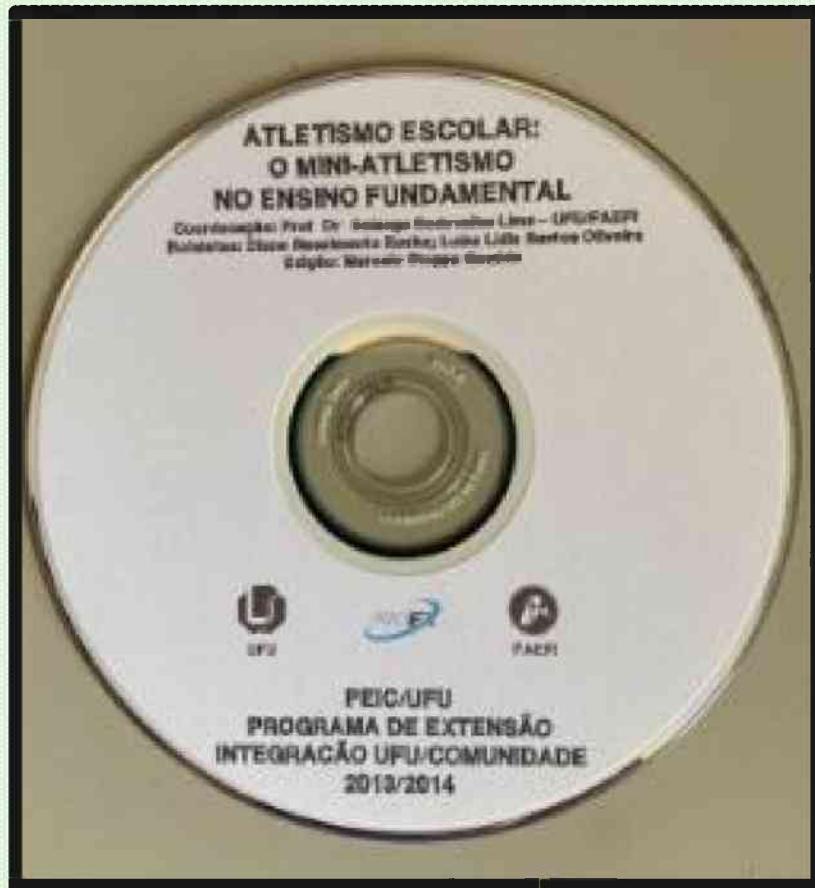
torna-se vulnerável e seu futuro incerto, especialmente no contexto atual, em que há uma precarização nas condições de trabalho e funcionamento da universidade, em função da redução dos recursos repassados pelo governo federal, em nome do ajuste fiscal.

5.2.3.2 Peic Atletismo Escolar

Entre os anos de 2013 e 2014, coordenei o projeto Peic Atletismo escolar: O "Mini atletismo" no ensino fundamental, cujo objetivo foi desenvolver o mini atletismo neste nível de ensino, bem como contribuir para despertar o interesse na prática do atletismo e sobre a importância de um estilo de vida ativo e saudável. Participaram cerca de 100 estudantes da EE Amador Naves que duas vezes por semana vinham para a FAEFI, vivenciarem o atletismo por meio de jogos e brincadeiras.

Sob minha orientação, duas discentes bolsistas realizaram as seguintes atividades: 1) Planejamento e aplicação de procedimentos de ensino de atletismo; 2) Construção de materiais didáticos para as aulas; 3) Planejamento e realização de um festival de atletismo em parceria com acadêmicos da disciplina Prática Pedagógica do Atletismo (PIPE 2); 4) Elaboração e apresentação de trabalho relatando o projeto, na semana científica do curso de Graduação em Educação Física; 5) Elaboração de mídia, gravada em CD-ROM, com descrição das etapas do projeto, procedimentos de ensino e registro do festival de atletismo.

Figura 103 – Mídia sobre o Peic atletismo escolar, 2014



Esta mídia foi distribuída aos/as discentes do curso de Educação Física, às Escolas de Educação Básica de Uberlândia e outras instituições de ensino, com a finalidade de colaborar com a prática pedagógica dos/das professores/as e estimular o desenvolvimento do atletismo nas aulas de Educação Física.

Neste projeto me aproximei de alunos/as e professores/as da escola participante e posso afirmar que ele contribuiu na formação inicial das estudantes bolsistas e na formação continuada da professora de Educação Física, que conheceu a proposta de mini atletismo da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt). Segundo o relato da referida professora e das bolsistas, o projeto colaborou para estimular a participação dos/das alunos nas aulas de Educação Física e no comportamento motor das crianças.

5.2.3.3 Festival de atletismo

Entre os anos de 2009 e 2023, propus e coordenei a realização semestral de um festival de atletismo, envolvendo estudantes do componente curricular prática pedagógica do atletismo (PIPE 2) do currículo integrado licenciatura e bacharelado (2009-2018) e da disciplina atletismo, do curso de licenciatura (2018-2023). O objetivo foi desenvolver o atletismo com alunos da educação básica, bem como aprimorar a formação do/a licenciando/a em Educação Física para desenvolver o atletismo na Educação Física Escolar.

Em 2012, o festival fez parte de um minicurso ofertado pela CBAt, ministrado por Claudinei Quirino e foi realizado pela turma 75 que cursava atletismo comigo, em parceria com estudantes de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão e Unipac (Araguari).

Figura 104 – Minicurso CBAt sobre miniatletismo, 2012



Entre tantos fatos e falas que me marcaram nestes festivais e que me deixam orgulhosa, cito o depoimento do aluno Thallison Fagundes, sobre este evento, em seu perfil no *Facebook*.

Claudinei Quirino marcando presença com a 75, que mais uma vez marca sua história da UFU sendo a primeira turma da Educação Física da UFU a participar desse evento, que servirá de base para as aulas de atletismo das próximas turmas que virão!!! Não falei com todos, mas agradeço a participação de cada um, porque vi o empenho de todos e principalmente a união dessa turma!! Obrigado a Solange Rodovalho Lima que nos inscreveu nesse torneio e também obrigado ao pessoal da UNIPAC Araguari, da UFG Catalão e demais professores que participaram da clínica, foi graças a todos que esse torneio aconteceu com excelência, e nem a chuva e nem o local de última hora impediram o nosso trabalho...(Fagundes, 2012)

Orientava os/as discentes no planejamento e realização do torneio e na construção de materiais curriculares alternativos utilizando materiais como etil vinil acetado (EVA), tecidos, tecidos não tecidos (TNT) e recicláveis como caixas de papelão, pneus, garrafas pet, cabos de vassouras etc., os quais eram utilizados nas atividades. Com a mudança curricular, a construção destes materiais pedagógicos foi incorporada no programa da disciplina Atletismo.

Figura 105 – Discentes apresentando material curricular em TNT e EVA, para trabalhar salto em distância

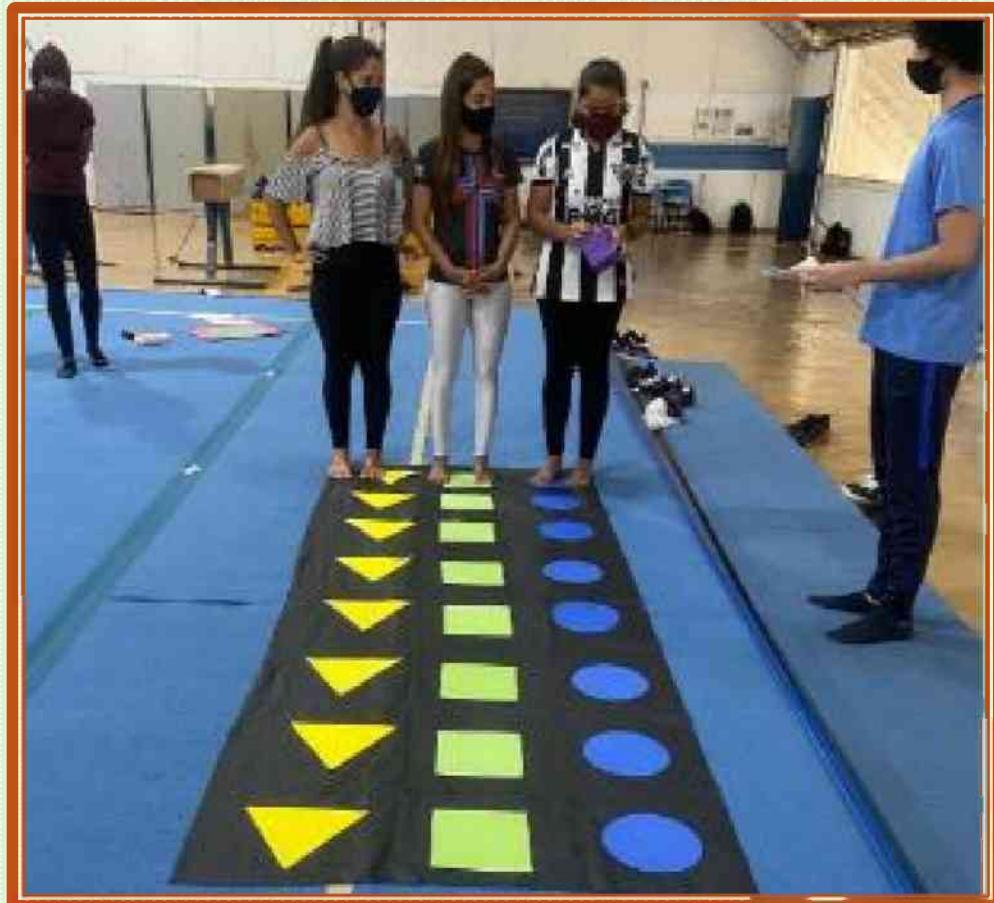
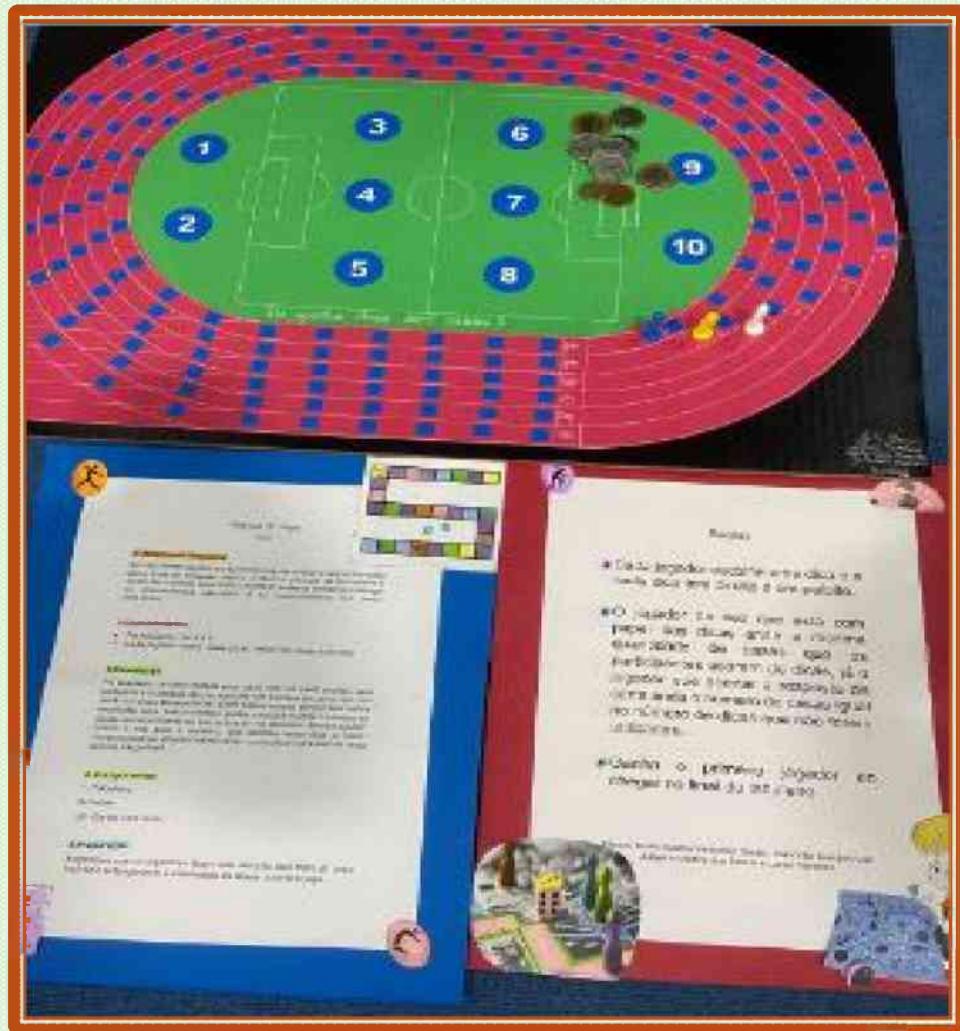


Figura 106 – Material curricular, em EVA e papelão, sobre corridas



Orientava os/as discentes na criação de uma arte visual do festival. Em geral, as turmas colocavam nesta arte a mascote da turma organizadora. Ela era utilizada para identificar e divulgar o evento na página eletrônica da FAEFI, em *banner* que era exposto no Campus FAEFI e em divulgação em nos meios de comunicação como TV e jornal da UFU. A arte era estampada em camisetas, confeccionada com recursos próprios e/ou por meio de patrocínio de empresas locais, que usávamos no dia do festival.

Figura 107 – Divulgação do 20º Festival de atletismo no Comunica UFU



Fonte: <https://comunica.ufu.br/node/6094>

Figuras 108 e 109 – Divulgação do 22º Festival no Comunica UFU



Fonte: <https://eventos.ufu.br/faefi/festival-atletismo/2017/11#realizacao>

Neste evento os/as discentes vivenciavam sua primeira experiência de prática pedagógica com crianças e adolescentes, planejando e realizando jogos e brincadeiras, que compunham um circuito pedagógico com diversas estações e tinham como referência a proposta de mini atletismo já referida.

Figura 110 – Lançamento ao alvo, festival de atletismo Educação Infantil, 2017



Figura 111 – Turma 86, organizadora do 22º Festival de Atletismo, 2017



Realizamos 25 edições do festival, cada um com cerca de 150 alunos/as de uma escola da rede municipal ou estadual de ensino ou Cap/Eseba/UFU, acompanhados por docentes das turmas e professor/a de Educação Física da Escola. 21 edições foram realizadas no Campus FAEFI e quatro foram nas seguintes instituições: Serviço Social da Indústria (SESI) no bairro Gravatás, 36º Batalhão de Infantaria Mecanizado, local próximo à EE Marechal Castelo Branco, participante do evento. EM Professor Eugênio Pimentel e EE Polivalente. Na maioria das edições havia alunos/as público da Educação Especial nas turmas e as atividades eram planejadas com adequações que possibilitassem a participação destes/as estudantes. Com isto, estes eventos colaboravam na preparação dos/das estudantes para atuar com a inclusão escolar.

Figura 112 – Festival de atletismo com EE Frei Egídio Parisi, 2016



Trazer os/as estudantes das escolas para o Campus FAEFI, foi uma forma de propiciar-lhes experiências em uma pista de atletismo com os diferentes setores de realização das provas, pois nenhuma das escolas de Uberlândia, possui espaço similar.

Várias emissoras de TV e rádios locais fizeram a cobertura dos festivais, com imagens das atividades e entrevistas comigo, com discentes e alunos/as e professores/as das escolas, como no vídeo a seguir.

Figura 113 – Vídeo/entrevista sobre o festival de atletismo, 2016



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=78cVEW-rvcc&t=47s>

Os festivais aliaram o ensino com a extensão e contribuíram para despertar o interesse dos/das estudantes da educação básica pelo atletismo, bem como dar visibilidade à modalidade, atualmente, ainda pouco trabalhada na Educação Física Escolar. Eles foram importantes para a formação inicial dos/das discentes, para desenvolverem o atletismo em sua futura atuação profissional, conforme relatado pelos/pelas estudantes nas avaliações do festival e posteriormente, no estágio curricular, no qual o atletismo fazia parte do planejamento de estratégias de ensino aplicadas na regência, nas escolas campo de estágio.

O último festival, ocorreu no início do ano de 2023 e contou com recursos de um projeto que elaboramos para o Programa Institucional de Apoio Eventos de Extensão (PIAEV) da PROEXC. Pelo projeto compramos lanche para os/as participantes e camisetas usadas pelos/as acadêmicos/as da turma organizadora. A interrupção na realização deste evento, deveu-se a não há oferta

da disciplina atletismo no novo PPC do curso, que passou a vigorar em 2022, atendendo às DCN dos cursos de Educação Física (Resolução CNE Nº 06/2018). As imagens, a seguir, ilustram um pouco mais estes eventos.

Figura 114 – Turma 95º - organizadora do 25º e último festival de atletismo, 2023



Figuras 115 – Coletânea de imagens dos festivais de atletismo



5.2.3.4 Programa de Atividades Formativas Complementares do Curso de Licenciatura em Educação Física – Prolicef/UFU

No período da Pandemia da Covid-19, logo que a UFU instituiu as Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais (AARE) nosso coletivo de docentes do curso de licenciatura em Educação Física, optou pela criação de um programa de extensão com vários eventos remotos e em tempo real, do tipo *live*.

O curso de graduação em Educação Física, grau Licenciatura, por meio de seu colegiado de curso e de seu Núcleo Docente Estruturante (NDE), discutiu e autorizou a realização daquilo que está preconizado no inciso II, do art. 4º, Resolução Sei/Congrad nº 7/2020 ou seja: - Atividades Acadêmicas Complementares. E desta maneira, instituiu o Programa de Atividades Formativas Complementares do Curso de Licenciatura em Educação Física (PROLICEF/UFU) (Antunes, Lima, Miranda, 2021, p. 7).

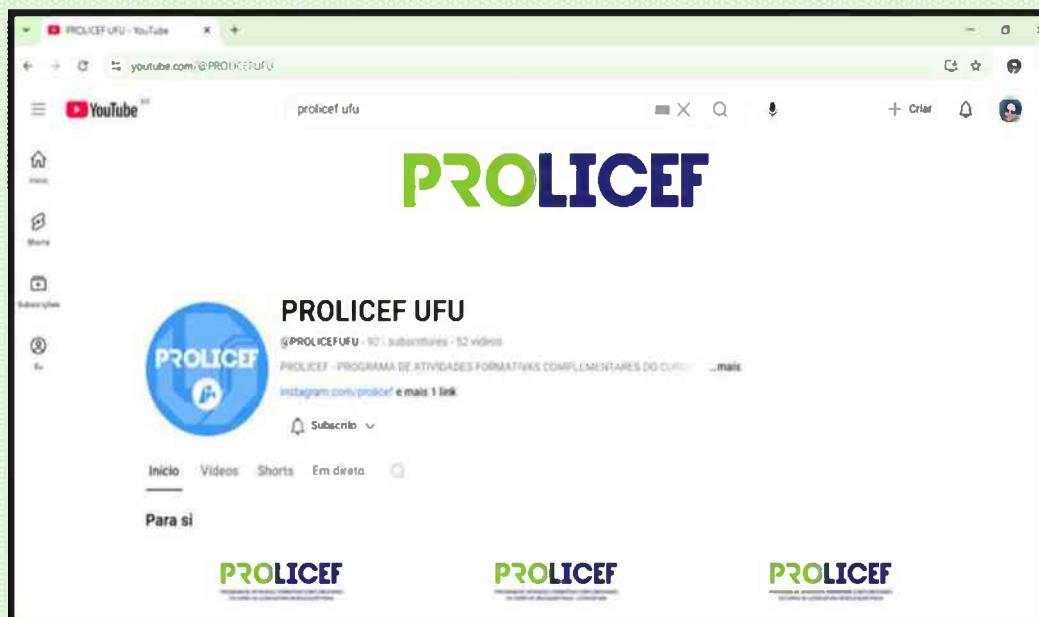
Tal como previsto no Art. 12 da Resolução Sei/Congrad, a finalidade central do programa foi “disseminar conhecimentos de interesse público e com embasamento científico, tecnológico, cultural ou filosófico” (UFU, 2020a). Ele foi o resultado de um trabalho coletivo, colaborativo e interdisciplinar e envolveu os três seguimentos da comunidade universitária (docentes, técnicos/as e discentes do curso). Nosso cuidado foi realizar as atividades em coerência com a Resolução Consun nº 25/2019, que Estabeleceu a Política de Extensão da UFU e definiu entre os objetivos, “[...] estimular atividades de extensão cujos desenvolvimentos impliquem relações multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade; [...]” (UFU, 2019, p. 4). No Prolicef/UFU contamos com a parceria de outras unidades acadêmicas da UFU, organizações científicas como o CBCE, organizações esportivas como o CPB, e outras instituições de ensino superior e de educação básica.

Após várias reuniões e debates, organizamos o programa em quatro eixos temáticos, abarcando temas das dimensões da formação docente em educação física: 1) A educação em Tempos de Pandemia; 2) Dimensões Político-culturais da Escola e da Educação Física; 3) Abordagens da Educação Física Escolar e suas Proposições Curriculares e 4) Conteúdos e Prática da Educação Física (Univerdidade..., 2020b).

Inicialmente, pensamos no programa para os/as estudantes do curso de licenciatura em Educação Física, mas ele foi muito além e atingiu estudantes de outras instituições, professores/as de educação física da educação básica, docentes de outras instituições de ensino superior e estudantes da educação básica (Universidade, 2020b).

Com o apoio de Marcelo Stopa Gomide, técnico da FAEFI, foi criado um canal no *youtube* <https://www.youtube.com/@PROLICEFUFU> para divulgação e retransmissão das *lives*, realizadas pela plataforma *Streamyard*. Esta plataforma foi escolhida por ser gratuita, pois já estávamos no contexto de enfrentamento do corte nas verbas discricionárias para as universidades federais, promovido pelo governo Bolsonaro. Também foi criado um perfil do Proliceif no *instagram*, para divulgação dos eventos.

Figura 116 – Print canal do Proliceif no *Youtube*



Fonte: <https://www.youtube.com/@PROLICEFUFU>

Figura 117 – Print do perfil do Prolicef no instagram



Fonte: https://www.instagram.com/p/CDfDODenwAS/?img_index=1

Durante o segundo semestre de 2020, compus a equipe organizadora das atividades do programa, cujas *lives* eram realizadas as segundas e quartas-feiras das 9h às 11h. Foram palestras ou mesas redondas e o público participante interagia no *Chat* emitindo comentários e/ou questões, respondidas pelos/pelas palestrantes, após a exposição deles/as. Propus e coordenei, com a colaboração da colega técnica em assuntos esportivos da FAEFI, profa. Izaura de Menezes Medeiros, quatro *lives*, que foram divulgadas pelas redes sociais como o *Instagram*, como mostram as imagens a seguir.

Figura 118 – Prints das divulgações no Instagram, das lives que mediei, Prolicef, 2020



a) Iniquidades sociais e atividade física: antes e durante a pandemia, foi ministrada pela professora Maria Clara Elias Polo, na época doutoranda pela faculdade de saúde pública da Universidade de São Paulo (USP) e Daniel Paiva de Oliveira, estudante do curso de Educação Física/UFU e membro do Grupo de Estudos em Lazer e Saúde da UFU. Ela está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0SynZMfOOAE&t=2266s>

Figura 119– Print tela, live Iniquidades Sociais... no Youtube



b) A palestra Esporte Paralímpico Escolar, foi ministrada pelo professor Ramon Pereira de Souza, do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o qual apresentou as ações do CPB para a organização e implementação do esporte paralímpico escolar no Brasil e os objetivos e as atividades do programa de educação paralímpica. Esta palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4aMNldKeWOQ&t=4623s>

Figura 120 – Print tela, live Esporte Paralímpico Escolar



c) Inclusão na Educação Física Escolar: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, no formato de mesa redonda, foi ministrada pelos professores José Francisco Chicon, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e nosso colega no GTT inclusão e diferenças do CBCE e Leandro Rezende do Cap-ESEBA/UFU. Eles abordaram a inclusão escolar do público da Educação Especial nas aulas de educação física, com foco na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, e o papel mediador do professor de Educação Física no processo de intervenção pedagógica, com os alunos na educação inclusiva nas séries iniciais do ensino fundamental. Esta live está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pITiQ9-TU64&t=1059s>

Figura 121 – Print tela, live Inclusão na Educação Física Escolar: Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental



d) O ensino do esporte escolar numa perspectiva curricular, foi outra mesa redonda, ministrada pelos professores Cleber Garcia Casagrande e Leandro Rezende, do Cap-Eseba/UFU, que abordaram sobre o trabalho com o ensino do esporte numa perspectiva curricular. Esta live está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U-zlaQs2hfl&t=6s>

Figura 122 – Print tela, live o ensino do esporte numa perspectiva curricular



Na última mesa redonda, do ano de 2020, participei como palestrante, junto com as colegas professoras Marina Ferreira Antunes e Gabriela Machado Ribeiro. A mediação foi da professora Gislene Alves do Amaral, nossa colega na FAEFI. Apresentamos uma avaliação das 34 lives realizadas no programa, em sua primeira edição. Esta avaliação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ViiPMAzmkKc&t=40s>

Figura 123 – Print tela, live Avaliação do Prolichef: limites e possibilidades



Assim, após enfrentar, meu receio e insegurança iniciais em relação ao trabalho remoto, no segundo semestre de 2020, além dos eventos do Prolicef em que participei diretamente como mediadora ou palestrante, colaborei ativamente na equipe organizadora das outras atividades.

Diante da avaliação e dos resultados alcançados em termos de participação e visualização das *lives*, desta primeira edição do Prolicef, o coletivo de docentes do curso de licenciatura, concluiu ser importante a continuidade do Programa no ano de 2021. A temática desta segunda edição foi sobre formação profissional frente às DCNs para os cursos de Educação Física (Resolução CNE Nº 06/2018).

Esta segunda edição coincidiu com retorno das aulas do curso, em modo remoto. Com isto, as *lives* passaram a ser mensais, na última quarta-feira do mês, das 19h às 21h e foram realizadas de março a dezembro, conforme *print* de divulgação, a seguir.

Figura 124 – Print de divulgação do Prolicef no Instagram em 2021



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CM2s5BEffu7/>

Nesta segunda edição do Prolicef, participei da equipe organizadora de todas as *lives* realizadas, as quais foram divulgadas no perfil do Programa no *Instagram*. Propus e coordenei, com a colaboração da colega professora Rita

de Cássia Fernandes, a palestra: A relação da extensão com o ensino e a pesquisa: novos paradigmas, velhos dilemas. O palestrante foi o professor Helder Eterno da Silveira, do instituto de química/UFU e que na época era nosso Pró-Reitor de Extensão, Cultura (PROEXC). Esta *live* está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Vn0h-ce5QY&t=1411s>

Figura 125 – Print tela, live A relação da extensão com o ensino e a pesquisa: novos paradigmas, velhos dilemas



Nas duas edições, procurando alcançar maior divulgação e engajamento ao Programa nas redes sociais, foram produzidos alguns conteúdos a seu respeito e em forma de vídeos, por algumas pessoas da equipe. Utilizando um aparelho *smartphone*, gravei um vídeo de dois minutos de duração, convidando o público para a palestra sobre a extensão acima referida, o qual foi veiculado no perfil do programa no *instagram*, conforme *print* a seguir.

Figura 126 – Print do vídeo de divulgação da live extensão universitária



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CQdzMEdsAnFF/>

Como na primeira edição do Prolicef, em 2020, nesta segunda edição, participei como palestrante da última mesa redonda e junto com as companheiras professoras Marina Antunes e Aline da Silva Nicolino e o professor Sérgio Inácio Nunes. Avaliamos as nove lives realizadas ao longo do ano de 2021 e apontamos as perspectivas do programa.

Figura 127 – Print da divulgação de Prolicef 2021: balanços e perspectivas, no instagram



Fonte: https://www.instagram.com/p/CY8sv_-ttVr/

Nesta avaliação concluímos que esta edição do programa, alcançou seus objetivos. Os indicadores da participação e visualização das *lives* evidenciaram a importância das discussões tratadas. Apesar desta avaliação, o coletivo de docentes, técnicos e estudantes envolvidos no programa concluiu que, com o retorno das atividades presenciais e a sobrecarga de trabalho com as outras atividades acadêmicas do curso, não havia condições objetivas para uma terceira edição do Prolicef, no ano de 2022 e houve a interrupção do Programa.

Todas as *lives* e os conteúdos produzidos, encontram-se disponíveis para visualização no canal do Prolicef no *Youtube* (<https://www.youtube.com/@PROLICEFUFU/videos>) e no *instagram*. <https://www.instagram.com/prolicef?igsh=MWNjYzV4eXabHJ2bw==>

As *lives* realizadas trouxeram importantes contribuições para os eixos temáticos discutidos no ano de 2020 e em específico sobre a formação em Educação Física tratadas no ano de 2021. Muitas são, ainda hoje, utilizadas como recursos didáticos para estudo e discussão de temas das aulas que ministro no curso.

Apresentamos trabalhos relacionados ao Prolicef, em eventos científicos locais, nacionais e internacionais, tais como ENDIPE, CONBRACE/CONICE, EMIE e Simpósio internacional o Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente.

O Prolicef colaborou para ampliarmos e estreitarmos o diálogo com profissionais de outras instituições de ensino superior e de educação básica, bem como de organizações científicas como o CBCE e esportivas como CPB. Houve, sem dúvida, o enriquecimento e o desenvolvimento profissional no campo da Educação Física, com ênfase na Educação Física Escolar, em todos os níveis da educação básica.

Participar do Prolicef, foi inicialmente desafiador, mas aos poucos fui me adaptado e vencendo as dificuldades na realização e participação das *lives*, tanto como coordenadora/mediadora quanto na equipe organizadora. Este programa contribuiu muito com minha formação em serviço e ter a oportunidade de colaborar com o coletivo nele envolvido, me trouxe muitos conhecimentos, tanto

em relação aos temas abordados, quanto em relação ao domínio de recursos de TICs, os quais até então, não faziam parte de minhas atividades docentes.

5.2.3.5 Vem pra UFU

Participei em todas as edições do “Vem pra UFU”, evento organizado pela Pró-reitora de Graduação (PROGRAD) para apresentar os cursos de graduação oferecidos pela UFU, aos estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Uberlândia e cidades vizinhas do Estado de Minas Gerais e Goiás.

Junto ao curso de licenciatura em Educação Física, apresentamos o PAPD em todos os eventos e nos períodos em que estive envolvida no PIBID, ele também foi apresentado. Estas apresentações incluíam a realização de atividades esportivas, jogos e brincadeiras, com os/as estudantes que visitavam o evento. Esta participação reforçou a importância do trabalho colaborativo e foi mais um momento de partilhar experiências e dar visibilidade às ações ligadas ao curso de Educação Física e em específico ao PAPD e ao PIBID.

Figura 128 – Professores/as, bolsistas Pibid, PAPD e Pet, Vem Pra UFU, 2024



Figura 129 – Equipe PAPD e PIBID no “Vem pra UFU”



A atividade de extensão mais recente, na qual estou envolvida neste ano de 2025, é o 3º Ciclo de Debates sobre o trabalho docente na Educação Física, promovido pelo Laboratório de Estudos sobre Escola, Currículo e Educação Física (LECEF) do curso de Educação Física/UFU, coordenado pela Professora Gislene Alves do Amaral. <https://www.instagram.com/lecef.ufu/>

Neste ciclo os eixos de reflexão são: a) carreira e profissão docente: contexto atual e desafios para a Educação Física e b) o trabalho educativo: conhecimentos/saberes escolares. Esta ação é *on-line* com encontros mensais de duas horas de duração, que estão ocorrendo desde o mês de fevereiro e irão até novembro de 2025. Nestes encontros com professores/as da educação

básica e estudantes de diferentes locais do País, discutimos e compartilhamos conhecimentos sobre os eixos mencionados

Este ciclo de debates tem trazido conhecimentos importantes em minha formação continuada e me permitido a aproximação com docentes e estudantes de outras instituições, compartilhando saberes e experiências sobre a docência na Educação Física.

5.2.4 Atividades de Gestão

Desde meu ingresso como docente na UFU, atendendo às demandas da FAEFI/UFU, venho atuando em atividades de gestão, que colaboram para eu compreender melhor a complexa dinâmica de funcionamento da universidade pública, tanto em relação às pessoas quanto em relação aos recursos financeiros e materiais.

A coordenação de um programa de extensão da magnitude do PAPD, vincula-se à gestão, uma vez que requer a capacidade de organização e administração dos recursos para o melhor funcionamento da ação. Na coordenação do PAPD, desde que tomei posse no cargo de docente na UFU, como já referido nas ações de extensão, planejei e executei projetos que envolveram a administração de recursos humanos e materiais e a conservação dos bens e patrimônios.

Além desta atuação na organização do PAPD, cito a seguir, meu exercício nas atividades de gestão na UFU, que estão relacionadas nos anexos de pontuação para progressão e promoção na carreira do magistério superior, que apresentei ao longo destes anos na instituição.

- Membro do Conselho da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (Confaefi) – desde outubro/2008;
- Membro NDE do curso de graduação em Educação Física (modalidade integrada) – 2011 a 2017
- Membro NDE curso Licenciatura em Educação Física - agosto/2020 a junho/2021
- Membro Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Graduação em Educação Física (Licenciatura/Bacharelado) – desde junho/2025

- Membro do Colegiado do curso de licenciatura em Educação Física – desde agosto/2018
- Membro do Fórum de Licenciaturas – desde setembro/2024
- Membro da Coordenação de extensão (Coext) da FAEFI – desde março/2025
- Membro Comissão responsável pela análise dos pedidos de redistribuição docente – Portaria DIRFAEFI Nº 40, de 20 de maio de 2025
- Membro da Comissão de Revalidação de Diploma da FAEFI/UFU – Desde fevereiro/2025
- Membro de Comitê de Assessoramento à Divisão de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRII) - abril/2014 a julho/2015
- Membro da Comissão Especial de avaliação docente (FAEFI/UFU) – 2014/2015
- Membro da Comissão de seleção do tutor do PET do curso de Educação Física. Portaria 003/2015/PROGRAD/DIREN/NIFDI/SPROJ. 2015.
- Membro da Comissão de seleção do tutor do PET Educação Física – Portaria PROGRAD Nº 9, de 05 de abril de 2021.
- Banca de Processos Seletivos de discentes em editais de projetos de extensão e de ensino.
- Banca de Processos Seletivos de Professores/as supervisores/as Pibid/UFU
- Presidente Comissão de consulta eleitoral coordenador de Curso de Educação Física, grau licenciatura – 2021 e 2025 (Portaria DIRFAEFI Nº 41, de 04 de junho de 2025).
- Presidente da Comissão para desenvolvimento de ações para a continuidade das atividades do Programa de Atividades Físicas da Pessoa com Deficiência, no âmbito da FAEFI. Portaria DIRFAEFI Nº 7, de 29 de abril de 2020
- Membro equipe executora do projeto “Ações de informação, conscientização e investigação das práticas esportivas em portadores da Síndrome de Down” – janeiro a julho/2015.

6 Produções escritas

Paralelamente às atividades realizadas em minha trajetória profissional, tive oportunidade de produzir alguns escritos materializados em artigos científicos (anexo), capítulos de livros e organização de livros, com temáticas relacionadas à Educação Especial e ao PIBID. A intenção foi colaborar com elementos que fossem importantes e fizessem sentido para reflexões de professores/as, famílias e outras pessoas interessadas no assunto.

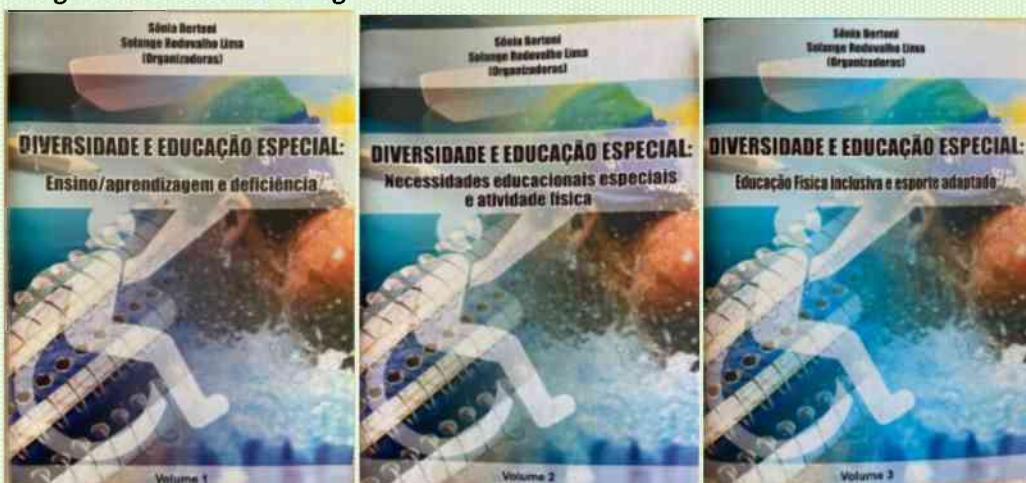
6.1 Livros organizados

BERTONI, S.; LIMA, S. R. (Org.) **Diversidade e Educação Especial: ensino/aprendizagem e deficiência.** v. 1. Uberlândia, Hebrom, 2012.

BERTONI, S.; LIMA, S. R. (Org.) **Diversidade e Educação Especial: educação física inclusiva e esporte adaptado.** v. 2. Uberlândia: Hebrom, 2012.

BERTONI, S.; LIMA, S. R. (Org.) **Diversidade e Educação Especial: educação física inclusiva e esporte adaptado.** v. 3. Uberlândia: Hebrom, 2012.

Figura 130 - Livros organizados



6.2 Capítulos de livros

1. LIMA, Solange Rodovalho; SILVA, Juliana Cristina; REZENDE, Leandro. Concepção dos bolsistas sobre um projeto de ensino em Educação Física com o público-alvo da Educação Especial. In. **Educação Física e Ciências Esportivas**. V.1. Belo Horizonte: Poison, 2021. DOI: 10.36229/978-65-5866-117-7.CAP.06.
2. LIMA, Solange Rodovalho. Formação inicial e práticas docentes inclusivas em educação física escolar. In: VARGAS, Leandro Silva; ATHAYDE, Pedro LARA Larissa (Org.) **Inclusão e Diferença** (recurso eletrônico). Natal/RN: EDFRN, 2020. Coleção Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE; 13. P. 40-49. Disponível em <https://www.cbce.org.br/item/inclusao-e-diferenca---ciencias-do-esporte--educacao-fisica-e-producao-do-conhecimento-em-40-anos-de-cbce>
3. LIMA, Solange Rodovalho; VIEIRA, Larissa Peres. Formação inicial em Educação Física e inclusão escolar de alunos com deficiência. In: CHICON, José Francisco.; RODRIGUES, Graciele Massoli. **Ação Profissional e inclusão**: implicações nas práticas pedagógicas em Educação Física. Vitória: EDUFES, 2017.
4. BERTONI, Sônia; LIMA, Solange Rodovalho. PIBID/UFU/Educação Física/Ensino Médio: Relato das ações, contribuições e dificuldades na execução. In: VALE, Daisy Rodrigues do; MENDES, Olenir Maria; PEREIRA, Waléria Furtado. (Org.). **A Escola como Campo de Formação de Professores**. Florianópolis: Bookess, 2015, v. 1, p. 289-310.
5. LIMA, Solange Rodovalho. Deficiência Visual, locomoção e autonomia. In.: BERTONI, Sônia.; LIMA, Solange Rodovalho. **Diversidade e Educação Especial**: ensino/aprendizagem e deficiência. v. 1. Uberlândia: Hebrom, 2012. P.46-58.
6. LIMA, Solange Rodovalho; BERTONI, Sônia. História e marcos da educação física e dos esportes adaptados. In.: BERTONI, Sônia.; LIMA, Solange Rodovalho. **Diversidade e Educação Especial**: educação física inclusiva e esporte adaptado. v. 3. Uberlândia: Hebrom, 2012. P. 9-24.
7. LIMA, Solange Rodovalho. Introdução ao esporte adaptado: história, evolução e atualidades. In: FERREIRA, Eliana Lúcia. (Org.). **Atividade física, deficiência e inclusão escolar**. Niterói: Intertexto, 2010, v. 2, p. 41-77

8. LIMA, Solange Rodovalho; COSTA, Carolina Lopes; MENDES, Enicéia Gonçalves; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Análise do conceito de deficiência visual: considerações para a prática de professores. COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Educação Especial: aspectos conceituais e emergentes**. São Carlos: EDUFSCar, 2009. P. 47-62.
9. LIMA, Solange Rodovalho; VIDAL, Maria Helena Candelori. A formação nos cursos de graduação em Educação Física face à inclusão escolar de alunos com deficiência. In: OLIVEIRA, Valéria Manna; DECHICHI, Cláudia. (Org.). **Educação especial e educação física: saberes e práticas**. Uberlândia: Com-poser, 2009, v., p. 15-25.
10. LIMA, Solange Rodovalho; OLIVEIRA, Valéria Manna. Educação Infantil. In.: BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.
11. LIMA, Solange Rodovalho. Caminhos de chegada aos cursos de especialização em Educação Física e Esportes Adaptados. (Org.). FREITAS, Patrícia, Silvestre. **Educação Física e Esportes para Deficientes**: coletânea. Uberlândia: UFU, 2000.

Figura 131 – Capítulos de livros publicados



Estas produções são frutos de pesquisas e reflexões experimentadas no exercício profissional. Foram possíveis graças às parcerias e esforços coletivos

em direção a um objetivo comum, fruto de diálogos, sonhos, utopias e projetos desenvolvidos.

7 Considerações finais

Fecho, assim, mais um ciclo em minha jornada, um tempo precioso de minha existência, com ricas experiências, aprendizagens, crescimento pessoal e profissional, com discentes e com colegas com quem pude compartilhar realizações, vencer desafios e dificuldades e com quem a proximidade foi prazerosa. Chego a esta etapa com muita gratidão, por ter feito com muito compromisso e diligência o melhor que eu consegui e que me foi possível.

Agradeço aos/às colegas do curso de Educação Física e da unidade acadêmica, pelos momentos partilhados e pelas parcerias desenvolvidas nas atividades de ensino, extensão, pesquisa e gestão. Parafraseando minha colega, professora Camila Coimbra da FACED/UFU, digo que com alguns poucos colegas, manter a distância foi a escolha mais viável e saudável, a despeito da necessária cordialidade na relação profissional e urbanidade recomendada no serviço público.

Desde o meu ingresso na UFU como estudante, em julho de 1982, até esta etapa de promoção na carreira docente, decorreram-se quase 44 anos. Dos meus 39 anos de serviço público, 32 foram nesta universidade e destes, quase dezessete anos foi como docente concursada. Neste espaço sigo me constituindo pessoal e profissionalmente, comprometida com a qualidade e função social do serviço público.

Em minha jornada na FAEFI, atuei em conformidade ao termo que assinei no dia de minha posse, cumprindo as atribuições, os deveres, as responsabilidades e os direitos inerentes ao cargo de professora do magistério superior público, seguindo as normas de conduta dos servidores públicos civis (Brasil, 1990).

Sou orgulhosa e muito grata pelo privilégio de estudar e me formar na UFU, da graduação à pós-graduação e pela oportunidade de nela trabalhar, experimentando o sabor do ensino, da extensão, da pesquisa e da gestão. Por

tudo isto, reafirmo meu respeito e admiração a esta instituição e aos/as servidores/as que se empenham na construção diária de sua história e, que apesar de todas as dificuldades e desafios, a tornam uma referência nacional e internacional.

A promoção para a classe de professora titular, ao completar quatro décadas da conclusão do curso de Educação Física, coincidem com as mais de cinco décadas de existência do referido curso e com os quarenta anos da redemocratização do nosso País. Tudo isto torna esta etapa mais especial e representa, sem sombra de dúvidas, um marco em minha carreira e história de vida.

Que o tempo, a vida e meu pensamento crítico e lúcido, me permitam seguir defendendo o legado desta instituição! Que sigamos sonhando juntos na construção de um País onde a democracia se fortaleça cada dia mais e que a sociedade seja justa e mais equitativa, para que todas as pessoas tenham dignidade e sejam respeitadas e livres!

Coração Civil

*Quero a utopia, quero tudo e mais
 Quero a felicidade dos olhos de um pai
 Quero a alegria muita gente feliz
 Quero que a justiça reine em meu país
 Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
 Quero ser amizade, quero amor, prazer
 Quero nossa cidade sempre ensolarada
 Os meninos e o povo no poder, eu quero ver
 São José da Costa Rica, coração civil
 Me inspire no meu sonho de amor Brasil
 Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
 Bom sonhar coisas boas que o homem faz
 E esperar pelos frutos no quintal
 Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?
 Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter
 Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida
 Eu viver bem melhor
 Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar*

Fernando Brant / Milton Nascimento

Referências

ALVES, G. Entrevista Helder Silveira: Extensão pode colaborar para consolidar uma nova formação. **Revista Participação**. UNB, nº 38. dezembro 2022. Disponível em

<https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/46804/36212>.

Acesso em 20 de janeiro 2025.

AMARAL, Ana Paula do. **1979**: um olhar sobre a greve dos professores.

Monografia (1999) de conclusão de curso. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999. Disponível em

<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20748>. Acesso em 07 jan. 2025.

ANTUNES, Marina Ferreira de Souza; LIMA, Solange Rodovalho; MIRANDA, Rita de Cássia Fernandes. PROLICEF Formação Complementar em Educação Física em Tempos de Pandemia. **Revista UFG**, 2021. Goiânia. 2021, v.21: e21.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. CAPES. Pibid. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**. 2024. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em 12 de jan.2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **RESOLUÇÃO N° 7, DE 18DE DEZEMBRO DE 2018(*)(**)** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2011 – que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024.e dá outras providências. Brasília: MEC/CNE/CES, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **ESPECIAL SAÚDE. Retrospectiva 2021: as**

milhões de vacinas Covid-19 que trouxeram esperança para o Brasil.

2022. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021/dezembro/retrospectiva-2021-as-milhoes-de-vacinas-covid-19-que-trouxeram-esperanca-para-o-brasil>. Acesso em 29 de jan. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **LEI N° 8.027, DE 12 DE ABRIL DE 1990.** Dispõe sobre normas de conduta dos servidores públicos civis da União, das Autarquias e das Fundações Públicas, e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8027.htm. Acesso em 28 de março 2025.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **LEI N° 12.711, DE 29 DE**

AGOSTO DE 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 2012. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/lei/l12711.htm

Acesso em 28 de maio de 2025.

BUIATTE, Isabella Oliveira. **Produção científica sobre um projeto de ensino de graduação com o público-alvo da educação especial, nas aulas de educação física em um colégio de aplicação.** 2024. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

COIMBRA, Débora; AUTH, Milton Antônio; ARANTES, Alessandra Riposati; SANTOS, Adevalton Bernades dos. Encontros mineiros sobre investigação na escola: espaço de partilha e construção de saber. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p.01-528, jul./dez. 2022. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistinterfaces/article/view/34030/32204>. Acesso em: 25 mar. 2025

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 42, p. 259–268, 2001. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 9 fev. 2025.

FORUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, 2012.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Política Nacional de Educação Especial e seus desdobramentos na formação e atuação docente. In. PAVÃO, A. C. O.; MACHADO, A. P. R.; TONINI, A.; OLIVEIRA, G. P.; LUNARDI-LAZZARIN; PAVÃO, S. M. O. (Org) **Formação de professores em educação especial: realidades, desafios e tensionamentos**. Recurso Eletrônico. Santa Maria: Facos-UFSM, 2025

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

NOSELLA, P. Compromisso político e competência técnica: 20 anos depois. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 223-238, jan./abr. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 20 janeiro 2025.

NÓVOA, A. **Espaços comuns de formação de professores na Educação Básica**. Coordenadoria de Assuntos Comunitários/UFMG. 2025. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u8LWinCahkg>. Acesso em 10 abr. 2025.

OLIVEIRA, A. A. S. **O ponto de vista de alunos deficientes e professores especializados**. 2002, 343f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

REIS, Luna Aparecida Gonçalves dos. **PIBID: construindo caminhos para prática docente em educação física**. 2019. 108f. Dissertação (Mestrado em

Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2019.

SANTOS, B. de S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina S.A., 2020, ISBN 978-972-40-8496- 1. Disponível em: <https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wpcontent/uploads/2020/04/Livro-Boaventura-A-pedagogia-do-virus.pdf>. Acesso em 10 jan. 2025.

SILVA, A. P. **Projeto integrado da prática educativa (PIPE) das licenciaturas de ciências biológicas, física e química: desafios e possibilidades para a formação docente**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

SILVA, E. H. B., SILVA NETO, J. G.; SANTOS, M. C. Pedagogia da Pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista LatinoAmericana de Estudos Científicos**, v.1, n.4, p. 29-44, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/31695>. Acesso em 13 jan. 2025.

SILVEIRA, H. E. da. Pedagogia da Extensão: algumas reflexões emergentes. **Extensio: R. Eletr. de Extensão**, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 20, n. 45, p. 02-09, 2023. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/93945/53065>. Acesso em 25 mar. 2025.

SOUZA, N. B. da S.; MENEZES, M. L.; SOUZA, J. de; STAREPRAVO, F. A. A extinção do Ministério do Esporte no Brasil: uma análise da seção temática v. 31 n.60/2019 da revista Motrivivência. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 01-16, 2023. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e90634>.

TAFFAREL, Celi Zulke. A formação de professores de Educação Física e a formação ampliada. In: **Semana de Educação Física/UFMS**, 17., 2012, Campo Grande (MS); JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA/UFMS, 4., 2012, Campo Grande (MS). 38 f.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Resolução Sei Nº 08/2018, do Conselho de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis**. Institui o Programa de Extensão Integração UFU/Comunidade e dá outras providências. Uberlândia: UFU,2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Resolução nº 7/2020**. Dispõe sobre a instituição, autorização e recomendação de Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais, em caráter excepcional e facultativo, em razão da epidemia da COVID19, no âmbito do ensino da Graduação na Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2020a. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/atasResolucoes.php>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis. SIEX. Registro 22078. **Programa de Atividades Formativas Complementares do Curso de Licenciatura em**

Educação Física – PROLICEF/UFU. Uberlândia: UFU, 2020b. Disponível em: <http://www.sandex.proexc.ufu.br/buscarExterno>. Acesso em 10 de jan. 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Resolução Congrad Nº 124/2024. Institui as Normas do Programa de Bolsas de Ensino - PBE da Universidade Federal Uberlândia, providências. Uberlândia, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Comunica.ufu.br Proex Promove Mostra de projetos de extensão e cultura. UFU. 2013. Disponível em PROEX.promove.Mostra.de.Projetos.de.Extensão.e.Cultura.Comunica.UFU Acesso em 13 março 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. CONSUN. RESOLUÇÃO Nº 25/2019, DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO. Estabelece a Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Uberlândia: UFU/Consun, 2019.

Anexos

1 Artigos publicados

1. ANTUNES, Marina Ferreira de Souza; LIMA, Solange Rodovalho; Pibid Educação Física em tempos de pandemia: possibilidades e desafios. **Revista Imagens da Educação**, v. 14, n. 3, p. 83-102, jul./set. 2024. ISSN 2179-8427. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v14i3.70309>
2. ANTUNES, Marina Ferreira de Souza; LIMA, Solange Rodovalho; MIRANDA, Rita de Cássia Fernandes. PROLICEF Formação Complementar em Educação Física em Tempos de Pandemia. **Revista UFG**, 2021. Goiânia. 2021, v.21: e21.
3. REIS, Luna Aparecida Gonçalves dos; LIMA, Solange Rodovalho; SILVA, Francisco Felipe Pacheco da. O Atletismo como Possibilidades de Ensino na Educação Física Infantil. **Revista Fluminense de Educação Física**, Edição Especial, setembro 2021.
4. SILVA, Reverson Carlos da.; FIDALE, Tiago Montes; LIMA, Solange Rodovalho; ROSA, Fernanda Camargo; ARAÚJO, Daniel Corrêa; ARAJULO FILHO, Sérgio de; BRUNO, Renata Rodrigues. MEDEIROS, Robson da Silva. Análise da perda e do ganho rápido de peso corporal no judô. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 12139-12152 set/out. 2020. ISSN 2595-6825.
5. SOBREIRA, Vickele; LIMA, Solange Rodovalho; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A percepção dos futuros professores de Educação Física sobre a preparação no trabalho com pessoas com deficiência. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia: UFG. v.18, n.1, jan./mar. 2015.

6. RODRIGUES, M. N.; LIMA, Solange Rodovalho. Atividades motoras aquáticas na coordenação corporal de adolescentes com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (online)**, v.36, p. 369-381, 2014
7. LIMA, Solange Rodovalho; MENDES, Enicéia Gonçalves. Escolarização da pessoa com deficiência intelectual: terminalidade específica e expectativas familiares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, p. 195-208, 2011.
8. LIMA, Solange Rodovalho; ALMEIDA, Maria Amélia. Iniciação à aprendizagem da natação e a coordenação corporal de uma criança deficiente visual: algumas contribuições. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, p. 57/2-78, 2008.

2 Trabalhos técnicos

1. Revisora Periódico: Revista Práxis Educativa **2016 - Atual**
2. Revisora Periódico: Motriz: Revista de Educação Física (Online)- 2021 – atual
3. Revisora Periódico: Revista Educación Física y Ciencia - 2021
4. Membro **Comissão científica** do XII Encontro Mineiro sobre Investigação na Escola, II Seminário Institucional da Residência Pedagógica - VIII Seminário Institucional do PIBID/UFU. 2021
5. **Coordenadora de grupo de discussão** da atividade de extensão XII Encontro Mineiro Sobre Investigação na Escola do PPGECM, em parceria com II Seminário Institucional da Residência Pedagógica e VIII Seminário Institucional do PIBID – UFU – 2021
6. Membro **Comissão Científica** do XIII Encontro Mineiro sobre Investigação na Escola Maio/2023
7. Membro **Comissão Científica** do IX Seminário Institucional PIBID, III Seminário Institucional da Residência Pedagógica - UFU - 2022.
8. **Coordenadora de Interlúdio** no IX Seminário Institucional do PIBID e III Seminário Institucional da Residência Pedagógica – UFU -2022
9. Membro **Comissão Científica** do 3º Congresso de Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (CEFEPI). UFRJ - novembro/2022

10. **Parecerista Ad-hoc** de Motriz: *Journal of Physical Education* – Unesp/Rio Claro – 2021
11. Membro da **Comissão científica** do 2º Congresso de Educação Física Escolar na Perspectiva Inclusiva (CEFEPI). 2020.
12. **Coordenadora sessão comunicação oral** da IV Semana Científica da Educação Física – PET. 2010
13. **Parecerista de Trabalhos** Poster, VII Semana Científica da Educação Física. PET Educação Física, nov/ 2013
14. Membro da **Comissão Científica** da XIII Semana Científica da Educação Física. UFU. Uberlândia, 2019.
15. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no III Congresso Brasileiro de Educação Especial e VI Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2008.
16. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no IV Congresso Brasileiro de Educação Especial e VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2010.
17. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no V Congresso Brasileiro de Educação Especial e VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2012.
18. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no VI Congresso Brasileiro de Educação Especial e IX Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2014.
19. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no VII Congresso Brasileiro de Educação Especial e X Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2016.
20. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no VIII Congresso Brasileiro de Educação Especial e XI Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2018.
21. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no X Congresso Brasileiro de Educação Especial e XIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. UFSCar, 2023.
22. **Vice coordenadora do Grupo de Trabalho Temático (GTT)** Inclusão e Diferença do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no período de setembro de 2017 a setembro de 2019.

23. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 08 -INCLUSÃO E DIFERENÇA do VIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. UnB – setembro/2013
24. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 08 -INCLUSÃO E DIFERENÇA do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte. UFES – setembro/2015
25. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 08 -INCLUSÃO E DIFERENÇA do XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. UFG – setembro/2017
26. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 08 -INCLUSÃO E DIFERENÇA do XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. UFRN – setembro/2019
27. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 08 -INCLUSÃO E DIFERENÇA do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. UFCE – setembro/2023
28. **Avaliadora de trabalhos** submetidos no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 08 -INCLUSÃO E DIFERENÇA do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e XI Congresso Internacional de Ciências do Esporte. USP – setembro/2025
29. **Avaliador ad hoc** do plano de trabalho de aluno da proposta IC-CNPQ2014-0199, submetida ao [PIBIC/CNPq] Edital Nº 01/2014
30. **Avaliador ad hoc** do projeto de pesquisa do orientador da proposta IC-CNPQ2014-0199, submetida ao [PIBIC/CNPq] Edital Nº 01/2014
31. **Avaliador ad hoc** do projeto de pesquisa do orientador da proposta IC-FAPEMIG2015-0105, submetida ao Edital Nº 05/2014
32. **Avaliador ad hoc** do plano de trabalho de aluno da proposta IC-FAPEMIG2015-0105, submetida ao Edital Nº 05/2014
33. **Avaliador ad hoc** do projeto de pesquisa do orientador da proposta IC-CNPQ2015-0258, submetida ao Edital Nº 01/2015

34. **Avaliador ad hoc** do plano de trabalho de aluno da proposta IC-CNPQ2015-0258, submetida ao Edital Nº 01/2015
35. **Avaliador ad hoc** do projeto de pesquisa do orientador da proposta IC-CNPQ2015-0283, submetida ao Edital Nº 01/2015
36. **Avaliador ad hoc** do plano de trabalho de aluno da proposta IC-CNPQ2015-0283, submetida ao Edital Nº 01/2015

3 Palestras/cursos ministradas/os

1. **Aperfeiçoamento em Atividade Física para Pessoa com Deficiência - Ensino à distância.** Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Juiz de Fora. 2009
2. **Roda de conversa, Programas de Fomento: ensino, pesquisa e extensão.** VII Semana Científica da Educação Física, novembro/2013
3. **Palestra: Programas de Mobilidade Internacional: Programa Ciências sem Fronteiras (CsF), Programa de Licenciatura Internacional (PLI) e Programa MARCA/MERCOSUL,** I SEMAI Semana de ações integradas da UFU. Uberlândia, 2013.
4. **Palestrante em Roda de conversa, Relato de mobilidade: programa de licenciaturas internacionais.** VIII Semana Científica da Educação Física: “Ciências do desporto e da Educação Física: desenvolvimento humano, saúde e qualidade de vida”. FAEFI/UFU. novembro/2014.
5. **Palestrante em Mesa Redonda:** Docência na Educação Inclusiva: limites e possibilidades. In: X Semana Científica da Educação Física/UFU. Novembro/2016
6. **Palestrante em Mesa Redonda.** A formação profissional em Educação Física face à política nacional de inclusão escolar: dilemas atuais e possibilidades para a democracia e emancipação. XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte (XXCONBRACE/VII CONICE). UFG – setembro/2017.
7. **Palestrante Simpósio.** Pesquisas e práticas inclusivas em Educação Física Escolar. VII Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE)/X Encontro da Associação dos Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE). UFSCar. novembro/2018.

8. **Ministrante Mini-Curso.** Métodos e técnicas de elaboração de projetos de pesquisa. XI Semana científica Pet Educação Física/UFU. setembro/2017.
9. **Mediação da Mesa Redonda:** Possibilidades teórico-metodológicas da dança na escola. PROLICEF/UFU. 2020.
10. **Ministrante Mesa redonda:** Avaliação do PROLICEF: limites e possibilidades. PROLICEF UFU. dezembro/2020 (evento remoto)
11. **Palestrante Mesa Redonda:** A luta anticapacitista e a formação de professoras e professores, do I Fórum das Licenciaturas da Universidade Federal de Jataí (UFJ). outubro/2021. (evento remoto)
12. **Mediador Mesa Redonda:** A Relação da Extensão Universitária com o Ensino e a Pesquisa: novos paradigmas e antigos dilemas. PROLICEF UFU. Junho/2021. (evento remoto)

4 Participação em bancas

- Qualificação de Mestrado

Exame de qualificação de Mestrado: Andressa Aparecida Aleixo. **Influência tático-visual no comportamento exploratório manual de crianças com baixa visão.** Exame de qualificação (Mestrando em Educação Física) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. 2012

- Defesa de mestrado:

Membro titular de banca de Dissertação de Mestrado de Beatriz Dittrich Schimitt. **Ações motoras de crianças com baixa visão durante o brincar: cubos com e sem estímulo visual.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Fevereiro/2014

USP Banca de Dissertação de Mestrado de Beatriz Brunaldi Perez. **Educação Infantil Inclusiva: a corporeidade e o brincar na diferença.** Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP). Dezembro/2018.

- TCC de Graduação

1. Luana Maia, intitulado: **O atendimento ao aluno com deficiência na escola de educação básica da Universidade Federal de Uberlândia – ESEBA/UFU.**
2. Andressa da Silva Costa, intitulado: **Proposta de sistematização do ensino da dança para o ensino fundamental.**
3. Camila Obali Molinaroli, intitulado: **Contribuições do curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia na atuação com pessoas idosas.**
4. Débora Monzani Borba, intitulado: **Projeto de Bolsas de Graduação para a inclusão escolar de alunos com deficiência: concepções de professores de Educação Física da ESEBA/UFU.**
5. Michele da Cruz Guimarães, intitulado: **Contribuições e limites do PIBID Educação Física:** concepção dos bolsistas.
6. Jéssica Andrade Coelho Mendes, intitulado: **Impactos da inclusão escolar nas aulas de Educação Física Infantil:** o caso da Eseba/UFU.
7. Mariana Gervásio Pires, intitulado: **Pibidianos egressos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia.**
8. Priscila Borges dos Santos, intitulado: **A natação como metodologia para a reabilitação do indivíduo com deficiência intelectual.**
9. Camila Rodrigues Peixoto, intitulado: **Motivos da adesão da prática do treinamento personalizado em uma academia da zona Sul de Uberlândia.**
10. Fernanda Silva Botta, intitulado: **A concepção de pais e alunos com deficiência sobre as contribuições das atividades aquáticas do Programa de atividades físicas para pessoas com deficiência – PAPD.**
11. Marianna Batista Cardoso, intitulado: **Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD):** resgate histórico sob a perspectiva de seus participantes.
12. Paula Alves Santos, intitulado: **Saberes utilizados pelos acadêmicos na realização das atividades no programa de atividades físicas para pessoas com deficiência.**
13. Daniela de Sousa, intitulado: **A inclusão escolar nos estágios supervisionados da licenciatura:** uma visão dos discentes.
14. Teresa Cristina Ferreira, intitulado: **As diretrizes curriculares e a prática pedagógica do professor de Educação Física: recomendações para alunos com deficiência visual.**
15. Renata da Cruz Guimarães, intitulado: **Contribuições do PIBID Educação Física na formação continuada:** concepção dos professores supervisores.

- 16.**Ricardo Gonçalves da Silva, intitulado: **O PIBID Educação Física no CONBRACE**
- 17.**Juliana Cristina Silva, intitulado: **Vivenciando o Ensino de Educação Física Escolar com alunos com deficiência: concepção dos estagiários bolsistas.**
- 18.**Lucas Reis Rocha, intitulado: **A Concepção de alunos do ensino fundamental sobre o PIBID Educação Física.**
- 19.**Maria Clara Elias Polo, intitulado: **Comportamento sedentário e dificuldades encontradas para a prática de atividade física de universitários do Curso de Educação Física.**
- 20.**Nayara Gonçalves Silva, intitulado: **Fatores associados ao estilo de vida e ao comportamento sedentário de universitários do curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia.**
- 21.**Tainara Marques Ferreira, intitulado: **O que diz a produção científica nas áreas de educação e educação especial.**
- 22.**Renara Soares Ferreira Silva, intitulado: **Produção Científica do GTT Inclusão e Diferenças no Conbrace/Conice na Pandemia.**
- 23.**Isabela Amorim de Mendonça, intitulado: **Mapeamento da Produção Científica sobre Treinamento Funcional para Crianças Adolescentes, em Periódicos Nacionais de 2009 a 2023.**
- 24.**José Reginaldo Fernandes Júnior, intitulado: **Formação de professores, o Pibid e a relação teoria e prática: diálogos com a docência e a produção acadêmica.**
- 25.**Larissa Oliveira de Sousa, intitulado: **As produções acadêmicas no Pibid. Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia em Eventos Científicos.**
- 26.**Victoria Oliveira Modesto, intitulado: **A Reforma do Ensino Médio e as implicações para Educação Física.**
- 27.**Nathália Honorato Borges, intitulado: **Impacto da Pandemia de Covid-19 na Matrícula de Discentes no Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia durante o Ensino Remoto Emergencial.**
- 28.**Tayna Tamires Aparecida Borges, intitulado: **As principais dificuldades enfrentadas pelos/as docentes de Educação Física no início da carreira: uma revisão bibliográfica.**
- 29.**Jéssica Andrade Coelho Mendes, intitulado: **Impactos da inclusão escolar nas aulas de Educação Física Infantil: o caso da Eseba/UFU.**

- 30.** Marianna Batista Cardos, intitulado: **Programa de Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência (PAPD): resgate histórico sob a perspectiva de seus participantes.**
- 31.** Ana Paula Alves Santos, intitulado: **Saberes utilizados pelos acadêmicos na realização das atividades no programa de atividades físicas para pessoas com deficiência.**
- 32.** Daniela de Sousa, intitulado: **A inclusão escolar nos estágios supervisionados da licenciatura: uma visão dos discentes.**
- 33.** Fernanda Silva Botta, intitulado: **A concepção de pais e alunos com deficiência sobre as contribuições das atividades aquáticas do Programa de atividades físicas para pessoas com deficiência – PAPD.**
- 34.** Juliana Cristina Silva, intitulado: **Vivenciando o Ensino de Educação Física Escolar com alunos com deficiência: concepção dos estagiários bolsistas.**
- 35.** Lucas Reis Rocha, intitulado: **A Concepção de alunos do ensino fundamental sobre o PIBID Educação Física.**
- 36.** Renata da Cruz Guimarães, intitulado: **Contribuições do PIBID Educação Física na Formação Continuada: concepção dos professores supervisores.**
- 37.** Ricardo Gonçalves da Silva, intitulado: **O PIBID Educação Física no CONBRACE**
- 38.** Isabella Oliveira Buiatte, intitulado: **Produção Científica sobre um Projeto de Ensino de Graduação com o Público-alvo da Educação Especial, nas Aulas de Educação Física, em um Colégio de Aplicação.**
- 39.** Roseli Oliveira Amorim, intitulado: **Extensão com pessoas com deficiência na universidade federal de Uberlândia.**
- 40.** Diany Nachelly Pereira do Nascimento, intitulado: **Produção científica em educação física, esporte e acessibilidade do Congresso Brasileiro de Educação Especial, na pandemia.**
- 41.** Juliana Nunes Carvalho, intitulado: **Habilidades Motoras Fundamentais de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: Estudo de caso.**
- 42.** Yasmin dos Santos Almeida, intitulado: **As Grades Curriculares dos Currículos do Curso de Educação Física da UFU: o que dizem as mudanças das disciplinas sobre deficiência?**
- 43.** Débora Regina Silva, intitulado: **Análise da Influência do Crossfit na Autoimagem de Mulheres Praticantes de um Box de Uberlândia/MG.**